

ARQUEOLOGIA

DO CONCELHO DE OEIRAS



do Paleolítico Inferior arcaico
ao século XVIII

João Luís Cardoso

ARQUEOLOGIA

DO CONCELHO DE OEIRAS

do Paleolítico Inferior arcaico
ao século XVIII

João Luís Cardoso



Câmara Municipal de Oeiras

2011

FICHA TÉCNICA

EXPOSIÇÃO

Coordenação científica e executiva

João Luís Cardoso

Concepção e projecto museográfico

João Luís Cardoso

Equipamentos expositivos

NERVE, atelier de design, Lda. (Rui Gonçalves)

LUBÁS, Sociedade Cooperativa Operária de Fundição de Bronzes e Casquinhas CRL (Carlos Gigante)

Painéis expositivos da Expo/Celebrar Oeiras (2009), executados por Henrique Cayatte Design, com base

em conteúdos fornecidos por João Luís Cardoso

LACRE, Laboratório de Conservação e Restauro (Ana Filipa Oliveira)

Secção de Serralharia da Divisão de Equipamentos Municipais/CMO (Arnaldo do Carmo)

Equipamentos eléctricos

Secção de Electricistas da Divisão de Equipamentos Municipais/CMO (António Gonçalves e António

Piteira)

Restauro

Margarida Santos, exceptuando as peças das figuras 46 e 50 (Rui Silva) e a peça da figura 97 (Ana

Filipa Oliveira)

Montagem

João Luís Cardoso, Maria da Conceição André e Bernardo Ferreira

Secções de Carpintaria e Serralharia da Divisão de Equipamentos Municipais/CMO (Arnaldo do Carmo)

Transportes

FEIREXPO (Elisabete Ribeiro)

Divisão de Viaturas e Máquinas/CMO (com o apoio de Rui Godinho, do DPHCB/CMO)

Apoio administrativo

Maria da Conceição André

CATÁLOGO

Autor

João Luís Cardoso

Fotografia

Carlos Santos, excepto as Figuras 1, 22, 101, 110 e 111, da autoria de Bernardo Ferreira

Design catálogo e paginação

Rosa Duarte Pascoal

ISBN: 978-989-608-125-6

Impressão

SIG - Sociedade Industrial Gráfica, Lda.

Ilustração da capa

Conjunto de pesos de tear. Estabelecimento Romano de Leião (Séc. I a.C./ I d.C.)

Tiragem

1500 exemplares

Depósito Legal: 328 269/11

ARQUEOLOGIA

DO CONCELHO DE OEIRAS

do Paleolítico Inferior arcaico ao século XVIII

João Luís Cardoso

Professor Catedrático de Arqueologia e Pré-História da Universidade Aberta

Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras

(Câmara Municipal de Oeiras)

Investigador do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

Académico de Número da Academia Portuguesa da História



Câmara Municipal de Oeiras

2011

ÍNDICE

PREFÁCIO – *Isaltino Afonso Morais* | 9

um' – PREÂMBULO | 11

dois' – O PALEOLÍTICO INFERIOR E MÉDIO | 25

três' – O NEOLÍTICO ANTIGO | 37

quatro' – O NEOLÍTICO FINAL | 49

cinco' – O CALCOLÍTICO PRÉ-CAMPANIFORME | 59

seis' – A ECLOSÃO DAS CERÂMICAS CAMPANIFORMES | 75

sete' – O FINAL DA IDADE DO BRONZE | 89

oito' – A I IDADE DO FERRO | 97

nove' – A TRANSIÇÃO DA I PARA A II IDADE DO FERRO | 101

dez' – O FINAL DA IDADE DO FERRO E AS PRIMEIRAS IMPORTAÇÕES ITÁLICAS | 117

onze' – A PLENA AFIRMAÇÃO DO DOMÍNIO ROMANO | 125

doze' – OEIRAS NA IDADE MÉDIA E NA IDADE MODERNA | 153

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 169

PREFÁCIO

A presente obra corresponde ao catálogo da Exposição Permanente “Arqueologia do Concelho de Oeiras” organizada sob a orientação do Prof. Doutor João Luís Cardoso no magnífico conjunto recuperado que é hoje a Fábrica da Pólvora de Barcarena, iniciativa a que de imediato dei o meu apoio. Instalada na sala, ela própria de evidente interesse patrimonial onde, desde pelo menos o século XVIII, se produzia a refinação do salitre, componente essencial da pólvora – pretendeu dar a palavra às peças expostas, destinando-se os comentários apresentados neste catálogo a fornecer uma adequada compreensão e enquadramento tanto da função, como da época em que estas foram produzidas, situando-as, sempre que possível, nos respectivos contextos tecnológico, social, económico e cultural.

Sem integrar nenhum exemplar de excepcional raridade, o conjunto é, no entanto, muito valioso e insubstituível, pelo que significa e representa, no quadro da afirmação identitária do concelho de Oeiras, documentando um dos mais completos e ricos registos arqueológicos susceptível de ser recuperado num território de menos de 50 km² de extensão, que desde cedo e em permanência foi ocupado, pelas suas condições privilegiadas, as quais ainda hoje persistem. Os fragmentos de uma realidade definitivamente perdida a que este catálogo e a correspondente Exposição Permanente pretenderam conferir significado, aí estão, adquirindo nova vida, no quadro das actividades quotidianas, de que fizeram parte integrante. E assim, por um momento, reconhecemo-nos nas centenas e centenas de gerações anónimas outrora habitantes do espaço actualmente oeirense, que nos transmitem a fragilidade do momento presente, também ele feito de venturas e agruras intemporais, porque inerentes à própria condição humana.

A Exposição Permanente e este catálogo, assumem o objectivo essencial de contribuir, através de uma leitura original, mas baseada nos documentos que, laboriosamente, vêm sendo resgatados da terra, para o conhecimento das populações que nos antecederam no espaço geográfico que hoje ocupamos. Agora, somos nós os usufrutuários, afeiçoando-o, por direito próprio, às nossas necessidades e anseios. Mas, face àquelas, é acrescida a nossa responsabilidade. Sendo esta uma época de mudanças vertiginosas, tantas vezes irreversíveis, por nós próprios produzidas ou induzidas no território que circunstancialmente habitamos, temos a obrigação indeclinável de o legar às gerações vindouras com as mais-valias decorrentes do tempo em que vivemos: e é essa a linha de rumo que me tem norteado desde que assumi os destinos à frente da Câmara Municipal de Oeiras. Cumpre-me, pois, nessa qualidade, agradecer ao Prof. Doutor João Luís Cardoso, Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras desde a sua criação, em 1988, mais estes dois contributos essenciais – exposição e catálogo – que o Município de Oeiras lhe fica a dever, baseado no seu labor único e insubstituível de 40 anos de investigação, valorização e divulgação do Património Arqueológico oeirense. Apraz-me, a terminar, estender tais agradecimentos à Dr.ª Conceição André, ao senhor Bernardo Ferreira e ao Dr. Filipe Martins, colaboradores do Centro, que a seu modo, muito contribuíram para esta iniciativa, bem como às diversas entidades, particulares e oficiais, que, generosamente, possibilitaram o enriquecimento do acervo exposto, por dádivas ou depósitos de longa duração, doravante à disposição de todos.

Oeiras, 12 de Abril de 2011.

O PRESIDENTE



Isaltino Afonso Morais



PREÂMBULO

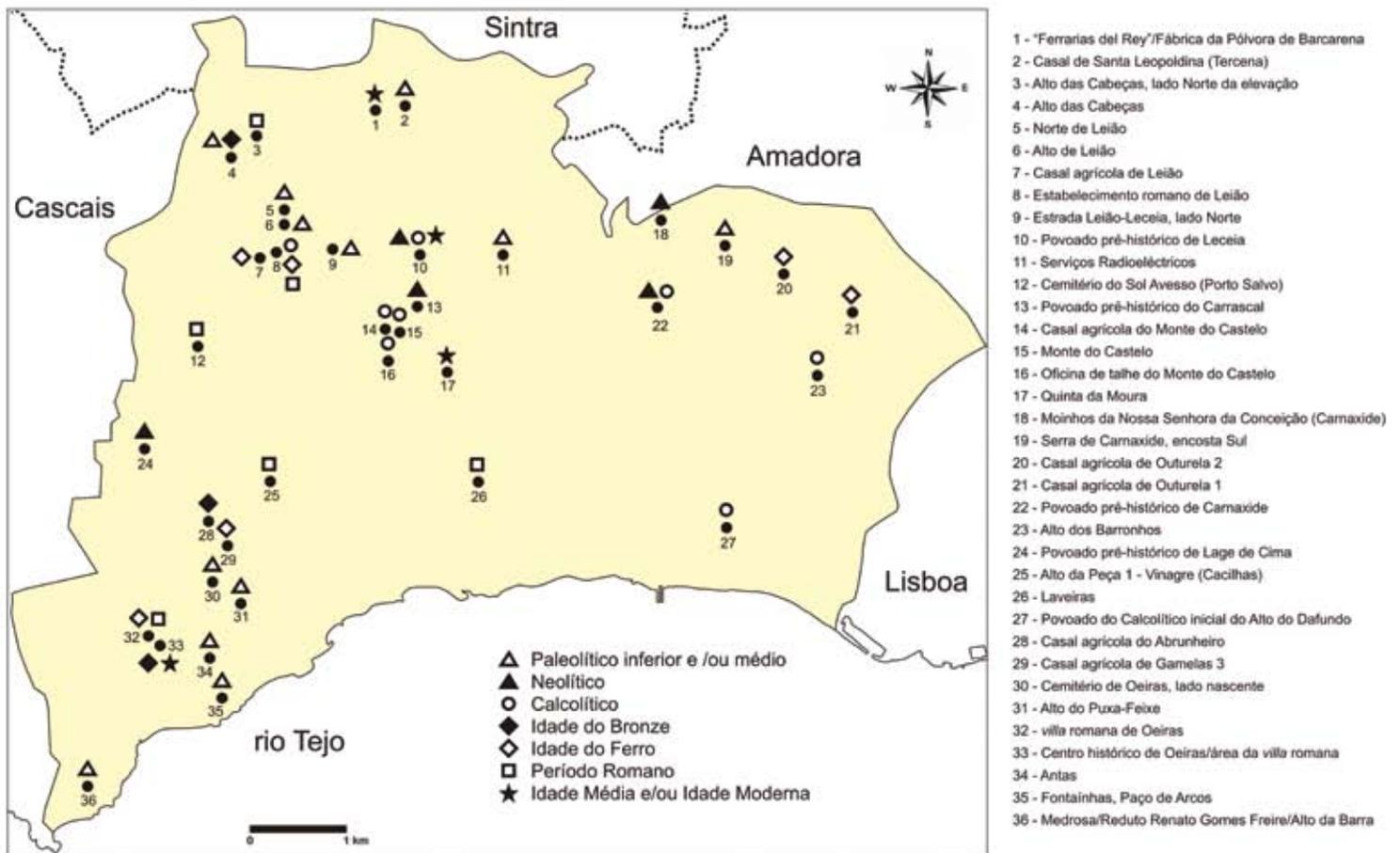


Fig. 1 – O concelho de Oeiras com indicação das estações representadas na Exposição.

Esta obra tem como base os elementos reunidos em quarenta anos de trabalhos arqueológicos desenvolvidos pelo autor no Concelho de Oeiras. Surge dez anos volvidos sobre a primeira síntese apresentada sobre a presença humana neste território, sendo evidentes os progressos alcançados desde então pela riqueza das novas informações obtidas, na quase totalidade dos casos, através de iniciativas levadas a cabo pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras.

Foi nos primórdios da década de 1970, ainda o signatário era estudante liceal, que iniciou, de forma incipiente e amadorística, nos intervalos permitidos pelas aulas, as prospecções de superfície no agora célebre povoado pré-histórico de Leceia, então ainda quase totalmente por conhecer, com excepção da sua própria existência. Os resultados desde então coligidos, mercê das escavações que no Concelho de Oeiras tem dirigido até à actualidade, são agora se apresentados publicamente pela primeira vez, numa exposição que ilustra a diversidade e complexidade das realidades arqueológicas identificadas, tomando como ponto de partida os próprios espólios exumados. Trata-se de materiais recuperados em trabalhos de campo, envolvendo intervenções em estações de diversas épocas e de características muito distintas, desde escavações de curta duração até aquelas que decorreram ao longo de décadas, como foi o caso das realizadas em Leceia, entre 1983 e 2002. No que respeita a Leceia, desde 1998 que os materiais dali provenientes se encontram adequadamente expostos, na exposição permanente existente na Fábrica da Pólvora de Barcarena dedicada a este notável sítio arqueológico, na sequência da exposição temporária organizada no ano anterior no Museu Nacional de Arqueologia, complementando assim as numerosas visitas guiadas ao sítio arqueológico, a cargo do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras. Com a criação desta nova exposição permanente de Arqueologia, na Casa do Salitre, colmata-se a lacuna de informação até agora existente, constituída por espólios recuperados em outras importantes estações arqueológicas da área concelhia, cujas intervenções conheceram significativo acréscimo após a criação, em 1988, do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras. Este novo serviço da Câmara Municipal de Oeiras cuja existência se deve à visão estratégica do Dr. Isaltino Afonso Morais, foi um dos primeiros que, no seu género, foram criados no âmbito autárquico do nosso País. Reuniram-se assim as condições para o desenvolvimento das actividades, a partir de então programadas numa base plurianual, e de uma forma mais eficaz e consequente.

Além de alguns materiais de Leceia, recolhidos nas escavações já aludidas, considerados necessários para ilustrar certos avanços tecnológicos ali bem documentados, como a metalurgia do cobre e a tecelagem, expõem-se materiais resultantes de outras escavações promovidas pelo Centro: destacam-se, pela sua importância, a estação do Neolítico Antigo do Carrascal (Leceia), explorada entre 2001 e 2005, que forneceu provas consistentes das primeiras comunidades produtoras de alimentos sedeadas na actual área concelhia, nos últimos séculos do VI milénio a.C. e os dois casais agrícolas

da Idade do Ferro da Outurela, o primeiro explorado ainda antes da existência do Centro, com a colaboração do Dr. Miguel Rego, o segundo intervencionado em 1988, também com a ajuda do mesmo, que documentaram a importância da economia agrícola, aqui vigente nos séculos VI e V a.C. Mas essa realidade tinha antecedentes, como comprovam os resultados obtidos em 2009 com a escavação do casal agrícola de Leião, onde se recolheram materiais de importação mais antigos, comprovando que a chegada dos fenícios ou dos seus intermediários a estas paragens, no decurso do século VII a.C., foi acompanhada da rápida colonização agrícola dos férteis terrenos do território oeirense, aliás já intensamente explorados desde o Calcolítico.

Mas as intervenções arqueológicas conduzidas pelo Centro e documentadas nesta exposição através dos materiais mais representativos nelas recolhidos não se confinam à Pré e à Proto-História. Importa referir os importantes contributos que também se lhe ficam a dever para o conhecimento da ocupação romana da região. Em 2008, explorou-se integralmente o estabelecimento romano de Leião, que conheceu uma curta ocupação, entre a segunda metade do século I a.C. e a primeira metade do século seguinte, interrompida bruscamente por incêndio, para não voltar a ser reocupado. Os trabalhos arqueológicos ali realizados propiciaram ainda a descoberta de um pequeno núcleo campaniforme, representado por conjunto de cerâmicas decoradas de surpreendente qualidade. Outra intervenção importante no domínio da arqueologia romana remonta a 2000, prosseguindo depois, entre 2004 e 2007, na *villa* romana de Oeiras, de onde provém célebre mosaico conhecido desde 1903. Ali se identificaram sucessivas presenças humanas, desde o Calcolítico até ao século XVIII, passando pelo Bronze Final, pelo final da Idade do Ferro, dando continuidade à presença romana de época republicana ali identificada, e prosseguindo pelo período romano alto-imperial e baixo-imperial. Apesar de escassos, merecem destaque os materiais cerâmicos de época califal e das primeiras taifas, colmatando deste modo uma lacuna incompreensível, dada a importante ocupação, de carácter predominantemente agrícola, do território a oeste de Lisboa naqueles tempos. Enfim, as produções de época portuguesa do século XVI em diante, também ali representadas, vêm comprovar a existência de um núcleo urbano pré-pombalino, ainda quase desconhecido quanto à sua real extensão e importância.

Por outro lado, as intervenções realizadas sob a égide do Centro, desde 2006, no antigo edifício das “Ferrarias del Rey”, identificado na área setentrional da Fábrica da Pólvora de Barcarena, e especialmente as escavações efectuadas em 2009 naquele antigo espaço oficial, em que tem colaborado activamente o Mestre J. L. Gomes, vieram proporcionar o acervo exposto, que se junta a outros conjuntos de época portuguesa, medievais e posteriores, recolhidos pelo Centro em diversos locais do concelho (Quinta da Moura, Leceia, Oeiras), documentando a importância da ocupação medieval e moderna do espaço rural, através das intervenções arqueológicas realizadas em estações de larga diacronia, como aliás impõe a própria natureza e atribuições do serviço.

A todos estes materiais, que, na sua quase totalidade se encontravam inéditos, somam-se ainda os recolhidos aquando dos trabalhos de campo relacionados com o levantamento da carta arqueológica do concelho, publicada pela Câmara Municipal de Oeiras em 1994, em co-autoria com G. Cardoso, também ofertante de espólios por si recolhidos em companhia do signatário ou de terceiros, em diversas áreas do concelho, em décadas anteriores. Está neste caso o conjunto do Alto das Cabeças, actualmente ocupado pelas instalações do Taguspark, que, para além de materiais paleolíticos e romanos – entre os quais uma raríssima ânfora vinária, fabricada na transição do século II/III d.C. – inclui espólios do Bronze Final, com destaque para os numerosos elementos denticulados de foices, idênticos aos recolhidos na estação de Abrunheiro, perto de Cacilhas.

A visibilidade que, por via da criação do Centro, foi conferida à prática arqueológica em Oeiras, justificou o seu reconhecimento, por parte de particulares e de entidades oficiais, cedendo exemplares que se encontravam em sua posse, que conduziram ao enriquecimento do acervo arqueológico conservado no Centro. Alguns desses espólios são agora expostos pela primeira vez: é o caso dos materiais paleolíticos cedidos pelos Drs. Manuel Leitão e Gaspar Barreira, resultantes de prospecções realizadas na região de Oeiras e de Paço de Arcos, a que se juntou o notável acervo recolhido pelo Comandante J. M. Romão da Silva, na região a Norte da estrada de Leião-Leceia. No tocante a materiais de época pós-paleolítica, encontram-se expostos alguns dos espólios oferecidos pelo Dr. João Ludgero M. Gonçalves das escavações por si realizadas no povoado do Calcolítico Inicial do Alto do Dafundo e pelo Dr. José Norton, do Monte do Castelo, correspondentes a dois sítios de natureza e cronologia distintas, uma oficina de talhe de época neolítica/calcolítica e um pequeno estabelecimento de carácter agropastoril de época campaniforme. Enfim, merece destaque a notável estela funerária de Mária Búcia, recolhida no Alto da Peça/Vinagre, perto de Cacilhas e oferecida pelos proprietários do terreno, o Senhor Germano Gonçalves Canas e seu Filho, à Câmara Municipal de Oeiras em Dezembro de 1992, a qual documenta uma bem sucedida aculturação da população de raiz indígena aos modos e práticas romanos, logo no início do século I d.C.

Do ponto de vista institucional, importa destacar a remessa, pela Câmara Municipal da Amadora, do espólio exposto proveniente da necrópole romana de Sol Avesso (Porto Salvo), aquando da intervenção arqueológica ali realizada em 1964, o qual deu entrada no Centro pouco depois da sua fundação, em 1988. À incorporação deste conjunto romano tardio, dos séculos III/IV d.C., somou-se, em Janeiro de 2006, o envio dos espólios até então conservados no Museu Municipal da Amadora, correspondentes às prospecções realizadas no território oeirense por equipas do Centro Cultural Roque Gameiro, antes da criação do concelho da Amadora, em 1979. Desse acervo, encontram-se expostos diversos materiais, como os provenientes do povoado pré-histórico de Carnaxide.

Enfim, o protocolo assinado em Dezembro de 2008 entre a Câmara Municipal de Oeiras e o Museu Nacional de Arqueologia (MNA), viabilizou o depósito de longa duração, em instalações do Centro, de materiais outrora recolhidos pelo Arq. Gustavo Marques no concelho de Oeiras, e até então à guarda daquela instituição. Deste modo, foi possível enriquecer o discurso expositivo com espólios que documentam a assinalável diversidade de épocas representadas no território concelho, desde o Paleolítico Inferior à Idade do Ferro, sendo de destacar, no respeitante a esta última, o conjunto cerâmico recolhido em Gamelas, em área hoje ocupada pelo Parque dos Poetas.

Enfim, importa registar a importante contribuição para a leitura e interpretação das peças o respectivo restauro, na sua quase totalidade a cargo da Dr.ª Margarida Santos, bem como a construção dos mobiliário expositivo, destacando-se a colaboração prestada pela firma NERVE, atelier de design, Lda., seguindo o modelo do equipamento da exposição monográfica permanente já existente, dedicada ao povoado pré-histórico de Leceia, instalada em edifício contíguo. Ficou, deste modo, garantida a necessária coerência formal do discurso expositivo seguido em ambos os espaços, implantados eles próprios em área de elevado valor patrimonial – a Fábrica da Pólvora de Barcarena – doravante complementares e de visita indispensável a todos quantos pretendam, no âmbito das suas investigações, actividades escolares, ou simples lazer, conhecer o passado do concelho de Oeiras, por via das investigações arqueológicas até ao presente nele realizadas.

A terminar, agradece-se a colaboração prestada pelo Dr. Carlos Tavares da Silva, pelo Mestre Guilherme Cardoso, pelo Tenente-Coronel Francisco Magno e pelos senhores João Pedro Colaço Duarte e José Reis Fernandes na classificação de alguns espólios arqueológicos e numismáticos, além dos agradecimentos devidos a todos quantos intervierem na realização da Exposição e do presente catálogo, cujos nomes constam da Ficha Técnica, sem esquecer a Dra. Elisabete Brigadeiro, responsável pelo Gabinete de Comunicação/C.M.O., pelo empenho e carinho dispensados à concretização desta obra.

*** **

Para uma melhor integração do discurso expositivo na realidade do terreno e na própria sequência cronológica, apresenta-se, na **Fig. 1**, a área geográfica correspondente ao concelho de Oeiras com a implantação dos sítios arqueológicos representados na Exposição. Estes e outros sítios foram integrados numa sequência cronológica representada pelo longo painel que ocupa longitudinalmente uma das paredes da Exposição, o qual, foi concebido pelo signatário e apresentado anteriormente na

Exposição Celebrar Oeiras, comemorativa dos 250 anos da criação do concelho, patente ao público entre Junho e Dezembro de 2009. Com diversas alterações e actualizações, a correspondente figura introduzida neste catálogo (**Fig. 2**) fornece de forma simples e sugestiva uma visão sintética do que foi a evolução da ocupação do território oeirense desde os primórdios, há talvez cerca de 1,5 milhões de anos, até à criação do concelho, em 1759, através dos principais materiais e evidências arqueológicas nele recolhidos.

Importa sublinhar que o repositório exposto não é exaustivo, existindo épocas que, por via de ainda delas se não terem encontrado vestígios no terreno, não se encontram representadas nem na Exposição nem, conseqüentemente, no catálogo. De outras, embora se conheçam vestígios — como é o caso do Paleolítico Superior — estes não constam dos espólios em posse da Câmara Municipal de Oeiras, o que impediu o seu aproveitamento, sem prejuízo de se encontrarem contemplados na **Fig.2**.

Fig.2 (páginas seguintes) – Sequência cronológica das principais evidências arqueológicas das ocupações humanas registadas no território oeirense (seg. J. L. Cardoso, 2009, modificado).



PALEOLÍTICO INFERIOR ARCAICO (?)



Vista antiga do Alto de Leião, onde se recolheram seixos de quartzito com rolamento marinho, atribuíveis a indústrias do Paleolítico Inferior Arcaico, com mais de 1 milhão de anos, o que as incluiria entre as mais antigas do território peninsular.
Foto de J.L. Cardoso

Dois seixos talhados atribuíveis ao Paleolítico Inferior Arcaico, recolhidos no Alto de Leião.
Foto de J.L. Cardoso

PALEOLÍTICO INFERIOR



Grande biface de quartzito primorosamente talhado, recolhido entre Leião e Leceia. Acheulense Superior.
Foto de J.L. Cardoso

PALEOLÍTICO MÉDIO

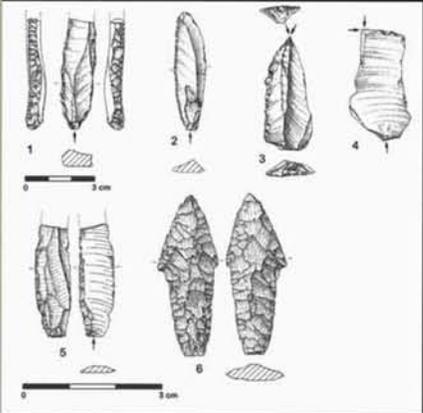


Seixo afeiçoado de quartzito. Serra de Carnaxide. Mustierense.

Ponta mustierense de sílex. Fontainhas (Paço de Arcos).

Raspador mustierense de sílex. Casal de Santa Leopoldina (Tercena).
Fotos de J.L. Cardoso

PALEOLÍTICO SUPERIOR



Conjunto de artefactos de sílex, do Paleolítico Superior, recolhidos na gruta da Ponte da Laje.

Entrada da gruta da Ponte da Laje.
Fotos de J.L. Cardoso

MESOLÍTICO

INÍCIO DOS TEMPOS PÓS-GLACIÁRIOS

2500

NEOLÍTICO
ANTIGO



Fragmentos de recipiente decorado do Neolítico Antigo. Povoador pré-histórico do Carrascal. Fotos de J.L. Cardoso

Vista parcial do sector do povoado pré-histórico do Carrascal que revelou uma ocupação do Neolítico Antigo, em curso de escavação, sob a direcção de J.L. Cardoso.



3000

NEOLÍTICO
FINAL



Conjunto de bordos denteados do povoado pré-histórico do Carrascal, característicos do Neolítico Final.

Conjunto de pontas espessas do Neolítico Final do povoado pré-histórico de Carnaxide. Fotos de J.L. Cardoso



3000

CALCOLÍTICO
OU IDADE DO
COBRE



Planta do povoado pré-histórico de Leceia. Escavações de J.L. Cardoso (1993-2002). Tratamento infográfico de B.L. Ferreira



Aspectos das escavações realizadas entre 1983 e 2002 no povoado pré-histórico de Leceia. Foto de J.L. Cardoso



2000

IDADE
DO BRONZE



Fragmentos de cerâmicas decoradas campaniformes (Grupo Inciso) de Leilão. Calcolítico Final. Fotos de J.L. Cardoso

1350

BRONZE FINAL



Denticulados sobre lascas de sílex, para serem utilizados como elementos de foices, montados em cabos de madeira, da estação do Alto das Cabeças, actualmente no perímetro do Taguspark, Bronze Final.

Fragmento de recipiente com decoração de ornatos brunidos, recolhido na área urbana de Oeiras (Rua das Alcássimas), Bronze Final.

Fotos de J.L. Cardoso

800

I IDADE DO FERRO



Leião.

À esquerda, aspecto geral do sítio com área escavada.

À direita, fragmento de prato de verniz vermelho.

Fotos de J.L. Cardoso

500

II IDADE DO FERRO



Jarro de cerâmica cinzenta fina, decorado com nervuras, do casal agrícola da Idade do Ferro da Outurela.

Fotos de J.L. Cardoso

Vista parcial do casal agrícola da Idade do Ferro da Outurela, obtida em 1985, então em curso de escavação sob a direcção de J.L. Cardoso, observando-se um alinhamento de blocos correspondente ao embasamento de um muro de habitação de planta ortogonal.

Fotos de J.L. Cardoso

150

III IDADE DO FERRO



ROMANO REPUBLICANO

Momento do transporte para o Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras, em Dezembro de 1992, da estela funerária do século I d.C. de M. Búcia, por oferta do proprietário dos terrenos onde foi encontrada, no Alto da Peça - Vinagre (freguesia de Oeiras), o senhor Germano Gonçalves Canas e seu filho.

Foto de G. Cardoso

ROMANO IMPERIAL

Pormenor da parte epigrafada da estela de M. Búcia.

Foto de G. Cardoso

Cabeça romana (?) de mármore sacardí-de, oriunda do Jardim Municipal de Oeiras, provavelmente para ali transportada da vilis romana próxima.

Foto de J.L. Cardoso



Lucerna do século III/IV d. C. recolhida numa sepultura da necrópole romana de Porto Salvo.

Foto de J. L. Cardoso



Tigeta de *terra sigillata* clara, atribuívet a finais do século III/meados do século IV d.C. recolhida numa sepultura da necrópole romana de Porto Salvo.

Foto de J. L. Cardoso

Fotografia da necrópole tardo-romana /alto-medieval da Quinta da Costa/ Deiras, obtida em 1901 por José Ângelo Rodrigues. Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia.

Segundo J. L. Cardoso e J. R. Carneiro



POVOS
GERMÂNICOS

395

Fragmento da base de caneca ou púcaro. Período da Reconquista. Séculos XIII/XIV.

Fragmento de bordo e parede de tigela revestida a vidro melado. Período califal/primeiras Taifas. Século X/XI.

Fragmento de bordo de tigela ou de atafor com decoração a pente. Período califal. Século X/inícios século XI.

Fotos de J.L. Cardoso



INVASÃO
ÁRABE

711

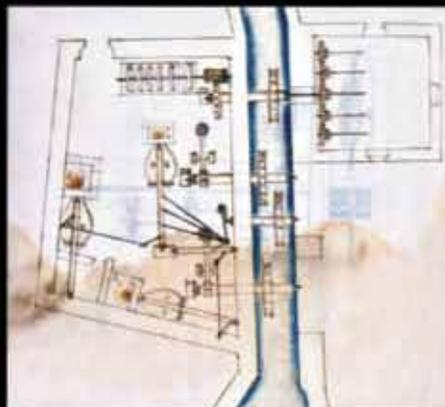
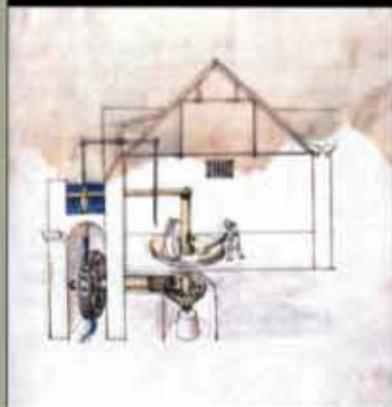


Imagem da esquerda:
Conjunto de moedas recolhidas nas escavações do povoado pré-histórico de Lecesia.
Em cima: dinheiro de D. Diniz.
Ao centro: ceitil de D. Afonso V, cunhado em 1446/1448.
Em baixo: ceitil de D. Afonso V, cunhado em 1457.
Fotos de J.L. Cardoso

Imagem da direita:
Conjunto de moedas recolhidas nas escavações do povoado pré-histórico de Lecesia.
Em cima: ceitil de D. Afonso V, cunhado em 1457.
Em baixo: ceitil de D. Afonso V, cunhado entre 1458 e 1460.
Fotos de J.L. Cardoso

Reprodução da folha 84 do códice 12 892 da BNP, de Leonardo Turriano, atribuído aos anos de 1621/1622, ilustrando o processo de produção da pólvora na Fábrica da Pólvora de Barcarena, através do sistema de galgas, movidas a energia hidráulica.

Reprodução da folha 87 do códice 12 892 da BNP, de Leonardo Turriano, atribuído aos anos de 1621/1622, ilustrando os diversos engenhos que se encontravam instalados na oficina das Ferrarias del Rey, em Barcarena.

Vista parcial das escavações realizadas no edifício das "Ferrarias del Rey" em Barcarena.
Foto de J.L. Cardoso

Formenor de cunhal da Fábrica da Pólvora de Barcarena (onde actualmente se encontra instalado o Museu da Pólvora Negra), evidenciando duas fases construtivas, a mais antiga correspondente ao edifício do tempo de Leonardo Turriano (primeiro quartel do século XVII), a segunda correspondente à remodelação do tempo de António Cremer (inaugurada em 1729).

Conjunto de quatro gravuras sobre chapa de cobre ilustrando o interior de uma oficina de espingardeiro portuguesa do século XVII, tal como a existente nas Ferrarias del Rey, em Barcarena. Da obra *Espingarda Perfeyta*, de César Fiosconi e Jordam Guserio, publicada em Lisboa, na Oficina de António Pedrozo Galtram, em 1718.



Aspectos da intervenção realizada no local do Forte de Nossa Senhora da Conceição, em Argés, sob a égide do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras, após a identificação daquela estrutura militar dos finais do século XVII, na sequência de demolição do edifício que a cobria.

Fotos de J.L. Cardoso



Página de rosto do Vol. VI da obra *Gabinete Historico*, de Fr. Cláudio da Conceição, publicada em Lisboa, no ano de 1820, na impressão Regia, onde se descreve a inauguração da Fábrica da Pólvora de Barcarena, em 1729 (à direita).

Cais de embarque da pólvora em Caxias, na actualidade.

Foto de M.C. André



1700

1729

1758



Fig. 3 – Seixos afeiçãoados e rolados após o talhe do Alto de Leião. Quartzito. Comp. máx. do exemplar da direita: 5,5 cm. (CEACO, colheita J. L. Cardoso e C. Penalva).

dois'

O PALEOLÍTICO
INFERIOR
E MÉDIO



Fig. 4 – Seixo afeiçoado da estação de Medrosa / Reduto Renato Gomes Freire / Alto da Barra. Quartzito. Comp. máx.: 17,0 cm (MNA / colheita G. Marques).



Fig. 5 – Pequeno biface da estação de Medrosa / Reduto Renato Gomes Freire / Alto da Barra sobre seixo. Quartzito. Comp. máx.: 6,9 cm (MNA / colheita G. Marques).

EXPOSITOR 1 | O PALEOLÍTICO INFERIOR ARCAICO

Alto de Leião (CEACO/colheita J. L. Cardoso e C. Penalva)

1 a 3 – Seixos afeiçãoados; Fig. 3

Na segunda metade da década de 1970, a região litoral da Estremadura foi objecto de programa orientado e metodicamente levado à prática para a prospecção de retalhos de antigas praias elevadas, ocupando em geral altos isolados, pela erosão. No concelho de Oeiras, as prospecções de campo então realizadas pelo signatário, em companhia de C. Penalva, conduziram à identificação, em zona adjacente do lado norte da estrada de Leião a Leceia, de uma concentração de seixos de quartzito muito bem rolados e de pequenas dimensões, em geral achatados, denotando meio flúvio-estuarino, a cerca de 150 m de altitude. Do antigo depósito detrítico já quase nada restava, dispersando-se os seixos pelas terras basálticas, onde se tornavam particularmente visíveis após as lavras.

Os seixos trabalhados, se bem que de exclusiva recolha superficial, ostentam rolamento pela água sobre as superfícies lascadas. Sendo impossível provirem de áreas de cotas mais elevadas, que pudessem justificar o boleamento das superfícies, é forçoso concluir-se que este se deve à acção flúvio-marinha, correspondente a um sector da margem do paleoestuário do Tejo. Pelo incontroverso lascamento intencional que alguns dos seixos ostentam, o Alto de Leião foi incluído no conjunto das estações pré-acheulenses, de idade calabriana (Cardoso & Penalva, 1979), entre 1 e 1,5 milhões de anos. Tão alta antiguidade, no contexto europeu e peninsular, não deixa de ser problemática, até porque as evidências são precárias (ausência de estratigrafia, de depósitos conservados e de datações relativas, através das faunas, ou absolutas, através da datação radiométrica dos correspondentes depósitos; mas, como bem se sublinhou em estudo de síntese ulteriormente publicado, a questão, tanto no caso desta estação, como na generalidade das restantes evidências identificadas em Portugal, está longe de se encontrar definitivamente resolvida, independentemente da perspectiva adoptada (Raposo & Cardoso, 2000).

EXPOSITOR 1 | O PALEOLÍTICO INFERIOR (ACHEULENSE) E AS INDÚSTRIAS DE SEIXOS AFEIÇOADOS E DE BIFACES DOS DEPÓSITOS QUATERNÁRIOS SOBRE O LITORAL ACTUAL

Medrosa/Reduto de Renato Gomes Freire/Alto da Barra

4 a 12 – seixos afeiçãoados de quartzito. (4 a 19, MNA/colheita G. Marques; 10 a 12 – CEACO, colheita J. L. Cardoso, M. Leitão e C. T. North); **Fig. 4**

13 – biface de pequenas dimensões sobre seixo de quartzito (MNA/colheita G. Marques); **Fig. 5**

Um dos testemunhos mais interessantes destas presenças costeiras situava-se na área do reduto de Renato Gomes Freire - Alto da Barra; correspondia à existência de um nível detrítico grosseiro, integrando-se no conjunto das praias tirrenianas que acompanham a linha de costa, a altitudes de 20 a 25 m acima do nível do mar actual, do Guincho à foz do Tejo. Este retalho marinho quaternário era conhecido de há muito: já na Carta Geológica dos Arredores de Lisboa (Choffat, 1935) se encontra assinalado, na zona a oriente da fortaleza de São Julião da Barra. A sucessão estratigráfica observada em antiga saibreira, hoje totalmente desaparecida, comportava, na base, um nível de areias finas argilosas, sobrepostas por areias grosseiras e seixos, alguns deles afeiçãoados e recolhidos *in situ* (Breuil & Zbyszewski, 1945, p. 241-246). O depósito observado e descrito pelos dois autores em 1941 ou 1942 desapareceu, por certo devido à construção da estrada marginal. Entretanto, no decurso da construção do complexo habitacional do Alto da Barra, na primeira metade da década de 1970, novos cortes foram executados, permitindo a observação directa em outras áreas do referido depósito em profundidade. Data dessa época a recolha de novos materiais pelo signatário, por Manuel Leitão e C. T. North, os quais entretanto foram estudados (Zbyszewski *et al.*, 1995). Trata-se de uma indústria sobre seixos de quartzito (**fig. 4**); algumas peças tipologicamente mais definidas indicam o Acheulense Superior, o que está de acordo com a época atribuída, por critérios geológicos, ao referido depósito. Saliente-se que este local, hoje totalmente desaparecido, correspondia à única estação do Paleolítico Inferior do concelho de Oeiras não relacionada com os afloramentos do Complexo Vulcânico de Lisboa.

Excepcionalmente, podem ocorrer peças acheulenses características, como bifaces, de que se seleccionou um exemplar, de pequenas dimensões, sobre seixo de quartzito, de talhe bifacial imperfeito (**Fig. 5**).

EXPOSITOR 1 | O PALEOLÍTICO MÉDIO (MUSTIERENSE) E AS INDÚSTRIAS DO COMPLEXO VULCÂNICO DE LISBOA

Alto das Cabeças

14 a 17 – núcleos discóides de quartzito (14 e 15, CEACO/colheita J. L. Cardoso e G. Cardoso; 16 e 17, MNA/colheita G. Marques); **Fig. 6**

Cemitério de Oeiras, Lado Nascente (CEACO/colheita M. Leitão)

18 – Núcleo poliédrico sobre seixo de quartzito
19 – Uniface sobre lasca sobre seixo de quartzito
20 – Furador sobre lasca de sílex
21 – Raspador sobre lasca de sílex
22 – Núcleo poliédrico de quartzito

Serra de Carnaxide, Encosta Sul (CEACO/colheita J. L. Cardoso e G. Cardoso)

23 – Seixo afeiçoado de quartzito; **Fig. 7**
24 – Biface de quartzito espesso sobre seixo, Talaíde – encosta Nascente da ribeira

Norte de Leião (CEACO/Colheita Comandante J. M. Romão da Silva)

25 a 29 e 31 – Conjunto de furadores (25 a 29) e denticulado (31); **Fig. 8**

Casal de Santa Leopoldina (Tercena) (CEACO/colheita J. L. Cardoso e G. Cardoso)

30 – Raspador duplo de sílex; **Fig. 9**

Alto do Puxa-Feixe (CEACO/colheita Gaspar Barreira)

32 – Ponta sobre lasca de quartzito cujo córtex se conserva integralmente no anverso – Alto do Puxa-Feixe

Estrada de Leião – Leceia, lado Norte (CEACO/colheita Comandante J. M. Romão da Silva)

33 – Núcleo de quartzito de talhe bifacial sobre seixo
34 e 35 – Raspadores sobre lasca de sílex
36 – Ponta mustierense de sílex; **Fig. 8**

Fontainhas, Paço de Arcos (CEACO/colheita Gaspar Barreira)

37 – Seixo afeiçoado de quartzito
38 – Núcleo discóide mustierense de sílex

Antas (CEACO/colheita Gaspar Barreira)

39 – Núcleo discóide mustierense de sílex

Boa parte do concelho de Oeiras encontra-se ocupado por terrenos basálticos. Mercê das suas características, tais terrenos são favoráveis à retenção da água em toalhas superficiais, facto que resulta na ocorrência de numerosas nascentes. A abundância de água, facilmente disponível, conjugada com relevo pouco acidentado, em parte resultante da disposição tabular das próprias escoadas lávicas, justifica a antevisão de ambiente natural cuja cobertura vegetal seria semelhante à actual savana africana, e onde abundaria a caça. Reuniam-se, assim, condições favoráveis à circulação de grupos de caçadores-recolectores, no decurso de largo lapso temporal de muitas centenas de milhares de anos, até a plena afirmação do Homem moderno na região, o que só viria a acontecer há cerca de 30 000 anos antes do presente.

As condições altamente propícias à presença de grupos de caçadores-recolectores, neste espaço confinado a Oeste e Sul respectivamente pelo Oceano e pelo rio Tejo, de clima favorável à vida em acampamentos de ar livre, dada a proximidade amena do Oceano e a baixa latitude, a que se soma o longo lapso temporal em que tais condições vigoraram, explica a extraordinária abundância de materiais paleolíticos distribuídos pela vasta área ocupada por solos basálticos que, de uma forma quase contínua, se desenvolvem desde a região de Cascais até à de Loures, formando um longo arco de círculo em torno da capital: por tal motivo, a extensa mancha paleolítica reconhecida nesta região tem sido designada por Paleolítico do Complexo Vulcânico de Lisboa.

Às condições referidas, acresce a disponibilidade de matéria-prima, representada essencialmente pelo sílex do Cretácico e, em menor grau, pelos seixos de quartzo e de quartzito, oriundos de antigas coberturas do Plio-Plistocénico, hoje quase totalmente desaparecidas. Tendo presentes as características técnico-tipológicas da utensilagem, o auge da presença humana na região deve ter-se verificado no decurso do Mustierense.

Pertencem ao espaço concelhio abundantes estações que se inscrevem naquela designação, algumas delas conhecidas desde os trabalhos pioneiros de Vergílio Correia e de Joaquim Fontes, na segunda década do século XX, que prosseguiram a partir da década de 1930 por A. do Paço e E. Jalhay. Em 1932, A. do Paço na sua “Carta Paleolítica e Epipaleolítica de Portugal, cartografou 94 estações paleolíticas em torno da cidade de Lisboa (Paço, 1932). As referenciadas no concelho de Oeiras, são as da Quinta de Salregos, Quinta de Alfragide de Baixo, Monte dos Barronhos, Linda-a-Pastora, Linda-a-Velha, Tercena, Valejas, Leceia, Penas Alvas (ou Pedras Alvas), Fontainhas e Alto do Puxa Feixe, lista que, no que ao concelho de Oeiras diz respeito, não sofreu alteração na actualização apresentada pelo Autor anos depois (Paço, 1940).

As prospeccões prosseguiram depois, por iniciativa de H. Breuil e G. Zbyszewski, entre meados de 1941 e finais de 1942, período em que o eminente pré-historiador francês permaneceu em Portugal. Mais tarde, as prospeccões realizadas a partir da década de 1970, por diversas equipas independentes, permitiram alargar significativamente o registo arqueológico conservado, de que resultou obra de síntese (Cardoso, Zbyszewski & André, 1992), com base na qual se seleccionaram os materiais expostos. Trata-se de artefactos executados sobre seixos rolados, resultantes de antigas coberturas detríticas já completamente desaparecidas, contemporâneos da produção de artefactos sobre lascas de sílex, obtidos a partir de núcleos mustierenses típicos.

Não obstante os vestígios recolhidos nesta vasta região basáltica serem, exclusivamente, de superfície, a sucessão tecno-industrial e cultural é coerente, desde as estações mais ocidentais, no concelho de Cascais, até às mais orientais, situadas já no concelho de Loures, passando pelo núcleo de maior densidade de vestígios, na região da Amadora.



Fig. 6 – Núcleo discóide bifacial mustierense da estação do Alto das Cabeças sobre seixo. Quartzito. Diâmetro: 6,5 cm (CEACO / colheita J. L. Cardoso e G. Cardoso).

Deste modo, é lícita a designação de tal conjunto de estações – que constituem uma das manchas paleolíticas mais importantes da Europa – por “Paleolítico do Complexo Vulcânico de Lisboa”, expressão detentora de significado cronológico e cultural bem definido. A estas concentrações de materiais no terreno, H. Breuil e G. Zbyszewski negam o estatuto de verdadeiras estações: não o são, com efeito, no sentido tradicional do termo, querendo-as fazer corresponder a distribuições delimitadas de material com posição estratigráfica bem definida (Breuil & Zbyszewski, 1942, p. 32).

A dispersão das peças, bem como a sua mistura no decurso dos tempos, com outras, mais modernas, seria por certo a razão determinante dos dois autores citados que impedia a classificação como verdadeiras estações de tais ocorrências. Actuadas pela gravidade, as peças acumular-se-iam a meia encosta, enquanto nos morros afloravam as rochas do substrato basáltico e, no fundo dos vales, os sedimentos finos, cobrindo os níveis mais antigos contendo materiais paleolíticos: deste modo, todos os materiais estariam em posição derivada, isto é, fora do contexto em que foram abandonados pelo homem pré-histórico. Assim se poderá explicar a ausência de estratigrafia que caracteriza tais ocorrências mas não, no nosso entender, o carácter circunscrito que muitas delas ainda evidenciavam na altura da sua localização, apesar dos intensos trabalhos agrícolas, efectuados em tais terrenos, ao longo de muitos séculos. Com efeito, a distribuição das estações não só não é aleatória, vista globalmente, com uma evidente concentração, de cerca de duas estações por km² na região entre Carnaxide e Queluz (Casal dos Mochos), passando por Damaia e pela parte meridional da Amadora, como se podem delimitar no terreno as principais concentrações de materiais. Neste sentido, concorda-se com a perspectiva defendida por Joaquim Fontes que, já em 1912, declarava (Fontes, 1912, p. 13): “Não são vestígios de uma grande estação, mas caracterizadas estações com instrumentos típicos. São efectivamente pouco afastadas umas das outras, mas por isso, como à primeira vista pareceria, não implica que formem uma única. Se assim fosse, não se compreenderia o encontrarem-se, por exemplo, instrumentos em abundância na de A da Maia, e nenhuns no espaço que medeia entre esta e o Casal das Osgas”. Sem dúvida, estas judiciosas considerações poderiam aplicar-se facilmente às estações do Complexo Vulcânico de Lisboa existentes no concelho de Oeiras que forneceram maior números de peças: Linda-a-Pastora (594); Leião-Norte (1105); e Fontainhas – Paço de Arcos (422, mais 140 do lado Oeste) (Cardoso, Zbyszewski & André, 1992). Mercê deste exaustivo estudo de conjunto efectuado sobre as ocorrências registadas no actual território oeirense, reconheceu-se nítida dependência entre a natureza das matérias-primas utilizadas e as fontes onde se encontravam naturalmente disponíveis. Assim, nos domínios mais ocidentais, próximos dos afloramentos de calcários cretácicos, onde o sílex era abundante, sob a forma de nódulos, é esta a matéria-prima que predomina; a zona média e também nuclear deste grupo de estações parece constituir termo de transição entre o uso desta rocha e o recurso ao quartzo, sob a forma de seixos rolados. Tal facto explica-se pela maior distância que teria de ser percorrida até às fontes de sílex; não obstante, a sua presença,



Fig. 7 – Seixo afeiçoado. Quartzito. Serra de Carnaxide, encosta sul. Comp. máx.: 23 cm (CEACO / colheita J. L. Cardoso e G. Cardoso).



Fig. 8 – Conjunto de artefactos mustierenses. Em cima: furador sobre seixo. Quartzito. Estação a Norte de Leião. Comp. máx.: 3,3 cm; em baixo, à esquerda: furador sobre lasca de sílex. Estação a Norte de Leião. Comp. máx.: 3,5 cm; em baixo, à direita: ponta sobre lasca de sílex. Estação da Estrada de Leião – Leceia, lado Norte. Comp. máx.: 3,4 cm (CEACO / colheita J. M. Romão da Silva).

ainda dominante, demonstra que foi objecto de procura, exploração e transporte, para os locais onde, ulteriormente, foi transformado. Enfim, nas estações paleolíticas mais orientais, já situadas no concelho de Loures, é o quartzo filoneano, directamente obtido nos depósitos detríticos grosseiros do Cenozóico, aflorantes na região limítrofe, que constitui o grosso da utensilagem. Tais factos ilustram, expressivamente, o papel das condicionantes geológicas nas características industriais das referidas associações líticas.

Apesar das dezenas de milhar de peças recolhidas desde os inícios deste século, época em que a região começou a ser sistematicamente prospectada, jamais se reconheceu em qualquer dos locais indícios de estratigrafia: são, sempre, materiais de superfície, situação extensiva aos cerca de uma trintena de sítios identificados no território de Oeiras.

A região ribeirinha do antigo estuário plistocénico do Tejo foi também preferida por estes mesmos grupos de caçadores-recolectores tendo em vista a abundância dos recursos aí disponíveis e facilmente colectáveis. Recolheram-se materiais mustierenses absolutamente típicos, em zonas em que o Complexo Vulcânico de Lisboa atingia a linha de costa, como é o caso na região entre Paço de Arcos e o Forte das Maias. Tal facto significa que os caçadores-recolectores do Paleolítico Médio, dispersos pelas áreas mais interiores da península de Lisboa, também frequentavam a zona costeira, muito embora a sua economia alimentar se baseasse, sobretudo, na caça, mais do que na recollecção.



Fig. 9 – Raspador duplo sobre lasca de sílex. Casal de Santa Leopoldina (Tercena) (CEACO / colheita J. L. Cardoso e G. Cardoso).



Fig. 10 – Par de polidores para machados ou enxós, do povoado do Neolítico Antigo do Carrascal. Em cima, de basalto; em baixo, de arenito. Comp. máx. deste último: 21,0 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

três'

O NEOLÍTICO ANTIGO



Fig. 11 – Artefactos de pedra polida do povoado do Neolítico Antigo do Carrascal executados em xistos argilosos e siliciosos de origem regional. À esquerda: enxó; à direita: machado. Comp. máx. deste último: 11,7 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

Fig. 12 – Artefactos de pedra polida do povoado do Neolítico Antigo do Carrascal executados em rochas ígneas (à esquerda e à direita) ou em xisto argiloso silicioso compacto (ao centro). Comp. máx. deste último: 7,8 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

EXPOSITOR 2 | O NEOLÍTICO ANTIGO

Povoado pré-histórico do Carrascal. Ocupação do Neolítico Antigo

(CEACO/escavações dirigidas por J.L. Cardoso)

1 e 2 – Polidores de artefactos de pedra polida, de arenito e de basalto; **Fig. 10**

3 e 4 – Percutores de sílex

5 a 9 – Pequenos machados e enxós de pedra polida executados em rochas de origem local ou regional; **Fig. 11; Fig. 12**

10 – Núcleo de lamelas de cristal de rocha

11 a 16 – Núcleos de lâminas e de lamelas de sílex

17 – Conjunto de lâminas, lamelas e esquirolas de talhe de sílex; **Fig.13**

18 a 28 – Furadores de diversos tipos

29 – Segmento de sílex; **Fig. 14**

30 e 31 – Entalhes de sílex

32 a 34 – Denticulados de sílex

35 – Raspador sobre lasca de sílex

36 – Conjunto de resíduos do talhe de sílex

37 – Grande raspador sobre metade de seixo de quartzito

38 – Escopro / Goiva obtido por seccionamento oblíquo de osso longo escurecido e endurecido pelo calor

39 – Elemento de colar sobre canino de raposa perfurado na raiz; **Fig. 15**

40 a 44 – Fragmentos de cerâmica com decoração impressa cardial ou afim; **Fig. 16**

45 e 48 – Fragmentos de vasos parcialmente restaurados com decoração incisa e plástica, um deles com acabamento da superfície a almagre; **Fig. 17**

46 e 47 – Fragmentos de grandes recipientes de armazenamento

49 a 66 – Fragmentos de cerâmica decorada incisa e impressa e elementos de prensão de diversos tipos igualmente decorados; o exemplar do canto inferior direito é decorado pela técnica cardial; **Fig. 18**

67 – Cabo de colher com perfuração

68 – Asa de recipiente com decoração puncionada e incisa; **Fig. 18**, à esquerda.

EXPOSITOR 3 | POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DO CARRASCAL. OCUPAÇÃO DO NEOLÍTICO ANTIGO (CEACO/escavações dirigidas por J.L. Cardoso)

Moinho manual: dormente de calcário encontrado *in situ* e movente de granito de Sintra; Fig. 19

O Carrascal (nome derivado de ali existir uma pequena mata de sobreiros semi-espontâneos) corresponde a local implantado a meia encosta direita do vale da ribeira de Barcarena, em estreita relação com esta linha de água e com o estuário do Tejo, a cerca de 3 km de distância. Os materiais do Neolítico Antigo ocorrem em fina camada castanho-avermelhada, directamente assente no substrato geológico, constituído por calcários duros recifais cretácicos do Cenomaniano Superior, formando um lapiás incipiente, aproveitando-se o espaço entre blocos para a instalação das estruturas habitacionais e, eventualmente, funerárias. As primeiras estão representadas por lajeados de extensão reduzida e por um dormente de mó, encontrado ainda *in situ*, a par de um polidor para a confecção de artefactos de pedra polida, colocado encostado a afloramento. Esta camada encontrava-se sobreposta por outra, contendo materiais do Neolítico Final. Assim, no decurso da escavação, foi por vezes muito difícil estabelecer uma separação nítida entre ambas as camadas, com a consequente dificuldade de



Fig. 13 – Lamelas de sílex do povoado do Neolítico Antigo do Carrascal, algumas com lascamento térmico, evidenciado pelo brilho. Comp. máx. da maior: 3,0 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

reportar ao Neolítico Antigo os materiais incorporados na área de contacto, dificuldade acrescida pela escassa potência da respectiva camada mais antiga, apenas ultrapassada com base nas diferenças tipológicas previamente identificadas entre espólios dos dois conjuntos arqueológicos. Contudo, se foi possível ultrapassar tal situação, já o mesmo não se verificou quanto aos materiais faunísticos. Tal realidade encontra-se reflectida nas datações absolutas entretanto obtidas pelo método tradicional, as quais revelavam cronologias díspares, cuja explicação poderia residir na mistura de materiais do Neolítico Antigo, com outros do Neolítico Final, nas amostras seleccionadas para análise. Assim, a datação mais antiga do conjunto das obtidas, já publicada (Cardoso, Silva & Soares, 2008) corresponderia à idade mais moderna do Neolítico Antigo do conjunto:

Sac-1949 – 6030+/- 60 BP.

Este resultado, fazendo uso do programa CALIB 4.4 (Stuiver & Reimer, 1993, radiocarbon, 35, p. 213-230) e com base na curva de Stuiver *et al.* (Radiocarbon, 40, 1998, p. 1041-1083) – INTCAL 98, conduziu aos seguintes intervalos, para 2 sigma:

5194-5182; 5063-4775; 4748-4737 cal BC.

No entanto, como se disse, nada garantia que não houvesse algum elemento mais moderno introduzido na amostra, suficiente para distorcer o resultado. Para ultrapassar esta limitação, impunha-se a realização de um conjunto de datações por AMS, susceptíveis não só de datar com precisão a cronologia da ocupação do Neolítico Antigo, mas, também, a correspondente ao Neolítico Final, as quais foram obtidas no âmbito das actividades desenvolvidas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). Os resultados, comunicados em Março de 2010, e prontamente dados a conhecer (Cardoso, 2010), foram os seguintes, no que respeita às duas datas relativas ao Neolítico Antigo:

1 – Beta-276401 – 6280 +/- 40 BP, sobre M/1-2 esquerdo de *Bos taurus*.

Esta data corresponde à intersecção na curva de calibração, recorrendo ao programa INTCAL04 (Radiocarbon, 2004, 46-3) em 5310 cal BC e ao intervalo, para 2 sigma, de 5370-5220 cal BC.

2 – Beta-276403 – 6230 +/- 40 BP, sobre a raiz de um M\2 esquerdo de *Bos primigenius* (auroque) recolhido na base da camada arqueológica.

Esta data corresponde à intersecção na curva de calibração, recorrendo ao programa INTCAL04 (Radiocarbon, 2004, 46-3) em 5220 cal BC e ao intervalo, para 2 sigma, de 5180-5060 cal BC.

Pode, pois, concluir-se que a ocupação do Neolítico antigo decorreu nos últimos três séculos do VI milénio a.C.

Esclarecida a questão da cronologia desta presença do Neolítico Antigo, importava averiguar a natureza do correspondente registo arqueológico. Assim, embora estejam apenas publicados os materiais da campanha de escavações de 2003 (Cardoso, Silva & Soares, 2008) – faltando a análise dos espólios recolhidos em 2004 e em 2005 – regista-se, entre a utensilagem lítica, a presença de núcleos, de lâminas e lamelas (**Fig. 13**), furadores, raspadores, truncaturas, peças de bordo abatido, entalhes e denticulados, peças com retoques marginais e parciais e geométricos, representados por segmentos, executados em sílex anegrado de origem provavelmente local (**Fig. 14**). Aliás, o talhe do sílex, que ocorre em abundância sob a forma de nódulos branco-acinzentados, no seio dos calcários cretácicos, foi seguramente uma das principais actividades ali desenvolvidas, existindo provas do recurso ao pré-aquecimento das massas líticas. As cerâmicas, onde se assinala a presença de um variado conjunto de técnicas e padrões decorativos, revelam, tanto pela abundância, como pela ocorrência de grandes vasos de armazenamento, um estacionamento do tipo residencial, de carácter peri-anual, aliás sublinhado pela presença de gado bovino, como comprova o dente de *Bos taurus* sobre o qual se efectuou uma das datações, a par dos ovino-caprinos e de suínos (desconhecendo-se se domésticos ou selvagens). A alimentação era certamente complementada pela produção de farináceos (desconhecendo-se se obtidos de grão de

Fig. 14 – Segmento de sílex anegrado com inclusões do povoado do Neolítico Antigo do Carrascal. Comp. máx.: 1,8 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

Fig. 15 – Canino de raposa perfurado na raiz, para servir de adorno, do povoado do Neolítico Antigo do Carrascal. Comp. máx.: 2,6 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).





Fig. 16 – Conjunto de cerâmicas cardiais ou afins do povoado do Neolítico Antigo do Carrascal. Comp. máx. do ex. do canto inferior dir.: 5,0 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

cereais ou da farinação de bolotas), e ainda pela recollecção, tanto no litoral do estuário do Tejo, então de maior amplitude, como comprova a grande abundância de conchas de *Patella* sp., como no pequeno estuário então formado na confluência da ribeira de Barcarena com aquele, onde, na maré baixa, e em fundos vasosos, se recolectariam ostras, igualmente bem representadas no registo arqueológico. É interessante notar que este molusco é residual na alimentação das populações do Neolítico Final e do Calcolítico de Leceia, denotando que o assoreamento daquele pequeno estuário estaria quase concluído nos últimos séculos do IV milénio a.C.

No conjunto, as produções cerâmicas são dominadas por duas formas principais: a taça em calote, de bordo simples, com diâmetros que chegam a atingir 30 cm e os vasos esferoidais/ovóides, de bordo direito e inclinado para o interior, ou ligeiramente extrovertido (o que determina a formação de colo pouco pronunciado e perfil em S característico. No que respeita às técnicas e padrões decorativos, ocorrem, vestigialmente, as cerâmicas com decoração cardial (**Fig. 16**; **Fig. 18**, em baixo, à direita), apenas representadas por cinco fragmentos, nenhum deles com bordo conservado, que não ultrapassam 2 % dos exemplares decorados. Entre as restantes decorações, são abundantes os espinhados obtidos por incisão, a par dos motivos em espiga (também designados em “falsa folha de acácia”), produzidos por puncionamento oblíquo, facilmente diferenciáveis dos seus congéneres calcolíticos, em geral de maiores dimensões e produzidos por impressão de matriz elipsoidal. São também comuns as bandas, horizontais ou verticais, definidas por linhas incisivas, com preenchimento interior de segmentos oblíquos. Decoração particular é a que corresponde a padrões miúdos de linhas incisivas, formando espinhados, associados a finos cordões em relevo, igualmente segmentados por finos traços incisivos. Aliás, a associação de tais decorações a elementos plásticos encontra a sua melhor expressão em fragmento de grande vaso, cujo colo se encontra sublinhado por protuberância perimetral, decorada por linhas incisivas oblíquas, a partir da qual se desenvolvem, para ambos os lados, padrões de triângulos isósceles igualmente preenchidos interiormente por linhas oblíquas. Trata-se de exemplar excepcional, também pela alta qualidade do acabamento das superfícies, com revestimento a aguada a almagre (**Fig. 17**, em cima). Os elementos de preensão estão representados por pegas sobre o bordo ou abaixo deste, munidas de perfurações horizontais, por vezes associadas a cordões em relevo nelas convergentes, excepcionalmente por asas anulares decoradas a incisão (**Fig. 18**, à esquerda) e os bordos apresentam em alguns casos decorações denteadas, sobre o lábio (**Fig. 18**, ao centro, em baixo).

As indústrias de pedra polida estão representadas por um conjunto de artefactos de pequenas dimensões, de boa manufactura, com o predomínio de enxós, com e sem vestígios de utilização nos gumes. Um exemplar evidencia a existência de uma grande lasca resultante de impacto violento – possivelmente como sacho – na face dorsal, e pequenas lascas sobre o gume (**Fig. 12**, ao centro).



Fig. 17 – Dois vasos decorados pela técnica incisa e plástica (presença de cordões em relevo) parcialmente restaurados do povoado do Neolítico Antigo do Carrascal. O exemplar superior possui aguada a almagre, conferindo-lhe coloração avermelhada. Comp. máx. do ex. maior: 23,0 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

No grupo dos artefactos de pedra afeiçãoada, além de elementos destinados a moagem (dormentes e moventes), um deles encontrado *in situ* (Fig. 19), existem outros, relacionados com a confecção de artefactos de pedra polida, representados por dois polidores, um de calcário duro, o outro de basalto (Fig. 10). Assinala-se a existência de percutores, sobre pequenos seixos rolados de quartzito, destinados a trabalhos de precisão, ou de maiores dimensões, de sílex, a atestar a abundância daquela matéria-prima no local. Um deles foi recolhido no enchimento de uma estrutura de significado desconhecido. Trata-se de uma depressão escavada nos calcários cretácicos apinhoados, pouco funda, completamente colmatada por blocos de basalto e desprovida de materiais arqueológicos, a não ser o objecto referido.

Enfim, os objectos de adorno estão representados por um canino de raposa perfurada na raiz, idêntico a exemplares conhecidos em diversos contextos coevos da área estremenha (Fig. 15).





Fig. 18 (na página ao lado) – Cerâmicas com decoração incisa, impressa e plástica (cordões em relevo) do povoado do Neolítico Antigo do Carrascal. O exemplar do canto inferior direito possui decoração cardial; o do lado esquerdo corresponde a asa de recipiente com decoração incisa. Comp. máx. deste ex.: 6,8 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

Fig. 19 – Mó manual do povoado do Neolítico Antigo do Carrascal. Dormente de calcário arenítico; movente de granito róseo de Sintra. Comp. máx. do dormente: 46,0 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).



Fig. 20 – Bordos denteados de recipientes do povoado do Neolítico Final do Carrascal. Comp. máx. do exemplar do canto sup. esq.: 5,9 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

Fig. 21 – Esférico com decoração contínua de mamilos dispostos abaixo do bordo do povoado do Neolítico Final do Carrascal. Comp. máx.: 8,9 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).



quatro'

O NEOLÍTICO FINAL



Fig. 22 – Núcleo de lamelas e lamela de quartzo hialino (cristal de rocha) do povoado do Neolítico Final do Carrascal. Comp. máx. da lamela: 2,1 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

Fig. 23 – Pendente em forma de pequena enxó, com significado votivo, do povoado do Neolítico Final do Carrascal. Fibrolite. Comp. máx.: 2,5 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).



EXPOSITOR 4 | O NEOLÍTICO FINAL

Povoado pré-histórico de Leceia (CEACO/escavações dirigidas por J.L. Cardoso)

1 – Grande taça de bordo simples decorada com pequenos mamilos simbólicos junto ao bordo.

Povoado pré-histórico do Carrascal (CEACO/escavações dirigidas por J.L. Cardoso)

2 a 15 – Conjunto de cerâmicas lisas e decoradas. Estão representados vasos carenados (2, 3, 4), recipientes com cordão plástico denteado (5, 6, 7) e bordos de vasos com decoração denteada (8 a 15); **Fig. 20**

16 – Fragmento de vaso esférico com decoração simbólica de pequenos mamilos junto ao bordo; **Fig. 21**

17 a 19 – Artefactos de pedra polida (machados e enxós de anfiboloxisto)

20 e 21 – Núcleo e lamela de cristal de rocha; **Fig. 22.**

22 – Núcleo discóide para lascas de talhe bifacial centrípeto de sílex calcarífero

23 – Pendente em forma de pequena enxó de fibrolito com significado votivo; **Fig. 23**

24 – Fragmento de alfinete de cabeça postiça canelada, de osso; **Fig. 24**

25 – Pendente em concha recortada

26 – Pequeno retocador de sílex reaproveitando núcleo exausto

27 a 36 – Furadores de sílex; **Fig. 25**

37 – Ponta de seta de base triangular de sílex avermelhado; **Fig. 26**, à direita.

38 a 48 – Lamelas de sílex (38 a 47) e de cristal de rocha (48)

49 a 57 – Lâminas e fragmentos de lâminas de sílex

58 e 59 – Raspadeiras em extremidade de lâmina

Moinhos da Nossa Senhora da Conceição (Carnaxide) (CEACO/colheita J. L. Cardoso e G. Cardoso)

60 e 61 – Núcleos de lâminas de sílex

Povoado pré-histórico de Lage de Cima (MNA/colheita G. Marques)

62 – Machado de anfibolito reutilizado como percutor

63 – Percutor de sílex

Povoado pré-histórico de Carnaxide

64 e 65 – Massas de sílex utilizadas como percutores/retocadores (CEACO/colheita J. L. Cardoso e G. Cardoso)

66 – Ponta de seta de base triangular de sílex. (CEACO/oferta C. M. Amadora); **Fig. 26**, à esquerda.

67 e 68 – Núcleos de sílex (CEACO/colheita J. L. Cardoso e G. Cardoso)

69 a 79 – Conjunto de peças longas de secção espessa, correspondendo a pequenos

picos e raspadeiras afins das indústrias campinhenses. É provável que os picos correspondessem a artefactos especializados para a mineração do sílex. CEACO/colheita J. L. Cardoso e G. Cardoso, exceptuando 75 (MNA/colheita G. Marques) e 76 (CEACO/oferta C. M. Amadora); **Fig. 27**

80 – Grande percutor de sílex (CEACO/colheita de J. L. Cardoso e G. Cardoso)

81 – Enxó espalmada em xisto silicioso (MNA/colheita G. Marques)

82 – Extremidade de punhal / furador de osso (cúbito de grande bovídeo) (CEACO/colheita de J. L. Cardoso e G. Cardoso); **Fig. 28**

83 – Fragmento de suporte de lareira (CEACO/oferta C. M. Amadora)

84, 85 – Fragmentos de 2 bordos com decoração denteada (CEACO/oferta C. M. Amadora)

86, 87 – Fragmentos de 2 vasos com bojo decorado com incisões verticais, num caso sobre cordão plástico (CEACO/oferta C. M. Amadora)

No decurso da segunda metade do IV milénio a. C. assiste-se, na Estremadura, à ocupação progressiva de sítios de altura, com boas condições naturais de defesa. Em Leceia, plataforma constituindo esporão debruçado sobre o fértil vale da ribeira de Barcarena, distanciada cerca de 4 km da foz do Tejo, e defendida de dois dos seus lados por escarpa calcária com cerca de 10 m de altura, estabeleceu-se então vasto povoado aberto, sobre as bancadas de calcários duros e sub-recifais, do Cenomaniano superior, então aflorantes, aproveitando os espaços existentes entre elas como abrigos. A localização deste já então notável povoado – cuja importância se viu acrescida ulteriormente – foi evidentemente determinada pelas condições geomorfológicas oferecidas pelo local e pela existência de recursos naturais potencialmente disponíveis na região envolvente. Para além das propícias condições de defesa, a existência do próprio vale, configurando via privilegiada de penetração e de circulação de pessoas e de bens de e para o “hinterland” da península de Lisboa, a partir do estuário do Tejo, deve ser valorizada. Acresce que o referido vale constituía não apenas zona potencial de produção alimentar, através do aproveitamento de pequenos talhões agrícolas e da exploração pastoril de campos e prados, mas também área de captação de recursos naturais, especialmente junto à confluência com o Tejo. De facto, é admissível que, no decurso do Neolítico e do Calcolítico a navegabilidade da ribeira de Barcarena fosse possível até à proximidade dos povoados pré-históricos de Leceia e de Carnaxide, recorrendo a pequenas embarcações fluviais.

As oito datas de radiocarbono disponíveis para a primeira ocupação pré-histórica de Leceia, depois de tratadas estatisticamente (Soares & Cardoso, 1995; Cardoso & Soares, 1996), para uma probabilidade de 50%, situam-na cronologicamente entre 3350 e 3040 cal BC e, para uma probabilidade de 95%, entre 3510 e 2900 cal BC.

Estes resultados são compatíveis com a até agora única data obtida para o povoado do Neolítico Final do Carrascal, que ocupou sector da encosta suave, da margem

direita da ribeira de Barcarena, na sequência da primeira presença ali identificada, do Neolítico Antigo, já anteriormente referida. O intervalo calibrado obtido, para uma probabilidade de 95 % foi de 3320-2920 cal BC. Tal significa que o local foi ocupado em simultâneo com o povoado de Leceia, embora só este último persistisse no Calcolítico, mercê das boas condições de defesa, que, então, passaram a constituir elemento determinante na selecção dos sítios habitados na Baixa Estremadura, em resultado do clima de instabilidade e de competição social generalizado então instalado na região, tão claramente documentado pela fortificação calcolítica construída em Leceia.

Certas produções cerâmicas expostas podem considerar-se como atributos cronológicos fiáveis para esta fase cultural. É o caso dos vasos de bordo denteado, decoração produzida por impressão de uma matriz na parte externa do bordo, geralmente em aba, produzindo a referida segmentação, e dos recipientes carenados, a que se juntam outros tipos decorativos, como mamilos e cordões em relevo, lisos ou segmentados. Tais produções estão representadas no Carrascal (**Fig. 20**), a que se juntam outras produções mais raras, como o fragmento de vaso esférico decorado com mamilos em torno da abertura (**Fig. 21**).

Do Carrascal provém também um adereço ou ornamento da indumentária: trata-se do fragmento da cabeça postiça de osso, de um alfinete de cabelo, decorada por finas incisões paralelas, produção característica do Neolítico Final e que, deste modo, se afigura plenamente compatível com a cronologia da correspondente ocupação humana (**Fig. 24**). Mas a peça mais notável dali proveniente corresponde a uma enxó miniatura, totalmente afeiçoada por polimento, fabricada em fibrolite, e munida na extremidade proximal de perfuração que permitia a sua utilização como pendente (**Fig. 23**). Trata-se de um dos mais expressivos testemunhos da importância simbólica conferida aos machados e enxós (ou sachos?), enquanto artefactos utilitários relacionados com a desflorestação e a obtenção de áreas de cultivo e conseqüente amanho das terras assim obtidas. A fibrolite (silimanite fibrosa) é uma rocha de alto grau de metamorfismo que, de acordo com os conhecimentos actuais, não ocorre em Portugal em massas suficientemente volumosas para a confecção de artefactos de cunho funcional ou simbólico, como este. Tal significa que a sua ocorrência na Estremadura só se poderá explicar pelo comércio transregional desta e de outras matérias-primas, como adiante se verá e de que convém desde já mencionar o cristal de rocha (quartzo hialino), de que se recolheram núcleos de lamelas no Carrascal, acompanhados das mesmas (**Fig. 22**).

Característicos do Neolítico Final são os furadores de variados tipos, como os identificados no Carrascal (**Fig. 25**).

Outros povoados ocupados na área oeirense, como o existente em Carnaxide, debruçado, a meio da encosta esquerda, sobre o rio Jamor, evocando situação idêntica

ao de Leceia, documentam e confirmam a constância do padrão de povoamento característico no Neolítico final regional. A sua importância merece que seja tratado de forma mais minuciosa. As principais recolhas de materiais arqueológicos devem-se a Abílio Roseira, na década de 1920 e inícios da seguinte. Tais materiais foram há muito estudados (Cardoso, 1996), e configuram, pela tipologia e técnica de talhe, a existência de uma peculiar indústria de pedra lascada, talvez relacionada com uma actividade especializada, como a mineração do sílex, de que se recolheram diversos testemunhos no concelho de Oeiras, como se verá. Trata-se essencialmente de dois tipos de artefactos principais: um, correspondente à tipologia dominante, corresponde a pequenos picos, de secção espessa, percorridos longitudinalmente por arestas-guia, a partir das quais foi sendo regularizada, por levantamentos imbricados, a forma estreita e terminando em ponta espessa, característica destes artefactos (Fig. 27, à esquerda). Em menor escala, ocorrem raspadeiras, com uma frente espessa e fortemente convexa, antecedida por um espigão estreito, espesso e alongado, cuja técnica é afim da utilizada na confecção dos picos (Fig. 27, à direita). Trata-se de uma indústria local, conforme é indicado pela natureza da matéria-prima: o sílex cinzento ou esbranquiçado, explorado a partir de nódulos ou de “tablettes” existentes nos níveis de calcários duros que afloram no sítio. Os picos, por vezes com indício de utilização na extremidade distal por boleamento, teriam sido reaproveitados como furadores ou buris, e usados por compressão e não por percussão. Exemplares idênticos, recolhidos nas prospecções efectuadas no mesmo local no século XIX, foram considerados próximos dos “picos campinhienses” (Zbyszewski, Viana & Ferreira, 1959, Fig. 1, nº. 7 e 9). Ulteriormente, declarou-se, a propósito de exemplares homólogos, o seguinte (Andrade & Gomes, 1959, p. 141 e Est. XVI): “Aparecem ainda algumas peças grosseiras, muito espessas, de secção e formas variáveis (Est. XVI) sobre as quais nada sabemos dizer. Ignoramos se em estações próximas foram encontrados objectos com as mesmas características”. Neste povoado, a presença pré-histórica só volta a estar bem representada no campaniforme. Como em nenhuma estação desta última época se conhece a ocorrência de produções líticas similares a estas e, tendo em consideração a recolha, em Leceia, na camada do Neolítico Final de uma raspadeira análoga às que, em Carnaxide, acompanham os picos (Cardoso, 1989, Fig. 98, nº. 15), pode concluir-se que estas produções peculiares devem reportar-se a esta fase cultural. O seu paralelo mais próximo situa-se nos conjuntos líticos de Monsanto, com destaque para o recolhido em Santana. Infelizmente, desconhecem-se as condições de jazida destas peças, sendo certo que existem misturas de materiais de diversas épocas, com predomínio dos neolíticos, como já H. Breuil, aquando da sua primeira visita a Portugal, havia concluído (Breuil, 1918, p. 35, 36). O referido pré-historiador, revendo, em 1942, os mesmos materiais, notou que, nalguns, se observava “une vague saveur campignienne” (in Ollivier, 1945), observação que concorda com a aludida existência em Carnaxide de formas evocativas dos picos campinhenses. Fica, no entanto, por explicar cabalmente a razão para a ocorrência com tamanha abundância, em Carnaxide de tão peculiares artefactos, para mais constituindo situação única no contexto regional.



Fig. 24 – Fragmento de cabeça postiça de alfinete de cabelo, decorado por caneluras, do povoado do Neolítico Final do Carrascal. Osso. Comp. máx.: 2,1 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

Fig. 25 – Conjunto de furadores do povoado do Neolítico Final do Carrascal. Sílex. Comp. máx. do ex. ao centro, em baixo: 5,2 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).



Fig. 26 – Conjunto de pontas de seta, do Neolítico Final, de base triangular, respectivamente dos povoados de Carnaxide e do Carrascal e uma calcólítica de base côncava, ao centro, do Alto dos Barronhos. Sílex. Comp. máx. desta última: 2,6 cm (CEACO / oferta CMA e CEACO/escavações dirigidas por J. L. Cardoso, respectivamente para o ex. da esquerda e para os do centro e da direita da figura).



Fig. 27 – Conjunto de artefactos de secção espessa e alongados, de talhe imbricado, recolhidos no povoado do Neolítico Final de Carnaxide. À esquerda: picos; à direita: raspadeiras. Sílex. Comp. máx. do ex. da esq.: 6,4 cm (CEACO / colheita J. L. Cardoso e G. Cardoso).



Fig. 28 – Extremidade de furador ou de punhal, do povoado do Neolítico Final de Carnaxide. Osso. Comp. máx.: 8,3 cm (CEACO/colheita J. L. Cardoso e G. Cardoso).



Fig. 29 – Botão ou elemento de adorno do povoado do Calcolítico Inicial do Alto do Dafundo. Calcite polida. Diâmetro: 2,2 cm (CEACO/escavações de J. L. M. Gonçalves).

Fig. 30 – Furador. Povoado do Calcolítico Inicial do Alto do Dafundo. Sílex. Comp. máx.: 5,2 cm (CEACO / escavações de J. L. M. Gonçalves).

Fig. 31 – Conjunto de fragmentos de “copos” do povoado do Calcolítico Inicial do Alto do Dafundo. Comp. máx. do ex. da esq.: 4,2 cm (CEACO / escavações de J. L. M. Gonçalves).

cinco'

O CALCOLÍTICO

PRÉ-CAMPANIFORME



Fig. 32 – Bloco tabular estratiforme de sílex anegrado de origem local. Monte do Castelo. Comp. máx: 15,0 cm (CEACO / colheita J. L. Cardoso).



Fig. 33 – Núcleos prismáticos tabulares de lâminas do Monte do Castelo. Calcolítico Inicial. Sílex. Comp. máx. do ex. da esq.: 4,7 cm (CEACO / colheita J. Norton).

EXPOSITOR 5 | O CALCOLÍTICO PRÉ-CAMPANIFORME

Povoado do Calcolítico Inicial do Alto do Dafundo (CEACO/escavações dirigidas por João Ludgero M. Gonçalves)

1 – Conta achatada de calcário polido com perfuração central; **Fig. 29**

2 e 3 – Lamelas de sílex

4 – Núcleo de lamelas de sílex

5 – Extremidade de furador sobre lâmina de sílex

6 a 8 – Lascas de sílex

9 – Furador sobre lasca de sílex; **Fig. 30**

10 – Lâmina com retoque marginal contínuo nos dois bordos laterais de sílex

11 a 17 – Fragmentos de copos com decoração canelada; **Fig. 31**

Oficina de talhe do Monte do Castelo (CEACO/colheita J. Norton)

18 – Conjunto de resíduos de talhe de sílex cinzento de origem local e grande bloco estratiforme de sílex anegrado; **Fig. 32**

19 – Esboço de núcleo sobre nódulo de sílex cinzento

20 a 22 – Núcleos de lâminas de sílex em diversos estádios de exploração; **Fig. 33**

Povoado pré-histórico de Leceia (CEACO/escavações dirigidas por J. L. Cardoso), **Monte do Castelo** (CEACO/oferta C. M. Amadora) e **Alto dos Barrinhos** (CEACO/escavações dirigidas por J. L. Cardoso)

23 e 24 – Pesos de tear. Um do Calcolítico Inicial e outro do Calcolítico Pleno. Leceia; **Fig. 34**

25 e 26 – Copo e esférico. Copo: Calcolítico Inicial; Esférico: Calcolítico Pleno. Leceia; **Fig. 35**

27 – Fragmento com decoração em “folha de acácia”. Calcolítico Pleno. Leceia. **Fig. 36**

28 – Fragmento de machado de cobre. Calcolítico Pleno. Leceia

29 a 31 – Serras, serrotes ou lâminas de foice de cobre. Calcolítico Pleno. Leceia; **Fig. 37**

32 – Anzol de cobre. Calcolítico Pleno. Leceia; **Fig. 38**

33 – Instrumento de fiação de cobre. Calcolítico Pleno. Leceia; **Fig. 39**

34 – Fragmento de cadinho, com metal aderente. Calcolítico Inicial. Leceia; **Fig. 40**, em cima.

35, 36 – Pingos de fundição, de cobre. Calcolítico Pleno. Leceia; **Fig. 40**, em baixo, à direita.

37, 38 – Massas de fundição, de cobre. Calcolítico Pleno. Leceia

39 – Lingote de cobre com marcas de corte. Calcolítico Inicial. Leceia; **Fig. 40**, em baixo, à esquerda.

40 – Esboço de artefacto de grandes dimensões de basalto, relacionado com objecto de pedra polida inacabado ou com relha de arado. Calcolítico Inicial. Leceia; **Fig. 41**

41 – Pequena enxó de anfíbolito totalmente polida. Calcolítico Inicial. Leceia

42 – Pequena enxó de anfíbolito totalmente polida com marcas de serragem ao longo de uma aresta longitudinal de uma das faces (visível do lado esquerdo da imagem).

Calcolítico Inicial. Monte do Castelo; **Fig. 42**

43 – Conjunto de resíduos de talhe de sílex de diversas variedades correspondendo a uma oficina especializada no interior do povoado. Calcolítico Inicial. Leceia

44 – Ponta de seta de sílex finamente retocada de base concava Calcolítico. Alto dos Barronhos; **Fig. 24**, ao centro.

45 – Lâmina bifacial elipsoidal de sílex retocada em ambos os bordos. Calcolítico. Alto dos Barronhos

46 e 47 – Lâminas bifaciais elipsoidais de sílex. Calcolítico Inicial. Monte do Castelo; **Fig. 43**

Com base nos elementos disponíveis, é usual a consideração, no Calcolítico da Estremadura, de três fases culturais principais, coexistindo parcialmente no tempo a segunda e a terceira (Cardoso, 2006). Todas elas se encontram representadas, de forma paradigmática, em Leceia, sendo caracterizadas especialmente pelas produções cerâmicas, cujas formas, técnicas e padrões decorativos corporizam a realidade de verdadeiros fósseis estratigráficos, para usar uma expressão do foro geológico, como ficou ali claramente demonstrado. Importa esclarecer que a presença de cada uma de tais produções não é mutuamente exclusiva das restantes: é a predominância estatística que deve ser considerada, sendo certo que a coexistência, numa mesma camada, de produções características de fases culturais distintas se pode explicar por diversas causas, entre elas: a sobrevivência residual de uma dada produção, quando outras, entretanto surgidas, tinham assumido a dominância; a mistura de materiais, sempre possível aquando de escavações em grandes áreas abertas, como foi o caso de Leceia (Cardoso, 2006), onde a separação entre camadas depositadas em diferentes épocas não é fácil nem segura; e, por fim, o transporte e redeposição de materiais, com a conseqüente mistura, aquando da formação das próprias camadas, por erosão (fenómenos sindeposicionais), ou por migração dentro das próprias camadas, devido à acção dos seres vivos (fenómenos pósdeposicionais).

Tendo em consideração tal realidade, foi possível associar ao Calcolítico Inicial, datado em Leceia com precisão, com base nas datações absolutas realizadas, entre cerca de 2900/2800 e 2600/2500 anos a.C., um tipo de produções caracterizadas pela técnica canelada, característica de um recipiente de corpo cilíndrico, em geral de paredes levemente côncavas e fundo ligeiramente convexo, designado por “copo” (**Fig. 31**; **Fig. 35**, em cima). Trata-se de produções cuidadas, com pastas bem depuradas, duras, com bom acabamento superficial, a que se juntam as taças e esféricos, lisos ou decorados por caneluras ténues, por vezes com paredes finíssimas, realidade que bem atesta especialização atingida na sua manufactura, que se prolongou pelo Calcolítico Pleno, a que pertence o exemplar exposto (**Fig. 35**, em baixo).

Estes dois tipos de recipientes ocorrem predominantemente em Leceia no Calcolítico Inicial, época a que corresponde à construção do imponente dispositivo defensivo, que

corporiza a concentração da população em este grande centro, já de características proto-urbanas. Deste modo, não espanta que a ocorrência destas produções em outros locais ditos abertos, por se não encontrarem protegidos por muralhas, seja excepcional. Um desses casos corresponde ao pequeno povoado do Alto do Dafundo, explorado na década de 1970, representado por diversos elementos nele recolhidos, com destaque para um conjunto de fragmentos de copos canelados, que correspondem à totalidade da cerâmica decorada nele recolhida (**Fig. 31**). Pode assim concluir-se que esta ocupação se restringe ao Calcolítico Inicial (Gonçalves & Serrão, 1978). O intervalo correspondente a uma datação pelo método do radiocarbono, para um intervalo de confiança de 95%, foi de 3040-2700 cal BC (Soares & Cabral, 1993), compatível com os resultados obtidos em Leceia, confirma aquela conclusão.

A segunda fase cultural do Calcolítico da Estremadura – o Calcolítico Pleno – encontra-se caracterizada por produções cerâmicas completamente distintas das anteriores, caracterizadas pela decoração ter sido obtida por impressões ovulares, feitas por uma ponta romba na pasta mole, organizadas em dois motivos principais: a “folha de acácia” e a “crucífera”. Tais motivos decorativos ocorrem, essencialmente, em grandes vasos globulares, ditos “de provisões”, representados pelo fragmento exposto (**Fig. 36**). O tratamento estatístico das datas de radiocarbono pertencentes ao Calcolítico Pleno de Leceia mostrou que esta fase se prolongou até finais do III milénio a.C., tendo por conseguinte uma duração máxima de cerca de 500 anos, correspondente a toda a segunda metade do referido milénio. Tal realidade conduz à conclusão de terem as produções características do Calcolítico Pleno coexistido com a plena afirmação das cerâmicas campaniformes, adiante apresentadas, cuja génese se verificou ainda nos finais da primeira metade do referido milénio, no que à Estremadura diz respeito. Tal significa que a distinção entre o Calcolítico Pleno e o Calcolítico Final não deve ser continuar a ser entendida como de carácter cronológico, possuindo antes significado essencialmente cultural: embora em Leceia, na área intramuros, as cerâmicas campaniformes integrem apenas o topo da Camada 2, caracterizada pela presença das produções do grupo “folha de acácia”/“crucífera”, houve povoados que, tendo existido até finais do III milénio a.C. praticamente não conheceram ou utilizaram as produções campaniformes: é o caso do Outeiro Redondo (Sesimbra). Por outro lado, conhecem-se casos em que se encontra demonstrada a coexistência, pelo menos em determinada fase da vida dos povoados, entre as cerâmicas campaniformes consideradas mais antigas, correspondentes ao “Grupo Internacional” e as produções de carácter estritamente local (“folha de acácia/crucífera”), tal como se observou em Leceia, e em povoados como Rotura (Setúbal), Penha Verde (Sintra) e Moita da Ladra (Vila Franca de Xira).

Deixando a caracterização do “fenómeno” campaniforme tal como ele é conhecido no concelho de Oeiras, para o próximo capítulo, importa abordar o significado económico e social dos espólios expostos no expositor dedicado ao Calcolítico pré-campaniforme.

A prática de actividades especializadas no Calcolítico está documentada, em Leceia, pela tecelagem, através de um elemento de tear, atribuível a um peso, destinado a manter esticadas as fibras que constituíam a trama. Integrava tear vertical, montado em madeira. Prova da suspensão da peça por apenas dois orifícios de cada vez, é o desgaste que, de um lado, ambos exibem (**Fig. 34**).

Sem dúvida que esta actividade, de carácter doméstico, requeria formação específica, assumindo-se como exemplo de divisão social do trabalho entre géneros.

É apenas no Calcolítico Pleno que a metalurgia do cobre se afirma de forma generalizada em Leceia, não tendo, pois, qualquer relação com a construção da fortificação, que remonta, como se disse, aos primórdios do Calcolítico Inicial. A exposição documental tal prática, surgida ainda no Calcolítico Inicial, época a que pertence fragmento de cadinho de fundição, ainda com vestígios de metal impregnando a superfície interior da peça (**Fig. 40**, em cima) e uma porção de lingote de cobre (**Fig. 40**, em baixo, à esquerda); mas é ao Calcolítico Pleno que se reporta a quase totalidade dos vestígios encontrados. O metal continuava a afluir ao povoado sob a forma de pequenos lingotes, cuja transformação em artefactos do quotidiano, como serras, serrotes ou lâminas de foice de fio serrilhado (**Fig. 37**) era simples; em alternativa, aquele poderia ser obtido a partir de minérios que eram transformados no interior do espaço habitado, embora não esteja claramente documentada tal prática. Assim, as pequenas esférulas de cobre, com a forma de pingos, bem como os numerosos restos de fundição, constituídos por corpos de forma muito irregular e de superfícies rugosas, de cobre puro (**Fig. 40**, em baixo, à direita), podem ser atribuídos, tanto ao processo de enriquecimento por fusão dos minérios originais, em recipientes sobreaquecidos ao fogo (de que não se encontraram vestígios), como ao fabrico dos próprios artefactos, através da refusão do metal já purificado, de que resultariam os pingos encontrados. Seja como for, a utilização do cobre assim produzido ou simplesmente transformado, destinava-se essencialmente à produção de pequenos artefactos cuja eficácia era muito superior à dos seus equivalentes líticos ou ósseos: estão neste caso as pequenas serras ou foices, já acima referidas, a que se somam os abundantes furadores e sovelas e artefactos ainda mais especializados, como anzóis (**Fig. 38**), documentando a prática da pesca à linha, a partir da praia ou usando embarcações. Um artefacto único no registo arqueológico dos povoados portugueses desta época (**Fig. 39**), com a extremidade bífida, poderá relacionar-se com a confecção de redes de pesca, ou com a fiação.

O cobre, sob a forma de minérios transformados e purificados no povoado, ou já trabalhado a partir de pequenos lingotes, correspondia a produto importado, dada a sua quase ausência na Estremadura. Recente estudo permitiu verificar que as origens mais prováveis para o cobre utilizado em Leceia fossem as pequenas mineralizações disseminadas da Zona de Ossa/Morena, associadas a intrusões de



Fig. 34 – Elemento de tear vertical perfurado nos 4 cantos. Em dois deles, as perfurações desgastaram-se pelo atrito. Povoado pré-histórico de Leceia. Calcolítico Inicial. Cerâmica. Comp. máx.: 7,4 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).



Fig. 35 – Recipientes restaurados do povoado pré-histórico de Leceia. Em cima: copo canelado do Calcolítico Inicial; em baixo: esférico liso de fino acabamento do Calcolítico Pleno. Diâmetro deste último: 12,0 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

filões de quartzo, facilmente exploradas a céu aberto (Müller & Cardoso, 2008). Neste caso, a sua importação acompanharia a de outras matérias-primas, conhecidas em grande abundância na Estremadura, como o anfibolito, cuja importação daquela região conheceu um acréscimo ao longo da ocupação de Leceia (Cardoso, 2004), comprovando a intensificação económica verificada ao longo de todo o Calcolítico, com os consequentes processos de interacção cultural com ela conexos. Expõem-se dois artefactos de anfibolito, finamente polidos, fabricados a partir de lingotes importados em bruto, um de Leceia, outro do Monte do Castelo (**Fig. 42**), conservando este, ao longo de uma aresta, vestígios de serragem, elucidativo sobre o modo de fabrico.

No sopé do Monte do Castelo, chaminé basáltica que ainda hoje domina a paisagem, e em outros locais da envolvência imediata do povoado de Leceia, como Barotos, identificaram-se testemunhos da extracção de sílex a céu aberto (Cardoso & Norton, 1997/1998), explorando as bancadas siliciosas interestratificadas nos calcários recifais cretácicos (**Fig. 32**), ou os nódulos de coloração acinzentada neles inclusos, explorados sobretudo para a produção laminar (**Fig. 33**). Embora tais explorações se tenham iniciado seguramente no Neolítico Antigo, conforme evidencia a estação do Carrascal, já acima referida, sem dúvida que as explorações se intensificaram a partir do final do Neolítico e, sobretudo, no decurso do Calcolítico Inicial e Pleno. A obtenção desta matéria-prima, de elevada importância estratégica na época, permitiu, deste modo, o estabelecimento de trocas de carácter transregional, que explicam o abastecimento da região de cobre e de anfibolitos alto-alentejanos, matérias-primas

Fig. 36 – Fragmento de cerâmica com decoração em “folha de acácia” do povoado pré-histórico de Leceia. Calcolítico Pleno. Comp. máx.: 11,1 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).



que hoje diríamos “estratégicas” para o desenvolvimento económico das comunidades do final do Neolítico e dos inícios do Calcolítico sedeadas na Estremadura. Trata-se de um processo económico de assinalável importância no quadro das relações comerciais pré-históricas do ocidente peninsular.

Com este e outro sílex, como o oriundo das notáveis jazidas da região de Rio Maior, de coloração castanho-avermelhada inconfundível, se fabricaram belas lâminas de contorno elipsoidal cuidadosamente trabalhadas em ambas as faces, que, remontando ao Neolítico Final, se prolongaram pelo Calcolítico. Tais peças eram montadas em cabos de madeira, delas se utilizando apenas um bordo cortante, cujas marcas de utilização, em particular o brilho que ostentam, indicam a sua utilização como elementos de foice, sem prejuízo de outras utilizações; a sua abundância, que em Leceia aumenta ao longo de todo o Calcolítico, evidencia o acréscimo da importância da agricultura cerealífera, aliás comprovada pela presença de mós manuais, representadas pelos respectivos dormentes e moventes, desde o Neolítico Antigo, constituindo deste modo mais um indicador a favor da intensificação económica então verificada, neste caso através das respectivas produções.

A Exposição integra três belos elementos de foice bifaciais, dois deles recolhidos no Monte do Castelo, acompanhando a enxó acima referida (colheitas da segunda metade da década de 1960, de A. González) e outro do Alto dos Barrinhos (**Fig. 43**). Tais artefactos documentam, outrossim, a excelência do talhe do sílex, desde o Neolítico Final, comprovada por outros artefactos de trabalho ainda mais fino, como as pontas de seta, de que se expõem também três exemplares, dois do Neolítico Final e de base triangular, respectivamente dos povoados do Carrascal e de Carnaxide, e outro, já calcolítico, de base côncava, do Alto dos Barrinhos (**Fig. 26**, ao centro).

A disponibilidade de obtenção local do sílex, e a sua imediata transformação, nos próprios locais de extracção, é comprovado pela ocorrência de belos núcleos prismáticos de sílex, formatados para a obtenção de lâminas, completamente exaustos, como os exemplares recolhidos na oficina do Monte do Castelo (**Fig. 33**). Mas a preparação de artefactos na sua fase final era essencialmente feita nos locais da sua utilização, como comprovam os inúmeros restos de talhe encontrados em Leceia dentro de uma unidade habitacional do Calcolítico Inicial especializada naquela actividade, encontrando-se ali documentada toda a cadeia operatória conducente ao fabrico das belas lâminas foliáceas acima referidas.

Também outras matérias-primas de origem local ou regional eram objecto de aproveitamento, através de transformação em diversos artefactos. É o caso de um grande esboço de enxó desbastado por lascamento a partir do bloco primitivo, ou de possível relha de arado, de basalto, recolhido em contexto do Calcolítico Inicial de Leceia (**Fig. 41**), constituindo exemplar único.



Fig. 37 – Conjunto de pequenas serras, serrotes ou lâminas de foice de cobre do povoado pré-histórico de Leceia. Calcolítico Pleno. Cobre. Comp. máx. do maior ex.: 11,9 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).



Fig. 38 – Anzol do povoado pré-histórico de Leceia. Calcolítico Pleno. Cobre. Comp. máx.: 5,6 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

Fig. 39 – Artefacto utilizado na fiação ou na manufactura de redes de pesca. Povoado pré-histórico de Leceia. Calcolítico Pleno. Cobre. Comp. máx.: 11,9 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).



Fig. 40 – Indícios da metalurgia do cobre no povoado pré-histórico de Leceia. Em cima: fragmento de cadinho, com restos de cobre aderentes. Calcolítico Inicial; em baixo, à esq.: lingote com marcas de partição. Calcolítico Inicial; em baixo, à direita: restos de fundição (pingos). Calcolítico Pleno. Comp. máx. do fragmento de cadinho: 6,9 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).



Fig. 41 – Esboço de grande artefacto de pedra polida (enxó) ou elemento de arado (relha) do povoado pré-histórico de Leceia. Calcolítico Inicial. Basalto de origem local. Comp. máx.: 35,0 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).



Fig. 42 – Pequena enxada totalmente polida do Monte do Castelo. Calcolítico Inicial. Anfíbolito. Note-se o sulco longitudinal ao longo da aresta esquerda de face fotografada, correspondente à serragem do bloco inicial. Comp. máx.: 6,9 cm (CEACO / oferta Câmara Municipal da Amadora).

Fig. 43 – Dois elementos bifaciais totalmente talhados do Monte do Castelo. Sílex. Calcolítico Inicial. Comp. máx. do ex. da esq.: 6,7 cm (CEACO / oferta Câmara Municipal da Amadora).



Fig. 44 – Grande vaso campaniforme liso destinado ao armazenamento. Povoado pré-histórico de Leceia. Comp. máx.: 48,0 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

seis'

A ECLOSÃO

DAS CERÂMICAS

CAMPANIFORMES



Fig. 45 – Recipientes restaurados campaniformes do Monte do Castelo decorados pela técnica incisa. Em cima: taça em calote; em baixo: caçoila de pequenas dimensões. Diâmetro máx. desta última: 17,0 cm (CEACO / colheitas J. Norton).

EXPOSITOR 6 | A ECLOSÃO DAS CERÂMICAS CAMPANIFORMES (I)

Povoado pré-histórico de Leceia (CEACO/escavações dirigidas por J. L. Cardoso)

Grande vaso campaniforme liso

Vaso de perfil característico, de contorno suave, totalmente liso, com 48 cm de altura, correspondente ao maior exemplar completo registado em Portugal. Provém da camada superficial da sequência estratigráfica ali definida e encontrava-se até agora inédito; **Fig. 44**

EXPOSITOR 7 | A ECLOSÃO DAS CERÂMICAS CAMPANIFORMES (II)

Casal agrícola do Monte do Castelo (CEACO/colheita J. Norton)

1 – Caçoila baixa de carena bem marcada com decoração incisa (restaurada); **Fig. 45**, em baixo.

2 – Taça em calote com decoração incisa (restaurada); **Fig. 45**, em cima.

3 e 4 – Fragmentos de grandes taças Palmela com decoração incisa; **Fig. 46; Fig. 47**

5 e 6 – Fragmentos de grandes recipientes de armazenamento (vaso de colo apertado e caçoila), ambos com decoração incisa

7, 8 – Dentes de boi doméstico, *Bos taurus* (um superior, outro inferior)

9 – Dente de ovelha e ou cabra, *Ovis aries/Capra hircus* (inferior)

10 – Conjunto de 4 valvas de lapa, *Patella* sp.

11 – Valva de amêijoia, *Venerupis decussata*

12 – Valva de pé-e-burro, *Venus verrucosa*

Alto dos Barrinhos (CEACO/ colheita J. R. Carreira, J. L. Cardoso e F. Peixoto)

13 a 21 – Conjunto campaniforme: 13, 14, 19 – Caçoilas com decorações incisadas de grandes dimensões; 15, 16 e 20 – Fragmentos de taças Palmela com decoração a pontilhado; 17 e 18 – Pequenas caçoilas de ombro com decoração a pontilhado (fragmento de bojo); **Fig. 48**

21 – Fragmento de caçoila de grandes dimensões com decoração incisa; **Fig. 49**

22 e 23 – Fragmentos de cinchos para o fabrico de queijo; **Fig. 50**

Povoado pré-histórico de Leceia (CEACO/escavações dirigidas por J. L. Cardoso)

24 e 25 – Dois vasos campaniformes de estilo “marítimo” com decoração a pontilhado com bandas preenchidas alternadamente (restaurados); **Fig. 51; Fig. 52**

Povoado pré-histórico de Carnaxide

26 e 27 – Fragmentos de caçoilas campaniformes com decoração incisa (CEACO/oferta C. M. Amadora)

28 e 29 – Fragmentos de taças Palmela (fundo e bordo) com decoração incisa (28, CEACO/oferta C. M. Amadora; 29, CEACO/colheita J. L. Cardoso e G. Cardoso); **Fig. 53**

Estabelecimento romano de Leião (CEACO/escavações dirigidas por J. L. Cardoso)

30 – Taça em calote com decoração incisa, idêntica ao exemplar n.º 2 do Monte do Castelo; **Fig. 54**

31 a 33 – Caçoilas (sendo o exemplar n.º 31 de grandes dimensões) com decoração incisa

34 a 36 – Bordos de taças Palmela com decoração incisa; **Fig. 55; Fig. 56**

Abandonada, hoje, a correlação da difusão do vaso campaniforme a nível europeu com a dispersão étnica de um povo único, bem como a discussão sobre o estatuto de excepção ou luxo, atribuído ainda por alguns autores às produções campaniformes – contrariado pela abundância dos materiais em sítios estritamente domésticos e de carácter utilitário - mantém-se todavia a ideia de que a Baixa Estremadura portuguesa foi uma das áreas em que a produção do vaso campaniforme foi mais intensa. Aqui, distinguiram-se os três grupos diferentes de produções cerâmicas (Soares & Silva, 1974/1977; Cardoso, 2001), representados nas estações campaniformes do concelho de Oeiras, a seguir caracterizadas.

1 – O Grupo “internacional” onde pontifica o vaso “marítimo”, de tipologia padronizada, em forma de campânula invertida, com decoração a pontilhado, produzida pela impressão de uma matriz denteada na pasta fresca, originando padrões de bandas horizontais interiormente preenchidas por segmentos com inclinação alternada (tipo “herringbone”, ou “espinha de arenque”), ou outras decorações geométricas, presentes sobretudo em vasos campaniformes de perfil clássico.

A exposição documenta esta primeira fase de produções campaniformes através de dois vasos recolhidos em Leceia (**Fig. 51; Fig. 52**), parcialmente reconstituídos, A designação de “vaso marítimo” decorre da difusão por esta via que esta forma evidencia pelas zonas litorais do ocidente europeu, sendo especialmente evidentes as afinidades das produções portuguesas da região em causa com as da Galiza e da Bretanha.

2 – O Grupo de Palmela, caracterizado pela presença da taça de tipo Palmela, decorada a pontilhado, especialmente na parte superior do bojo e no lábio largo e aplanado, em



Fig. 46 – Fragmento de grande taça Palmela decorada pela técnica incisa, do Monte do Castelo. Comp. máx.: 7,8 cm (CEACO / colheita J. Norton).

geral profusamente decorado; à taça Palmela decorada a pontilhado, podem juntar-se outras formas, como as pequenas caçoilas de ombro, com decorações geométricas a pontilhado, de que se recolheram diversos fragmentos no Alto dos Barronhos (**Fig. 48**). A incidência geográfica deste grupo é máxima em torno dos estuários do Tejo e do Sado, decrescendo progressivamente a sua ocorrência à medida que aumenta a distância a esta região, a tal ponto que é vestigial tanto no Alto Alentejo, como na Beira Litoral ou no Baixo Alentejo, sendo, por ora, desconhecido no Algarve. Das estações do aro oeirense onde ocorrem taças Palmela decoradas a pontilhado, avulta Leceia, encontrando-se também presentes no povoado pré-histórico de Carnaxide e no Alto dos Barronhos.

3 – O Grupo Inciso é o terceiro e mais moderno do faseamento proposto. É caracterizado pela presença da técnica incisa, aplicada a diversas formas de recipientes, com destaque para as caçoilas de carena marcada (**Fig. 45**, em baixo) e as taças Palmela, com bordos aplanados e muito largos (**Fig. 46**; **Fig. 47**; **Fig. 55**; **Fig. 56**), profusamente decorados, integrando também as pequenas taças em calote e de lábio simples com decorações “barrocas” (**Fig. 45**, em cima; **Fig. 54**), utilizadas para beber. Os vasos “marítimos”, característicos da fase mais antiga, são vestigiais, ou encontram-se mesmo ausentes. A exposição apresenta exemplares representativos de todas aquelas formas, decoradas por traços incisos, desde as grandes caçoilas, utilizadas para armazenamento de bens alimentares, como o fragmento recolhido no Alto dos Barronhos (**Fig. 49**). O Monte do Castelo corresponde a pequeno casal agrícola de carácter familiar, onde se recolheram diversos restos faunísticos de boi doméstico, que documentam a presença de comunidade sedentária, a que se juntam restos de ovelha/cabra e de diversas espécies de moluscos recolectados no litoral adjacente do estuário do Tejo, como a amêijoia, a lapa e o pé-de-burro, o que evidencia a importância desta componente na alimentação. A estação de Leião, corresponde a um outro pequeno núcleo com as mesmas características, implantado em área de relevo suave, propícia à agricultura. Foi identificado no decurso da escavação do estabelecimento romano do mesmo nome, revelando o conjunto de materiais cerâmicos campaniformes uma distribuição concentrada no terreno e características tipológicas muito coerentes, invariavelmente decorados pela técnica incisa. O facto de estes dois modestos núcleos rurais exibirem abundantes fragmentos profusamente decorados, pertencentes a distintas tipologias de recipientes, confirma que tais produções não possuíam nenhuma carga simbólica ou ideológica, fazendo, ao contrário, parte integrante dos artefactos estritamente de carácter funcional usados nas tarefas do quotidiano.

A taça Palmela, em forma de calote esférica, com decoração a pontilhado, ou incisa, por vezes de grandes dimensões, especialmente os exemplares incisos, assume-se, como um dos elementos mais característicos das produções campaniformes mais tardias da Baixa Estremadura, primeiro com decorações a pontilhado, para logo estas serem



Fig. 47 – Fragmento de grande taça Palmela decorada pela técnica incisa e impressa, do Monte do Castelo. Comp. máx.: 9,0 cm (CEACO / colheita J. Norton).

substituídas, de forma gradual, pelas que recorreram à técnica incisa. Nas estações do concelho de Oeiras registaram-se exemplares notáveis destas produções mais tardias, profusamente decoradas, alguns deles expostos, provenientes de Leião (**Fig. 55; Fig. 56**) e do Monte do Castelo (**Fig. 46; Fig. 47**), estes últimos decorados com métopas verticais abaixo do bordo, cujos lábios exibem, por seu turno, a aplicação por impressão de uma matriz em zigue-zague, que evoca a técnica e padrão em “folha de acácia”, mais antiga, também presente no fragmento de grande caçoila recolhida no Alto dos Barronhos (**Fig. 49**). Tais continuidades ilustram que os três grupos campaniformes, embora tenham surgido um após o outro, conheceram períodos de coexistência, pois as produções características de cada um deles encontram-se por vezes associadas nos mesmos contextos. A análise global das datações de radiocarbono existentes (Cardoso & Soares, 1990/1992), mostra que o vaso campaniforme de tipo “marítimo”, desde cedo associado às produções de cunho regional decoradas a pontilhado (Grupo de Palmela) surgiu na Baixa Estremadura portuguesa no decurso do segundo quartel do III milénio a.C., como indicam os resultados cronométricos obtidos em Leceia, região onde, como se referiu, é extremamente abundante; no resto do território é muito menos comum, sendo nalgumas regiões, como no Algarve, apenas residual.

A partir de meados do III milénio a.C., a nova ordem económico-social que então, progressivamente, se impõe, na Baixa Estremadura, consubstanciou-se no progressivo abandono dos sítios fortificados, como Leceia, acompanhando a emergência e ulterior multiplicação, no decurso da segunda metade daquele milénio, de pequenos casais agrícolas em locais abertos, desprovidos de condições naturais de defesa, onde as cerâmicas campaniformes incisas dominam, como é o caso do Monte do Castelo, ou são quase exclusivas, como em Leião. Ali prosseguiu uma economia agro-pastoril potenciada por uma mais próxima e directa relação com os campos agricultados corporizando granjas de raiz familiar, onde pastoreio de grandes bovídeos, cujos vestígios se recolheram no Monte do Castelo, se afiguram incompatíveis com populações pouco sedentarizadas. A especialização e diversificação das produções continuou vigente, com a preparação de produtos derivados do leite, como indicam os fragmentos de cinchos recolhidos no Alto dos Barronhos (**Fig. 50**). Deste modo, os numerosos casais dispersos pelos vastos espaços agrícolas do concelho de Oeiras parecem corporizar a passagem paulatina para um novo regime social, já plenamente da Idade do Bronze, onde a reorganização do modelo demográfico de ocupação do território foi determinado pela flexibilização das modalidades de exploração correspondentes, com a consequente optimização das produções (Cardoso, 1997, 1998). Deste modo, o sobreproduto económico assim originado poderá ter estado na origem da estabilização das redes de circulação transregionais anteriormente estabelecidas, reforçando-as, ao contrário do que poderia parecer à primeira vista. Assim se explica o acréscimo da presença de produtos de grande difusão e standardização, de fabrico supra-regional, abarcando largas áreas do continente europeu, como são os artefactos que integram o chamado



Fig. 48 – Conjunto de fragmentos de recipientes campaniformes decorados pela técnica do pontilhado, do Alto dos Barronhos. Em cima, de taças Palmela; em baixo, caçoilas de ombro. Comp. máx. do ex. do canto inf. esq.: 3,9 cm (CEACO / colheita J. R. Carreira, J. L. Cardoso e F. Peixoto).



Fig. 49 – Fragmento de grande caçoila campaniforme com decoração incisa e impressa. Alto dos Barronhos. Comp. máx.: 9,9 cm (CEACO / colheita J. R. Carreira, J. L. Cardoso e F. Peixoto).

Fig. 50 – Fragmentos de dois recipientes de paredes perfuradas, usualmente atribuídos a cinchos para o fabrico do queijo. Época campaniforme. Alto dos Barronhos. Comp. máx. do ex. da direita: 8,3 cm (CEACO / colheita J. R. Carreira, J. L. Cardoso e F. Peixoto).

“pacote” campaniforme (vasos “marítimos”, pontas de Palmela, adagas, braçais de arqueiro, botões em forma de “tartaruga” ou com perfuração em “V”, entre outros). Por outro lado, os artefactos ditos de “prestígio”, alguns de ouro, cuja presença na Estremadura se torna, pela primeira vez, evidente (brincos com decoração a repuxado, anéis em espiral, contas bicónicas, diademas e aplicações diversas em folhas de ouro batidas), indicam a presença, no fim do Calcolítico, agora de forma inquestionável, de “elites”, o que contraria a aparente dissolução da estrutura social pré-existente, baseada na existência de imponentes povoados fortificados, como poderíamos, ingenuamente, ser levados a pensar: assim, a desarticulação do padrão de povoamento dominante até meados do III milénio a.C. mais não foi que uma adaptação a um conjunto de novas condições impostas pela própria sociedade, na qual as elites, cuja existência já se encontrava esboçada anteriormente, reforçaram a sua presença e importância (Cardoso, 2000). Neste contexto se inscreve a bem conhecida panóplia bélica campaniforme, antes referida, pertencente ao segmento guerreiro emergente de uma sociedade que também era de comerciantes, artífices, pastores e agricultores.

Estaríamos, então, já longe da sociedade tribal, baseada no princípio da consanguinidade, “por natureza, uma sociedade fechada e suspicaz, na qual o exclusivismo do vínculo que a realiza e mantém conduz internamente à solidariedade e externamente à discórdia” (Carvalho, 1946, p. 17-18). Assim, a transição de uma sociedade igualitária, para uma sociedade complexa, estratificada socialmente, como a da Idade do Bronze, foi corporizada, gradualmente, no território oeirense, pelas comunidades campaniformes do final do Calcolítico.

Nestes termos, avulta, entre muitas questões, uma, que decorre do acima exposto: corresponderiam os núcleos campaniformes mais tardios, como o do Monte do Castelo e de Leão, situáveis no último quartel do III milénio a.C., a sítios auto-suficientes, de carácter familiar (como se admite), eventualmente ligados por laços de parentesco, por exemplo, através da troca de mulheres, os quais justificariam a constância das características decorativas da cerâmica campaniforme tardia, dominada pela técnica incisa aplicada a formas regionais. Ou, ao contrário, integrariam territórios alargados, geridos por povoados mais importantes, situados em locais estratégicos (não necessariamente de altura), ainda desconhecidos, prenunciando o modelo de compartimentação do espaço e de territorialização do Bronze Final, quase um milénio depois?



Fig. 51 – Vaso campaniforme “marítimo” restaurado com decoração a pontilhado de bandas horizontais preenchidas interiormente por linhas alternadas. Povoado pré-histórico de Leceia. Comp. máx.: 13 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

Fig. 52 – Porção de vaso campaniforme “marítimo” parcialmente restaurado com decoração a pontilhado de bandas horizontais preenchidas interiormente por linhas alternadas. Povoado pré-histórico de Leceia. Comp. máx.: 11,0 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).





Fig. 53 – Fragmento de bordo de taça Palmela com decoração incisa. Povoado pré-histórico de Carnaxide. Comp. máx.: 5,6 cm (CEACO / colheita J. L. Cardoso e G. Cardoso).

Fig. 54 – Fragmento de taça em calote com decoração incisa. Estabelecimento romano de Leião. Diâmetro: 10,5 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).



Fig. 55 – Fragmento de bordo de taça Palmela com decoração incisa. Estabelecimento romano de Leião. Comp. máx.: 8,7 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

Fig. 56 – Fragmento de bordo de taça Palmela com decoração incisa. Estabelecimento romano de Leião. Comp. máx.: 7,5 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).



Fig. 57 – Conjunto de elementos de foice sobre lasca do Bronze Final, dispostos como se encontrariam numa foice encabada, e pormenor do bordo denteado, obtido por percussão de uma ponta, provavelmente metálica. Abrunheiro. Sílex. Comp. máx. do ex. ampliado: 3,2 cm (MNA / colheita G. Marques).

sete'

O FINAL

DA IDADE

DO BRONZE



Fig. 58 – Porção de arco de fíbula de cotovelo do Bronze Final. Abrunheiro. Bronze. Comp. máx.: 4,5 cm (MNA / colheita G. Marques).



Fig. 59 – Fragmento de conta bitroncocónica do Bronze Final. Alto das Cabeças. Cornalina. Diâm. máx.: 2,1 cm (CEACO / colheita J. L. Cardoso e G. Cardoso).

EXPOSITOR 8 | O FINAL DA IDADE DO BRONZE

Abrunheiro (MNA/colheita G. Marques)

1 a 15 – Recipientes do Bronze Final: fragmentos de grandes dimensões de armazenamento (1 a 3); 4 e 5 – vasos fechados de colo alto; 6 a 14 – taças de carena alta ou média, uma delas (13) com mamilo com furo de suspensão vertical; 15 – recipiente de forma naviforme, com quilha externa longitudinal, talvez de carácter ritual ou votivo. Pastas com abundantes elementos desengordurantes de origem vulcânica, indicando fabricos locais

16 – Brunidor / alisador de arenito fino para a indústria cerâmica

17 – Elementos de foice sobre lascas de sílex com um dos bordos serrilhados; **Fig. 57**

18 – Fragmento de fíbula de cotovelo, de bronze, conservando-se apenas parte do arco; **Fig. 58**

19 e 20 – Porções de bronze de argola e de possível bracelete

21 e 22 – Fragmentos de punções ou sovelas, de bronze

23 – Disposição de elementos de foice sobre lascas de sílex, com bordo serrilhado, reconstituindo o fio do instrumento original, munido de cabo de madeira; **Fig. 57**

Alto das Cabeças (CEACO/colheita J. L. Cardoso e G. Cardoso)

24 a 26 – Fragmentos de elementos de preensão de recipientes do Bronze Final: 24, asa; 25 e 26, mamilos de preensão de recipientes cerâmicos, possuindo o n.º 25 uma dupla protuberância podendo ter carácter simbólico

27 e 28 – Fragmentos de recipientes de armazenamento

29 – Conjunto de 26 exemplares de elementos de foice sobre lascas de sílex, com bordo serrilhado

30 – Metade de uma conta de cornalina de formato bitroncocónico; **Fig. 59**

Centro histórico de Oeiras (CEACO/escavações dirigidas por J. L. Cardoso)

31 a 35 – Fragmentos de recipientes de ornatos brunidos; **Fig. 60; Fig. 61**

Mercê das condições naturais propícias antes aludidas oferecidas pelo território oirense à fixação humana, com destaque para a aptidão agrícola dos solos que nele de desenvolvem, assistiu-se, no último quartel do II milénio a.C., e até aos inícios do milénio seguinte, à multiplicação de núcleos rurais de carácter familiar, ou mesmo de povoados abertos, voltados para a exploração intensiva de carácter agro-pastoril, ao longo de todo o ano, tal como já se verificava, embora de forma menos acentuada, no Campaniforme, cerca de mil anos antes. Consequentemente, seria fácil a produção

de excedentes, susceptíveis de comercialização, favorecida pela excelente posição geográfica da região, capaz de assegurar a articulação do comércio atlântico com o mediterrâneo, tanto através da navegação de cabotagem, ao longo da costa, como utilizando as rotas terrestres ou fluviais já existentes.

No concernente à produção de excedentes, dominariam os cereais, cujo cultivo intensivo e extensivo se encontra expressivamente documentado na região pela abundância de elementos denticulados de foices, sobre lascas de sílex, que seriam montadas em cabos de madeira, como os recolhidos nos sítios de encosta do Abrunheiro (**Fig. 57**), na margem esquerda da ribeira da Laje, perto do centro comercial Oeirasparque, ou do Alto das Cabeças, actualmente ocupado pelo Taguspark, (Cardoso & Cardoso, 1996). Tudo indica que o volume das produções cerealíferas, a crer nas centenas de elementos recolhidos, dispersos pelos campos ainda há poucos anos intensamente agricultados, ultrapassariam as necessidades de consumo destas pequenas comunidades. Com efeito, a presença de tão laboriosas quanto sedentárias e pacíficas populações, só poderá ser cabalmente compreendida no quadro de uma estrutura sócio-económica organizada à escala regional, articulada em núcleos demográficos mais importantes, a partir dos quais se procederia à administração de territórios bem definidos, por onde se dispersavam tais unidades de produção, de raiz familiar. Existiria, assim, uma estrutura de poder emergente, articulando entre si conjuntos de casais agrícolas ou pequenos povoados, unidos, talvez, por laços de parentesco. Deste modo, a emergência destes inúmeros locais onde se praticava uma economia cerealífera intensiva, é indissociável da afirmação de determinados centros de poder económico-político, sedeados em locais altos, a partir dos quais uma elite, por pequena que fosse, asseguraria a administração de um determinado território, com limites claramente definidos. Nenhum de tais sítios foi identificado no actual concelho de Oeiras, situando-se o mais próximo no Cabeço do Mouro, perto da povoação de Abóboda, no vizinho concelho de Cascais. Ali, escavações recentes realizadas na base da elevação – actualmente totalmente ocupada pela construção – conduziram à identificação de um silo escavado no substrato margocalcário, ulteriormente colmatado por materiais coevos, entre os quais cerâmicos, absolutamente idênticos aos recuperados nas duas estações oeirenses acima referidas, além de restos faunísticos, cuja datação pelo radiocarbono forneceu o resultado, para um intervalo de confiança de 95%, de 972-798 cal BC (Cardoso, 2006). Tudo indica, deste modo, que será a este mesmo período cronológico que as presenças de carácter agrícola do Bronze Final do concelho de Oeiras se devem reportar.

A existência de algum desafogo económico por parte dos habitantes destes casais agrícolas é sugerido pela recolha de uma conta bitroncocónica incompleta de cornalina (**Fig. 59**), no Alto das Cabeças, e de um fragmento de fíbula de cotovelo de bronze, de provável modelo siciliano, de contorno fortemente assimétrico, correspondendo a parte conservada ao segmento do arco de maior comprimento, com duas tênues caneluras como decoração, proveniente do Abrunheiro (**Fig. 58**). A sua cronologia



Fig. 60 – Fragmento de vaso de ornatos brunidos do Bronze Final. *Villa* romana de Oeiras. Comp. máx.: 7,0 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

Fig. 61 – Fragmento de vaso de ornatos brunidos do Bronze Final. *Villa* romana de Oeiras. Comp. máx.: 3,0 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

será próxima do único exemplar deste tipo pertencente ao conjunto dragado na ria de Huelva, datado pelo radiocarbono na primeira metade do século IX a.C. (Almagro-Gorbea, 1977, p. 173, nota 17).

Outros importantes testemunhos do Bronze Final respeitam às cerâmicas de ornatos brunidos, de que se recolheram escassos mas interessantes fragmentos no subsolo do centro histórico de Oeiras, na área depois ocupada pela *villa* romana ali existente. Tais fragmentos (**Fig. 60**; **Fig. 61**) afiguram-se em tudo idênticos aos reconhecidos na Lapa do Fumo (Sesimbra), os primeiros dados a conhecer no final da década de 1950 (Serrão, 1959, Cardoso, 1996) e que constituem ainda hoje o conjunto mais notável deste tipo de produções em território português.

Além de se poderem facilmente associar ao quotidiano das elites – daí serem especialmente comuns em povoados de altura desta região (Cardoso, 2004) - configuram uma etapa tardia do Bronze Final regional, situável entre os séculos XI e IX antes de Cristo (Bronze Final II), compatível com a cronologia dos povoados de altura do sul da Beira Interior, onde também se recolheram fragmentos de tais cerâmicas (Vilaça, 1995). A extensão das produções de ornatos brunidos ao longo da bacia hidrográfica do Tejo português, pode, assim, conotar-se com a rota do estanho, até à Estremadura, do mesmo modo que o cobre aqui afluía, oriundo tanto do Alto como do Baixo Alentejo. O exemplo mais expressivo desta realidade é a presença de molde de arenito para fundição de foices de talão de bronze, recolhido perto do Cacém, no vizinho concelho de Sintra, que mostra que o abastecimento da Baixa Estremadura e, em particular, da região ribeirinha do Tejo, tanto de estanho como de cobre, viabilizou o fabrico de artefactos de bronze, numa região onde não existiam nenhum dos seus dois componentes essenciais (Cardoso, 2004). Assim, a presença de artefactos bronzíferos, de produção necessariamente dispendiosa, revela a capacidade económica atingida no final Bronze Final da Baixa Estremadura pelas populações que então ocupavam a região. Tais peças (foices de talão, machados de alvado e machados de talão univalves) destinavam-se tanto para utilização local – só então as foices de elementos serrilhados de sílex com encabamento madeira teriam sido definitivamente substituídas pelos seus equivalentes metálicos – como, sobretudo, para exportação, por via marítima.

As enseadas do estuário do Tejo correspondentes ao litoral do actual concelho de Oeiras, comportar-se-iam, então, como locais onde os habitantes do Bronze Final contactaram, pela primeira vez, com intermediários de origem sarda ou siciliana, configurando o chamado período pré-colonial, antecedendo a presença fenícia nesta região. Esta, verificada logo depois, a partir dos finais do século IX a.C., ou nos primórdios do século seguinte, apoiava-se, entre outras razões, nas mais-valias decorrentes da comercialização das produções bronzíferas, senão das matérias primas em lingotes (cobre e estanho), em direcção do Mediterrâneo. Assim sendo, os elementos detentores do poder na região, ou seja, as elites locais, actuariam como intermediários na recepção e ulterior comercialização destes bens, arrecadando os proveitos consequentes. É desta

forma que se explicam as numerosas peças encontradas em sítios do Mediterrâneo Central (Itália, Sardenha, Sicília) objecto de recente inventário (Lo Schiavo, 1991), onde se destaca o célebre depósito do Monte Sa Idda, Cagliari (Sardenha), conjunto situável nos séculos X/IX a. C., onde estão presentes as três produções características da Estremadura portuguesa: foices de talão; machados de talão com face plana; e machados de alvado com duas argolas. Por outro lado, este comércio também se fazia na direcção oposta: é o que indicam as ocorrências análogas nas Ilhas Britânicas (Coffyn, 1985; Monteagudo, 1977).

O enriquecimento destas comunidades estaria assim justificado, sem que seja necessário recorrer a outros factores, como a exploração do sal ou a do ouro, ambos susceptíveis de serem produzidos na região do estuário do Tejo e, designadamente no litoral oeirense; em São Julião da Barra, o ouro foi explorado até ao primeiro quartel do século XIX, tendo sido apenas suspensa a produção sobretudo pelo encarecimento da mão de obra (Eschwege, 1831).

O território oeirense configurava-se, assim, no final do Bronze Final, cerca de 900/800 anos a.C., como parte integrante de uma área geográfica mais vasta, englobando toda a Baixa Estremadura, palco da intersecção de múltiplos interesses económicos, que garantiram, afinal, a sua própria individualização e originalidade cultural. Tal realidade, dominada pela dualidade dos influxos oriundos dos dois domínios que determinaram aquela identidade – o Atlântico e o Mediterrâneo – assumiu importância determinante no sucesso da empresa fenícia, corporizada pela chegada de comerciantes e navegadores daquela origem, a partir dos primórdios do século VIII a.C., senão mesmo, como se disse acima, ainda nos finais do século anterior, a partir da colónia gaditana. Em alternativa, essa presença e comércio foi assegurada, como defende M. Almagro-Gorbea, por populações tartéssicas, provenientes do Baixo Guadalquivir, aqui chegadas tanto por via marítima como terrestre, como comprova o célebre caminho que, da foz do Tejo conduzia a Tartessos, atravessando o Baixo Alentejo em diagonal, em quatro dias. Seja como for, mercê de uma longa convivência com populações mediterrâneas, as populações indígenas aqui residentes estavam em condições de estabelecer com os novos comerciantes de origem fenícia ocidental uma relação facilitada pela familiaridade entretanto adquirida com os seus antecessores imediatos do Mediterrâneo central (Sardenha, Sicília), como documentam, entre outros, os elementos bronzíferos acima referidos. É por isso que não faz sentido separar artificialmente a realidade do Bronze Final da dos inícios da Idade do Ferro, a não ser pelas características dos materiais arqueológicos, pois entre ambas, mais do que em relação aos períodos anteriormente tratados, não houve hiatos ou descontinuidades assinaláveis, ao nível da economia e da organização social, das comunidades que então ocuparam o território concelhio.



Fig. 62 – Cerâmicas feitas ao torno rápido da I Idade do Ferro do casal agrícola de Leião. Em cima: fragmento de prato de engobe vermelho e bordo de *pithos*; em baixo: bordo e asa de ânforas fenícias. Comp. máx. do bordo do *pithos*: 10,0 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

oito'

A I IDADE DO FERRO

EXPOSITOR 9 | A IDADE DO FERRO

Casal agrícola de Leião (CEACO/escavações dirigidas por J. L. Cardoso)

36 – Fragmento de *pithos* de importação; período orientalizante, séculos VII / VI a.C.; **Fig. 62**, em cima, à direita.

37 e 38 – Asa bífida e bocal de ânfora fenícia; período orientalizante, séculos VII / VI a.C. ; **Fig. 62**, em baixo, à direita e à esquerda, respectivamente.

39 – Fragmento de prato de engobe vermelho; período orientalizante séculos VII / VI a.C. ; **Fig. 62**, em cima, à esquerda.

Os primeiros materiais de fabrico mediterrâneo, chegados à área de Oeiras, através do comércio fenício, foram recolhidos em 2009, aquando da escavação do núcleo rural de Leião, situado a cerca de 150 m de distância do estabelecimento romano escavado no ano anterior.

Dali conheciam-se já diversos materiais de superfície, pertencentes à Idade do Ferro, recolhidos especialmente aquando das lavras agrícolas, mas nenhum possuía características suficientemente discriminantes para os atribuir a uma época tão recuada.

A intervenção realizada sob a égide do CEACO/CMO e dirigida pelo signatário, permitiu a recolha de alguns materiais cerâmicos, relacionados com um estabelecimento rural do qual já quase nada restava, entre os quais se encontraram os agora expostos.

A ocorrência destes espólios de importação de cunho orientalizante dos séculos VII / VI a.C. (**Fig. 62**), num pequeno casal agrícola que, nas suas características e finalidades, em nada difere dos seus antecessores, na mesma região, do Bronze Final, vem mostrar que a estratégia de exploração agrícola, intensiva e extensiva, dos terrenos do aro oeirense, essencialmente vocacionados para a produção cerealífera, se manteve, ao nível dos próprios sistemas produtivos. Tenha-se presente, em abono desta conclusão, não só a cronologia absoluta obtida para o sítio do Bronze Final do Cabeço do Mouro (Cascais), cujo limite inferior do intervalo para 95% de confiança atinge os começos do século VIII a.C. (Cardoso, 2006), separado apenas cerca de 100 anos da cronologia da ocupação do sítio oeirense, mas sobretudo a evidente continuidade que se verifica ao nível das produções de cerâmicas manuais encontradas em Leião, associadas a produções importadas fabricadas ao torno rápido, face às suas antecessoras do Bronze Final. Quer isto dizer que, imediatamente após o estabelecimento de populações de origem mediterrânea, entre as quais se poderiam contar alguns indivíduos fenícios ocidentais –

ou tartéssicos (na aceitação desta alternativa ao modelo da colonização fenícia proposto por M. Almagro-Gorbea para o litoral atlântico) – em locais dominando o estuário do Tejo, tanto no morro do Almaraz, em Almada, como na plataforma da Sé, em Lisboa, se verificou a progressão da “colonização agrícola” para o interior do território ribeirinho, interagindo com as populações do Bronze Final, que ali continuavam a dedicar-se a intensa exploração agro-pastoril. Desse curto momento de interacção, resultou a imediata aquisição, por parte destas últimas, de uma panóplia artefactual até então desconhecida, com destaque para as primeiras produções cerâmicas feitas ao torno rápido. Tal movimento de ocupação das férteis terras ribeirinhas à margem norte da foz do Tejo fora preconizado pela primeira vez pelo signatário em 1990, com base nos então recém-escavados sítios de Outurela I e II, dos finais do século VI/século V a.C. (Cardoso, 1990). As recentes escavações efectuadas no casal agrícola de Leião, cujo início foi reportado ainda ao século VII a.C., permitem concluir que o lapso de tempo entre a chegada dos primeiros impulsos orientalizantes e a “colonização agrícola” dos referidos territórios foi muito menor que o até agora admitido.

Certamente que a precoce colonização das férteis terras adjacentes ao estuário não era estranho aos propósitos económicos dos recém-chegados, interessados na obtenção de bens de consumo, como cereais e, até eventualmente carnes de conserva, para além de metais, como o estanho e o cobre, que aqui afluíam num movimento concertado de larga amplitude desde o Bronze Final. Para além da possibilidade de comercialização dos produtos da terra atrás aludidos, estes serviriam, naturalmente, para abastecer a urbe antecessora da actual cidade de Lisboa, de carácter essencialmente comercial, em processo de acelerado crescimento.



Fig. 63 – Grande vaso restaurado de fundo plano, feito ao torno lento, do casal agrícola da Idade do Ferro de Gamelas 3. Comp. máx.: 34,5 cm (MNA / colheita G. Marques).

noVe'

A TRANSIÇÃO
DA I PARA A II
IDADE DO FERRO



Fig. 64 – Jarro restaurado feito ao torno lento do casal agrícola da Idade do Ferro de Gamelas 3. Comp. máx.: 25,0 cm (MNA / colheita G. Marques).

EXPOSITOR 10 | A TRANSIÇÃO DA I PARA A II IDADE DO FERRO (I)

Casal agrícola de Gamelas 3 (MNA/escavações de G. Marques)

1 – Vaso de armazenamento de fabrico manual; horizonte de tradição orientalizante, final do século VI/ 1.ª metade do século V a.C.; **Fig. 63**

2 – Jarro de fabrico manual munido de pega; horizonte de tradição orientalizante, final do século VI/ 1.ª metade do século V a.C.; **Fig. 64**

3 a 5 – Potes de cerâmica montada ao torno rápido com decorações de linhas incisadas concêntricas na parte superior do bojo; horizonte de tradição orientalizante, final do século VI/ 1.ª metade do século V a.C.; **Fig. 65**

EXPOSITOR 11 | A TRANSIÇÃO DA I PARA A II IDADE DO FERRO (II)

Casal agrícola de Gamelas 3 (MNA/escavações de G. Marques)

1 – Jarro com colo nervurado de cerâmica cinzenta fina; horizonte de tradição orientalizante, final do século VI/século V a.C.; **Fig. 66**, em cima.

2 – Pequeno vaso em forma de urna de cerâmica cinzenta fina; horizonte de tradição orientalizante, final do século VI/ século V a.C.; **Fig. 67**, em cima.

3 – Taça de cerâmica cinzenta fina; horizonte de tradição orientalizante, final do século VI/ século V a.C.; **Fig. 66**, em baixo.

4 – Suporte de recipiente de cerâmica cinzenta fina; horizonte de tradição orientalizante, final do século VI/ século V a.C.; **Fig. 68**

5 – Prato de cerâmica cinzenta fina nervurado exteriormente e com fundo munido de ônfalo; horizonte de tradição orientalizante, final do século VI/século V a.C.; **Fig. 67**, em baixo.

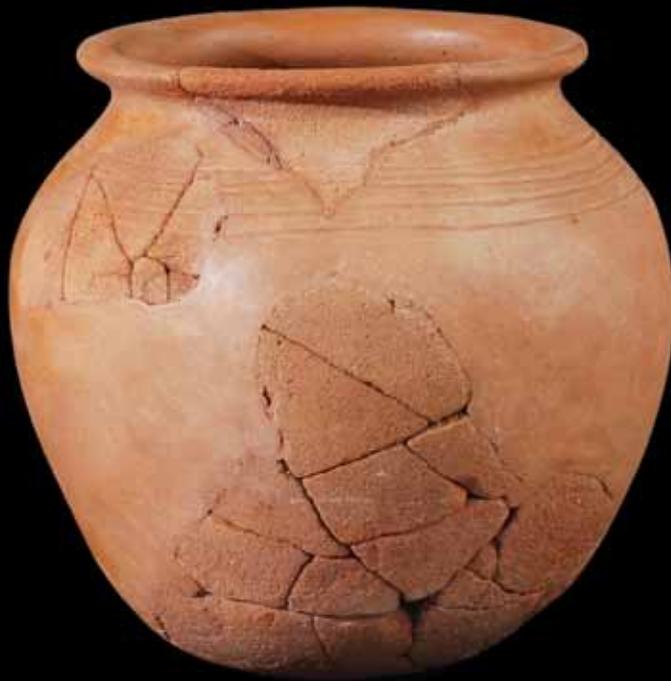


Fig. 65 – Dois vasos feitos ao torno rápido, restaurados total e parcialmente, decorados no bojo por bandas incisadas, do casal agrícola da Idade do Ferro de Gamelas 3. Diâmetro do ex. completo: 23 cm (MNA / colheita G. Marques).



Fig. 66 – Jarro de cerâmica cinzenta fina com decoração nervurada no colo e taça de cerâmica cinzenta fina, feitos ao torno rápido, do casal agrícola da Idade do Ferro de Gamelas 3. Altura do jarro: 22,0 cm (MNA / colheita G. Marques).

EXPOSITOR 12 | A TRANSIÇÃO DA I PARA A II IDADE DO FERRO (III)

Casal agrícola de Outurela 1 (CEACO/escavações dirigidas por J. L. Cardoso)

1 a 6 – Fragmentos de ânforas de tradição orientalizante: asas (1 a 4) e bordos (5 e 6); final do século VI/século V a.C., horizonte de tradição orientalizante; **Fig. 69**

7 – Bojo de *pithos*, com decoração de bandas pintadas na face externa, de tradição orientalizante, sobre fundo branco; final do século VI/século V a.C., horizonte de tradição orientalizante; **Fig. 70**

8, 9 e 10 – Fragmentos de produções cerâmicas cinzentas finas: Jarro com nervuras no bojo (8); Vasos em forma de urna com nervuras no colo (9, 10); final do século VI/século V a.C. – horizonte de tradição orientalizante; **Fig. 71; Fig. 72**

11, 12 – Cerâmica comum: fragmento de pote, com bojo e bordo (11); e fundo de recipiente (12); final do século VI/século V a.C. – horizonte de tradição orientalizante

13 – Fíbula anular hispânica; final do século VI/século V a.C. – horizonte de tradição orientalizante; **Fig. 73**

Casal agrícola de Outurela 2 (CEACO/escavações dirigidas por J. L. Cardoso)

14 – Fragmento de bordo de *pithos* com lábio e colo pintados sobre fundo branco; final do século VI/século V a.C. – horizonte de tradição orientalizante; **Fig. 74**

Aos materiais orientalizantes identificados nos dois pólos que dominam de ambos os lados o estuário do Tejo (Plataforma da Sé e Almaraz, sobre Cacilhas), sucedem-se outros, a partir do final do século VI e ao longo de todo o século V a. C., os quais, embora ainda influenciados pelos protótipos fenícios ocidentais, correspondem essencialmente a produções locais ou regionais. Neste conjunto se inscrevem algumas, raras, cerâmicas áticas, dos séculos V/IV a.C., materiais de luxo aqui chegados em consequência da actividade comercial dos Púnicos, a partir do importante pólo comercial de Gades, que coordenaria o comércio efectuado para ocidente, designadamente ao longo da costa atlântica. Esta realidade extravasou para os pequenos estabelecimentos rurais que, na continuidade dos do Bronze Final (Abrunheiro, Alto das Cabeças) e da I Idade do Ferro orientalizante (Leião), continuaram a pontuar o território oeirense.

A explicação para a manutenção destes casais agrícolas reside nas mesmas razões das apresentadas por A. M. Arruda para o período orientalizante (Arruda, 1999/2000), as quais se considera, ao contrário da opinião daquela investigadora, continuarem válidas



Fig. 67 – Vaso de cerâmica cinzenta fina e prato de cerâmica cinzenta fina com decorações nervuradas, feitos ao torno rápido, do casal agrícola da Idade do Ferro de Gamelas 3. Diâmetro do prato: 32,0 cm (MNA / colheita de G. Marques).

desde os finais do século VI ao século III a.C. Com efeito, no quadro do comércio púnico para ocidente de Gades ao longo da costa atlântica, de que existem incontroversas provas arqueológicas, avultava a necessidade de continuar a assegurar o domínio da entrada do grande rio peninsular bem como do escoamento dos produtos que, do interior, afluíam ao seu estuário. Tal domínio carecia de um poder político-administrativo de carácter regional, exercido pelas elites sedeadas talvez no povoado mais importante à época, correspondente à colina do Castelo de S. Jorge e respectiva encosta, até ao braço de água salobra que então penetrava a terra correspondente à actual Baixa. Deste modo, mantém-se a legitimidade, para o século V a.C. em diante – até por maioria de razão, face à importância dos materiais arqueológicos exumados no casco antigo de Lisboa e no território rural adjacente (Serra, 2008) – de atribuir toda a vasta área ribeirinha à foz do Tejo e respectivo estuário, à administração de uma única entidade política, encontrando-se o povoamento hierarquizado em função do grande centro demográfico e administrativo, correspondente à grande cidade de Olisipo, então já talvez com tal designação. Nesta perspectiva, o povoamento rural da Idade do Ferro pós-orientalizante dos finais dos séculos VI e ao longo de todo o século V a.C., teria justificação acrescida, porque integrado numa estratégia concertada de produção dos recursos alimentares indispensáveis à manutenção da urbe olisiponense – desde cereais a legumes, e do leite a carne fresca – por aqueles assegurada.

Em 1985 e 1986, e, depois, em 1988, procedeu-se à escavação, respectivamente, dos casais agrícolas de Outurela 1 e 2, distanciados entre si escassas centenas de metros, situados em encosta basáltica voltada para o estuário do Tejo (Cardoso, 1990, 1996). Trata-se de unidades habitacionais constituídas por casas de planta rectangular, cujo embasamento era feito de blocos basálticos não aparelhados, nos quais assentaria uma superestrutura leve, de barro seco (adobe), com cobertura de colmo; tais habitações dispunham, ainda, de zonas lajeadas. Deste modo, as transformações arquitectónicas verificadas face às cabanas do Bronze Final, de planta elipsoidal, como a identificada na Tapada da Ajuda, denotam, neste domínio, novas influências culturais, também evidentes na adopção de novas tecnologias, com destaque para as produções cerâmicas ao torno rápido, que rapidamente se generalizaram e para o uso de alfaias agrícolas de ferro, das quais, contudo, não há vestígios. As cerâmicas exumadas, embora denunciando ainda nítida filiação em modelos fenícios, como as ânforas (**Fig. 69**), e fragmentos de *pithoi*, entre os quais um bojo com pintura de bandas sobre fundo branco de Outurela 1 (**Fig. 70**) e um bordo, igualmente com vestígios de pintura, recolhido em Outurela 2 (**Fig. 74**), já não integram um dos mais característicos produtos de importação fenícia, representado no “casal agrícola” de Leião, ocupado, como se disse, nos séculos VII/VI a.C.: trata-se dos pratos de verniz vermelho, os quais foram integralmente substituídos por taças de cerâmica cinzenta e por outros recipientes, decorados com nervuras, como jarros (**Fig. 71**) e vasos de fino acabamento brunido (**Fig. 72**), de coloração cinzento-anegrada e de toque metálico. Corresponderão talvez a produções melhor adaptadas ao gosto e necessidades dos seus utilizadores, presentes também em Lisboa, nos



Fig. 68 – Suporte anular restaurado, para grandes recipientes, de cerâmica cinzenta fina, decorado com caneluras e interior oco, do casal agrícola da Idade do Ferro de Gamelas 3. Diâmetro: 16,0 cm (MNA / colheita G. Marques).



Fig. 69 – Asas de ânforas de tradição orientalizante do casal agrícola da Idade do Ferro de Outurela
1. Comp. máx. do ex. central: 10,6 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).



Fig. 70 – Bojo de *pithos* com decoração polícroma de bandas, do casal agrícola da Idade do Ferro de Outurela 1. Comp. máx.: 26,0 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).



Fig. 71 – Jarro de cerâmica cinzenta fina restaurado, com decoração nervurada no colo, feito ao torno rápido, do casal agrícola da Idade do Ferro de Outurela 1. Comp. máx.: 22,0 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).



Fig. 72 – Bojo e bordo de vaso de cerâmica cinzenta fina feita ao torno rápido, com decoração nervurada no colo, do casal agrícola da Idade do Ferro de Outurela 1. Comp. máx.: 13,8 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

Fig. 73 – Fíbula anular do casal agrícola da Idade do Ferro de Outurela 1. Bronze. Comp. máx.: 4,1 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

estratos pré-romanos de Conimbriga e em Santa Olaia (Figueira da Foz), mas ausentes no vale do Sado (Setúbal, Abul, Alcácer do Sal), facto que lhe confere evidente cunho regional, de momento limitado ao norte do Tejo.

A ocorrência de uma fíbula anular hispânica em Outurela I do tipo Cuadrado 9 a (**Fig. 73**), com paralelo em exemplares nos Moinhos de Atalaia (Amadora) reforça a cronologia dos finais do século VI/século V a.C. atribuída à correspondente ocupação.

Em conclusão: os espólios exumados nos casais agrícolas Outurela 1 e 2 seriam suficientes para comprovar, na área de Oeiras, a manutenção de laços económicos privilegiados com o Mediterrâneo, agora protagonizados por comerciantes púnicos, em estreita interacção com a população indígena, que constituía o grosso dos habitantes da região, os quais persistem até à romanização.

Os resultados obtidos do estudo dos espólios provenientes de Outurela 1 e 2 aplica-se inteiramente ao espólio das escavações realizadas no final da década de 1980 por Gustavo Marques no casal agrícola de Gamelas 3, actualmente desaparecido, e que se situaria no perímetro do Parque dos Poetas. Implantava-se em vasto espaço de relevos basálticos pouco acidentados, correspondendo a encosta suave voltada a poente, no topo da margem esquerda da ribeira da Laje, configurando uma ocupação circunscrita e de curta duração, talvez durante uma ou duas gerações. A sua cronologia situa-se, tal como a de Outurela, no final do século VI/ século V a.C., época em que, à semelhança do ali observado, já não ocorriam as produções de engobe vermelho importadas, de carácter orientalizante, que caracterizavam o período anterior. Com efeito, tal como em Outurela, são características desta época certas produções de cerâmicas cinzentas finas, decoradas por nervuras e de acabamento brunido, como os pratos (**Fig. 67**, em baixo), os jarros para vinho (**Fig. 66**, em cima) e os pequenos vasos de colo alto (**Fig. 67**, em cima), a par de produções de cerâmica comum, de tonalidades alaranjadas, representadas por potes decorados no bojo por finas linhas incisas (**Fig. 65**), a que se juntam produções feitas ao torno lento, de filiação no Bronze Final, como os grandes vasos de fundo plano e paredes altas (**Fig. 63**), excepcionalmente correspondendo a jarros, antecessores dos que acima se referiram (**Fig. 64**).

No conjunto dos materiais cerâmicos exumados, importa salientar a manutenção das taças de cerâmica cinzenta fina, que prosseguem até ao final da Idade do Ferro (**Fig. 66**, em baixo) e a presença de um suporte, exemplar raro de cerâmica cinzenta fina e com interior oco, decorado com sulcos concêntricos em ambas as faces (**Fig. 68**), destinado a conferir estabilidade a vasos de base convexa. Exemplares comparáveis recolheram-se em contextos orientalizantes de Santarém e de Lisboa (Arruda, 1999/2000).



Fig. 74 – Fragmento de bordo de *pithos* com lábio e colo pintados sobre fundo branco. Casal agrícola da Idade do Ferro de Outurela 2. Comp. máx.: 10,3 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).



Fig. 75 – Jarro de cerâmica cinzenta fina restaurado, de tradição da Idade do Ferro, do estabelecimento romano de Leião, decorado por conjuntos de linhas incisas no colo e no bojo. Século I a.C. Diâmetro máx.: 18,0 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

dez'

O FINAL DA
IDADE DO FERRO
E AS PRIMEIRAS
IMPORTAÇÕES
ITÁLICAS



Fig. 76 – Fragmento de bocal de ânfora vinária importada de tradição greco-italica. Séculos II / I a.C. Estabelecimento romano de Leião. Comp. máx.: 11,3 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

Fig. 77 – Base de recipiente de engobe negro, tipo Campaniense Classe B, forma Lamboglia 1 (cerca 125 – 30 a.C.). Estabelecimento romano de Leião. Comp. máx.: 4,3 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).



**EXPOSITOR 13 | O FINAL DA IDADE DO FERRO
E AS PRIMEIRAS IMPORTAÇÕES ITÁLICAS**

Estabelecimento romano de Leião (CEACO/escavações dirigidas por J. L. Cardoso)

1 – Jarro de cerâmica cinzenta fina restaurado, de tradição da Idade do Ferro; **Fig. 75**

7 – Fragmento de cerâmica cinzenta de tradição da Idade do Ferro, com grafito

17 – Bocal de ânfora vinária importada de tradição greco-italica, séc. II/I a.C. ; **Fig. 76**

18 - Base de recipiente de engobe negro, tipo Campaniense Classe B, forma Lamboglia

1 (cerca 125 – 30 a.C.) ; **Fig. 77**

Fig. 78 – Fragmento de pente de marfim decorado em ambas as faces por circunferências concêntricas, atribuível ao final da Idade do Ferro. *Villa* romana de Oeiras. Comp. máx.: 3,0 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).





Fig. 79 – Em cima: asa de ânfora anular de origem ou influência mediterrânea; em baixo: fragmento de vaso de cerâmica cinzenta fina feita ao torno rápido. Final da Idade do Ferro. *Villa* romana de Oeiras. Comp. máx.: 9,0 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

Villa Romana de Oeiras (CEACO/escavações dirigidas por J. L. Cardoso)

31 – Machado de pedra polido de anfíbolito

32 – Fragmento de pente de marfim decorado em ambas as faces por circunferências concêntricas, atribuível ao final da Idade do Ferro; **Fig. 78**.

33 – Fragmento de vaso de cerâmica cinzenta fina do final da Idade do Ferro; **Fig. 79**, em baixo.

34 – Asa anular de ânfora do final da Idade do Ferro de origem ou influência mediterrânea; **Fig. 79**, em cima.

35 – Fragmento de recipiente de cerâmica comum. Período romano republicano; **Fig. 80**

A fundação dos primeiros estabelecimentos romanos da região oeirense efectua-se em continuidade com as presenças da última etapa da Idade do Ferro, ou Ferro Mediterrânico III, conforme a designação proposta por Carlos Tavares da Silva para expressar o predomínio das relações económicas e culturais, verificadas em vastas áreas do litoral do centro e sul do País – onde se inclui o território oeirense – com aquele domínio geográfico, desde o século III até à romanização. Tal realidade encontra-se comprovada na área correspondente à implantação da *villa* romana de Oeiras, situada no centro histórico da povoação actual, onde, entre diversas produções locais ou regionais, se recolheu fragmento de ânfora neopúnica da forma Mañá C2, produzida em Cartago e nas feitorias do estreito de Gibraltar (Cardoso, 1996), pertencente ao Museu Nacional de Arqueologia. O engobe esverdeado que ostenta é característico do subtipo C2a que corresponde, essencialmente, ao século II a. C., verificando-se o apogeu da sua utilização como contentor para a comercialização, provavelmente de vinho, no segundo quartel daquela centúria. O seu fabrico em Cartago encontra-se plenamente documentado, tendo a produção sido interrompida após a destruição da cidade, em 146 a.C. Datará dessa época a substituição de tais fabricos de raiz cultural púnica pelas primeiras produções anfóricas greco-italicas, representadas no território oeirense por fragmento de rara produção do século II/I a.C., recolhida no estabelecimento romano de Leião, (**Fig. 76**).

Ao referido indício, recolhido por J. Leite de Vasconcelos no início do século XX, juntaram-se os obtidos nas escavações que ulteriormente se realizaram naquela área, hoje integrada no centro histórico da vila de Oeiras, em 2000 e depois, entre 2004 e 2007, que permitiram identificar estruturas dos finais da Idade do Ferro, subjacentes e adjacentes ao local onde se implantou conhecido mosaico romano, que provavelmente ocuparia o triclinio da *pars urbana da villa* (Gomes, Cardoso & André, 1996). É com tais estruturas que se relacionam alguns exemplares expostos, como o fragmento de asa

anular, provavelmente pertencente também a uma ânfora neopúnica provavelmente da mesma tipologia (**Fig. 79**, em cima), a que se junta um fragmento de vaso de cerâmica cinzenta fina (**Fig. 79**, em baixo) e um pente de marfim, decorado em ambas as faces por circunferências concêntricas (**Fig. 78**), cujo paralelo mais próximo em território português foi atribuído à ocupação da Idade do Ferro do Cabeço de Vaiamonte (Monforte) (Gomes, 1990, p. 78, Fig. 10, H). Contudo, deve considerar-se também a possibilidade de ser mais recente, pois conhecem-se exemplares comparáveis provenientes de contextos romanos e islâmicos; no arrabalde islâmico de Silves, foi identificado fragmento de exemplar de osso, cujo cabo se encontra igualmente decorado com circunferências concêntricas (Gonçalves, 2008, Fig. 18). O facto de, na área onde foi recolhido o exemplar em apreço, se terem recolhido sobretudo espólios da Idade do Ferro, limita com maior probabilidade a sua cronologia àquela época, a que pertencerá também um fragmento de cerâmica comum do período republicano (**Fig. 80**).

Da mesma forma, as escavações levadas a cabo no pequeno estabelecimento romano de Leião, permitiram recuperar alguns exemplares de forte tradição sidérica local, como é o caso de um jarro de cerâmica cinzenta fina (**Fig. 75**), associado a diversos materiais de origem itálica, de que se expõem um fragmento de uma rara ânfora de tradição greco-itálica vinária do século II/I a.C. (**Fig. 76**), já atrás referida, e uma base de recipiente de engobe negro, tipo campaniense da Classe B, forma Lamboglia 1, cerca 125 – 30 a.C. (**Fig. 77**). Talvez seja de atribuir a esta época a presença de pequeno machado de anfibólito, sabendo que estas populações já então se interessavam por objectos de natureza enigmática, a que atribuiriam características especiais.

Tais exemplos permitem concluir que a manutenção de uma formação económica e social estável, com expressão própria, desde o final da Idade do Bronze ao final da Idade do Ferro, na região ribeirinha do Tejo, cujos laços com o Mediterrâneo são um dos seus traços permanentes, consubstanciados primeiro pelo comércio fenício, depois pelo púnico e, finalmente, pelo itálico, configura um notável e prolongado processo de aculturação de uma região já então periférica face aos grandes estímulos civilizacionais oriundos do Mediterrâneo. O sucesso económico de tais comunidades, conservando no essencial a organização social herdada do Bronze Final, até à plena romanização, não é estranho a uma inteligente exploração dos recursos naturais disponíveis, a par da rentabilização das mais-valias decorrentes da situação geográfica de excepção, viabilizando o papel de intermediário desta região nas relações comerciais entre o Norte e o Sul, o litoral e o interior.

Foi o seu desenvolvimento económico precoce, assente em bases sólidas, estáveis e permanentes, já então velhas de muitos séculos, povoada por comunidades para quem o Mediterrâneo e os seus povos eram realidades familiares, que possibilitou a

adopção plena, na região olisiponense, na qual o concelho de Oeiras naturalmente se insere, de todas as características da cultura de Roma, sem grandes sobressaltos nem tensões sociais.



Fig. 80 – Fragmento de recipiente de cerâmica comum. Período romano republicano. *Villa* romana de Oeiras. Comp. máx.: 5,2 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).



Fig. 81 – Estela funerária de Mária Búcia. Alto da Peça 1 – Vinagre (Cacilhas). Início do século I d.C. Calcário lioz branco. Comp. máx.: 155 cm (CEACO / oferta Germano Gonçalves Canas e Filho).

onze'

A PLENA
AFIRMAÇÃO DO
DOMÍNIO ROMANO



Fig. 82 – Em cima: bordo de almofariz; em baixo: outro fragmento de almofariz, com a zona do bico por onde se fazia o escoamento dos produtos macerados. Produções da Bética. Estabelecimento romano de Leão. Comp. máx. do exemplar maior: 9,1 cm. (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

EXPOSITOR 8 | A PLENA AFIRMAÇÃO DO DOMÍNIO ROMANO (I)

Alto da Peça 1 - Vinagre (Cacilhas)

Estela funerária de Mária Búcia. Talhada em calcário lioz branco. Início do século I d.C. Oferta do Senhor Germano Gonçalves Canas e Filho à Câmara Municipal de Oeiras (CEACO). **Fig. 81**

Leitura: MARIA. G (aii). F (ilia). / BOUTIA. / . H (ic) S (ita).

Tradução: Aqui jaz Mária Búcia, filha de Gaio.

EXPOSITOR 13 | A PLENA AFIRMAÇÃO DO DOMÍNIO ROMANO (II)

Estabelecimento romano de Leião (CEACO/escavações dirigidas por J. L. Cardoso)

2 a 4 – Fragmentos de almofariz de cerâmica de produção bética; **Fig. 82**

5 – Taça de bordo espessado interiormente de cerâmica comum

6 – Conjunto de 5 fragmentos de um recipiente utilizado como embasamento de lar

8 a 10 – Cossóiros; **Fig. 83**

11 a 14 – Pesos de tear; **Fig. 84**

15 – Fragmento de taça de *terra sigillata* do tipo itálico, forma Consp. 22 (15 a.C.-15 d.C.)

16 – Fragmento de taça de *terra sigillata* do tipo itálico, forma Consp. 15 (15 a.C.-15 d.C.); **Fig. 85**, em cima.

19 – Taça de *terra sigillata* sudgálica, forma Drag. 24/25 (20-60 d.C.), com grafito gravado após a cozedura; **Fig. 85**, em baixo.

20 – Taça de *terra sigillata* sudgálica, forma Drag. 18/31 (40-140 d.C.)

21 – Taça de *terra sigillata* sudgálica, forma Drag. 18/31 (40-140 d.C.)

22 – Taça de *terra sigillata* sudgálica, forma Drag. 24/25 (20-60 d.C.)

23 – Aplique pendente de bronze em forma de crescente, atribuível a amuleto fixado aos arreios de cavalo; **Fig. 86**

24 e 25 – Fíbulas de arco tipo Aucissa (ocorrem principalmente em contextos dos finais do séc. I a.C. a meados do séc. I d.C.); **Fig. 87**

26 – Conjunto de 5 fragmentos de 4 recipientes de “paredes finas”. Em cima: forma indeterminada, com decoração de espinhas em barbotina (1ª metade do século a.C./ período augustano); em baixo: 3 fragmentos de formas indeterminadas decoradas por motivos em barbotina (pérolas, folha de água e palmeta). Época tiberiana a flávia; **Fig. 88**

27 – Ponteira de bainha de punhal, de bronze; **Fig. 89**

28 - Asse de *Emerita Augusta*. Cunhagem do reinado de Augusto (23 a.C.-14 d.C.); **Fig. 90**, em cima.

29 – Quadrante de Calígula (40 d.C.); **Fig. 90**, ao centro.

30 – Dupôndio cunhado em nome de Antónia, filha de Marco António e Octávia. Cunhagem do reinado de Cláudio (41-54 d.C.); **Fig. 90**, em baixo.

Villa romana de Oeiras (CEACO/escavações dirigidas por J. L. Cardoso)

36 – Taça de *terra sigillata* sudgálica do século I d.C.

37 – Taça de “paredes finas”, importação bética, com decoração de areia. Séc. I d.C.

38 – Duas agulhas de osso incompletas.

39 – Bocal de ânfora munido das 2 asas do tipo Dressel 14, variante A. 3.º quartel do séc. I d.C.; **Fig. 91**

40 – Fragmento de lucerna. Séculos II / III d.C.; **Fig. 92**

41 – Fragmento de bocal de ânfora do tipo Almagro 51 C, importação bética. Séc. IV d.C.; **Fig. 93**

42 – Conjunto de tesselas do mosaico romano. Séc. II/III ou (?) IV d.C.

Cemitério do Sol Avesso (P. Salvo) (CEACO/oferta C. M. Amadora)

43 – Tigela de *terra sigillata* clara C Tipo Hayes 52B. Séculos III / IV d.C.; **Fig. 94**

44 – Lucerna com cena erótica (?) representada no *discus*, muito erodido. Séculos III / IV d.C.; **Fig. 95**

EXPOSITOR 14 | A PLENA AFIRMAÇÃO DO DOMÍNIO ROMANO (III)

Alto das Cabeças, lado Norte da elevação (CEACO/colheita António Cardoso)

Ânfora do tipo Almagro 51C, variante A. Transição século II / III d.C.; **Fig. 96**

EXPOSITOR 15 | VILLA ROMANA DE OEIRAS (?)

Cabeça de personagem mítica, eventualmente romana, de mármore branco importado de grão muito fino, reaproveitada em fontenário no século XX no Jardim Municipal de Oeiras, provavelmente proveniente da *villa* romana de Oeiras. Comp. máx.: 48,0 cm (CEACO). **Fig. 97**



Fig. 83 – Cossoiros cónicos de cerâmica de produção local ou regional (volantes de fusos de fiar). Estabelecimento romano de Leião. Diâmetro do maior: 5,4 cm. (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

Importa caracterizar, com maior detalhe, alguns dos testemunhos apresentados nesta Exposição, considerados dos mais relevantes do Período Romano conhecidos em Oeiras, tendo presentes o seu significado no âmbito económico e cultural, bem como a respectiva integração cronológica.

A inscrição de Mária Búcia

Uma das peças mais significativas que figuram na Exposição é o monumento funerário romano encontrado acidentalmente, no decurso de trabalhos agrícolas, em Outubro de 1992, no Alto da Peça – Vinagre (Cacilhas), freguesia e concelho de Oeiras (**Fig. 81**). Oferecido à Câmara Municipal de Oeiras pelo seu achador, o Sr. Germano Gonçalves Canas e seu filho, e depositada no Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, exhibe a leitura seguinte: Maria ▪ G ▪ F ▪ /Boutia ▪ /▪ H ▪ S ▪, cuja tradução é: “Aqui jaz Mária Búcia, filha de Gaio”.

Primeiramente publicada pelo signatário e por G. Cardoso (Cardoso & Cardoso, 1993), que, ulteriormente, a estudou com mais detalhe (Cardoso, 1995), corresponde a uma estela, de calcário regional do tipo lioz, com 155 cm de altura e de topo arredondado, cuidadosamente decorada na parte superior por rosácea de nove pétalas, em relevo moldurado por duas nervuras. Nada tem a ver com os modelos em voga na época e na região em causa sendo, ao contrário, evidente a sua inspiração em congéneres itálicos, protótipos de sobriedade e elegância. Também as letras e a própria epígrafe primam pela cuidada simplicidade, razões que levaram a inscrever o monumento nos inícios do século I d.C.

A defunta, de que não se conhece a idade, ostenta o nome de família *Maria*, que é claramente latino, mas a filiação (cognome) *Boutia*, é evidentemente pré-romano. Deste modo, a epígrafe exprime uma reunião harmoniosa entre o mundo indígena e a nova ordem social e administrativa trazida pelos Romanos, constituindo expressivo testemunho de aculturação bem sucedida, precocemente verificada na região (Cardoso, 1995; Encarnação, s/d).

O estabelecimento rural romano de Leião

A aculturação precoce aos padrões e modos de vida romanos encontra-se também exemplarmente documentada pelo estabelecimento rural (talvez pequena *villa*) identificada a sul de Leião e integralmente escavada sob direcção do signatário em 2008. Situa-se em terrenos calcários, correspondendo a região de declives suaves, propícia ao policultivo, como era característico dos estabelecimentos agrícolas do período romano. Ali existiriam searas, olivais e vinhas, produções características da trilogia mediterrânea, a par de pomares e de hortas, que forneciam legumes frescos, estas últimas favorecidas pela existência de um rico manancial ainda hoje existente,



Fig. 84 – Conjunto de pesos de tear vertical, de cerâmica, de produção local ou regional, recolhidos em espaço circunscrito, correspondendo ao local de um tear. Estabelecimento romano de Leião. (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

representado pelo Chafariz de Leião, cuja última forma remonta ao século XVIII.

O estabelecimento ali implantado seria, pois, auto-suficiente, podendo integrar, a par de outros existentes na região, como a rica *villa* romana de Oeiras, ou a *villa* de Freiria, actualmente no vizinho concelho de Cascais, o dispositivo de abastecimento alimentar da importante urbe de *Olisipo*, à semelhança do verificado com os pequenos casais agrícolas da Idade do Ferro tratados anteriormente (Cardoso & Cardoso, 2005).

As escavações puseram a descoberto um edifício de planta sub-rectangular, já muito destruído e incompleto, com o comprimento de 16,5 m e a largura média de 10,0 m, compartimentado interiormente em várias dependências, entre as quais a cozinha, ocupando o canto interior sudoeste. Um dos compartimentos possuía as paredes cobertas de estuque pintado, correspondendo provavelmente à dependência mais nobre da habitação. Identificaram-se diversas actividades domésticas, como a fição, documentada por cossoiros tronco-cónicos (**Fig. 83**) e a tecelagem, comprovada por um conjunto de pesos de tear paralelipédicos de barro que apareceram em área concentrada de um dos compartimentos, comprovando ali a existência de um tear (**Fig. 84**). A preparação de alimentos e de diversos produtos está ilustrada pela descoberta de fragmentos de almofarizes de barro, com as características estrias interiores para facilitarem a maceração, de produção bética (**Fig. 82**).

A tipologia de alguns dos materiais exumados, como anteriormente se referiu, evoca produções locais da Idade do Ferro, como é o caso dos diversos recipientes de cerâmica cinzenta, acompanhados de materiais importados de origem itálica dos séculos II/I a.C., constituindo, deste modo, os mais antigos produtos daquela natureza registados na região. A esses produtos, juntam-se cerâmicas de mesa, também expostas, como taças de *terra sigillata* do tipo itálico, forma Consp. 22 (15 a.C. – 15 d.C.) (**Fig. 85**, em cima) e sudgálica, forma Drag. 24/25 (20 – 60 d.C.) (**Fig. 85**, em baixo), a que se juntam diversos recipientes de “paredes finas”, com decorações de espinhas em barbotina (1ª metade do séc. I a.C. / período augustano) e em folha de água e palmeta (**Fig. 88**), da época tiberiana ou flávia.

Na componente metálica, são de destacar duas fíbulas de arco tipo Aucissa, características de um lapso temporal que vai dos finais do século I a.C. a meados do século I d.C. (**Fig. 87**), e um pendente de bronze em forma de crescente, munido de furo para suspensão, atribuível a amuleto utilizado nos arreios das montadas (**Fig. 86**), com estreitos paralelos em Roma, como é o caso dos areios dos cavalos das personagens representadas nos quatro lados da base da coluna de Antonino Pio (138-161 d.C.), presentemente exposta no Museu do Vaticano. Outra peça que merece destaque é a ponteira de bainha de punhal, de bronze (**Fig. 89**) que, de acordo com o especialista de armamento antigo, o Prof. F. Quesada (Universidade Autónoma de Madrid), poderá ser atribuível ao séc. II d.C.; porém, dada a falta de segurança, pelo próprio admitido nesta atribuição, até pela escassez de paralelos, e face às condições de recolha, na



Fig. 85 – Fragmentos de taças de *terra sigillata*. Em cima, de tipo itálico, forma Consp. 15 (15 a.C. – 15 d.C.); em baixo de produção sudgálica, forma Drag. 24/25 (20 – 60 d.C.), com grafito gravado após a cozedura. Estabelecimento romano de Leião. Comp. máx. do exemplar maior: 4,1 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

área ocupada pela construção e não fora dela, não existem fundados motivos para rejeitar cronologia mais antiga, a qual, no limite, não deverá ser ulterior a meados do século I d.C. Para esta conclusão concorrem de forma decisiva os três numismas recolhidos: trata-se de um Asse de *Emerita Augusta*, a actual cidade de Mérida, cunhado no reinado de Augusto (23 a.C.-14 d.C.) (**Fig. 90**, em cima) (Burgos, 1984, n.º 1536; Blázquez Cerrato, 1992, Lám. 2, n.º 6); de um Quadrante de Calígula (**Fig. 90**, ao centro), cunhado no ano 40 d.C., correspondendo a cunhagem comemorativa da abolição de imposto, promulgada pelo imperador naquele ano, conforme consta do campo do reverso, pela abreviatura através das iniciais RCC, “remissa ducentésima” (Sear, 2000, n.º 1804); e de um Dupôndio cunhado em nome de Antónia (**Fig. 90**, em baixo), filha de Marco António e de Octávia, no reinado de Cláudio (41-54 d.C.) (Sear, 1981, n.º 496).

Com efeito, o abandono deste estabelecimento rural de dimensões modestas – em cujo espólio não existem elementos seguramente mais modernos que os meados do século I d.C. deu-se de forma brutal, pela deflagração de um incêndio, que destruiu o edifício por completo, tendo o nível dos antigos pavimentos, fortemente alterados pelo calor, sido selados pelo derrube das coberturas, constituídas quase exclusivamente por telhas curvas (*imbrices*). Deste modo, todos os artefactos encontrados estariam em uso aquando do desastre, no que poderá ter sido uma habitação de um domínio agrário constituído logo no início da dominação romana na região, a qual não voltou a ser reconstruída, resultando nisso o seu maior interesse. Com efeito, são muito escassos os elementos informativos sobre os estabelecimentos rurais do final do período augustano e, mais ainda, aqueles que forneceram espólios homogéneos, representativos e sincrónicos, por corresponderem a uma estreita “janela” temporal de utilização dos respectivos espaços domésticos, como é o caso.

A Villa romana de Oeiras

O segundo estabelecimento rural romano reconhecido e recentemente escavado, sob a direcção do signatário, no concelho de Oeiras, implanta-se em suave encosta, voltada a poente, da margem esquerda da ribeira da Lage, da qual dista em linha recta cerca de 150 m. Trata-se dos restos da *pars urbana de villa* rural, fundada ainda em época republicana, e, tal como o estabelecimento de Leião, com estreitas ligações ao mundo indígena dos finais da Idade do Ferro, mas, que, ao contrário daquele, continuou em funcionamento até ao Baixo Império, com base em alguns dos materiais recolhidos, com destaque para a peça mais notável, o célebre mosaico que ali foi identificado em 1903, cuja história detalhada, acompanhada da publicação de fotos da época, foi já apresentada (Gomes, Cardoso & André, 1996). Na Exposição, apresenta-se um conjunto de tesselas de diversas cores pertencentes a esta peça musiva, que actualmente aguarda recolocação no local original, logo que realizadas as obras de recuperação geral do edifício, de fundação setecentista, do qual ocupava parte do piso térreo, ou em outro espaço que para ela vier a ser destinado.



Fig. 86 – Aplique pendente, em forma de crescente, atribuível a amuleto fixado aos arreios das montadas. Bronze. Estabelecimento romano de Leião. Comp. máx.: 7,7 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

Trata-se de mosaico possuindo um medalhão central, repartido em quatro quadrantes, decorados com aves, possivelmente pombas, debicando botões ou flores de três pétalas. O motivo central encontra-se enquadrado por composição geométrica, atingindo, no total, cerca de 7,11 m de comprimento por 4,74 m de largura, ou seja, vinte e quatro por dezasseis pés romanos. Do ponto de vista estilístico, tecnológico e iconográfico, o mosaico foi atribuível pelos referidos autores aos séculos II ou III d.C., sendo, no entanto, segundo outros autores, mais tardio (Borges, 1996), precisando um deles a sua atribuição ao século IV d.C. (Oliveira, 2003). Seja como for, pela sua evidente importância, denuncia a riqueza do proprietário da *villa*, onde provavelmente ocuparia o *triclinium*.

A prevista e ainda não concretizada recuperação geral do edifício, por parte da Câmara Municipal de Oeiras, que o adquiriu nos inícios da década de 1990, obrigou a proceder à remoção do mosaico, para restauro e consolidação, tarefa efectuada em 1999, permitindo, por outro lado, a investigação arqueológica alargada da área correspondente ao piso térreo da construção setecentista. Assim, em 2000 e, depois, entre 2004 e 2007, foram realizadas sucessivas campanhas de escavação, sob responsabilidade do signatário, que conduziram à identificação de outros compartimentos da *villa* romana, além de estruturas e espólios mais antigos e mais recentes, como é usual em espaços urbanos que conheceram uma larga diacronia ocupacional.

Com efeito, os materiais recuperados nesta importante intervenção de arqueologia urbana revelaram, como é usual neste tipo de trabalhos, cronologias desde o final do Calcolítico até à Época Moderna. Merecem destaque, no que concerne à ocupação pré-histórica, os fragmentos de cerâmicas campaniformes, da segunda metade do III milénio a.C., sucedidos por numerosos materiais do Bronze Final (séculos XI a IX a.C.), avultando belos exemplares das características cerâmicas de ornatos brunidos a que já anteriormente se fez referência. O final da Idade do Ferro (séculos III-II a.C.) encontra-se igualmente representado, tanto por materiais (atrás mencionados), como por estruturas habitacionais de planta ortogonal, antecedendo imediatamente a ocupação romana. Tendo os materiais que documentam a ocupação do local no final da Idade do Ferro/período republicano sido anteriormente apresentados, importa assinalar a presença de espólios de época imperial, presentes na Exposição, que comprovam a ocupação do local desde o século I ao século IV d.C. Estão no primeiro caso fragmento de taça de *terra sigillata* sudgálica do século I d.C., acompanhado de porção de recipiente de “paredes finas”, importação bética, com decoração de areia, da mesma época, e de um bocal de ânfora munido das 2 asas do tipo Dressel 14, variante A, do 3.º quartel do século I d.C. (**Fig. 91**). Aos séculos II/III d.C., pertence fragmento de lucerna (**Fig. 92**), enquanto ao século IV d.C. se reporta fragmento de bocal de ânfora Almagro 51 C, de importação bética, do século IV d.C. (**Fig. 93**).



Fig. 87 – Duas fíbulas de arco tipo Aucissa. Bronze. Estabelecimento romano de Leião. Comp. máx. da menor: 5,2 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

Com este importante estabelecimento pode relacionar-se uma pequena estatueta de bronze, representando *Eros*, segurando uma pomba, sobre o peito, com ambas as mãos, pertencente ao Museu Nacional de Arqueologia e já publicada (Gomes, Cardoso & André, 1996, **Fig. 6**) e uma cabeça marmórea, eventualmente romana, provavelmente oriunda da mesma *villa* (Ferreira & Ferreira, 1962), a qual foi recentemente retirada de fontenário do Jardim Municipal de Oeiras, e integrada na Exposição, depois de limpa e recuperada (**Fig. 97**).

A presença tardo-romana no concelho de Oeiras está também documentada pela necrópole de Sol Avesso, Porto Salvo, parcialmente explorada no ano de 1964, aquando da construção de bairro de casas sociais (rua de S. Sebastião), da qual apenas se escavaram três sepulturas de inumação (Matos, 1970). Dali provém, uma lucerna dos séculos III/IV d.C., com o *discus* muito erodido, representando provavelmente uma cena erótica (**Fig. 95**), publicada pelo referido autor, e uma tigela de *terra sigillata* clara C (**Fig. 94**), já estudada em pormenor (Cardoso & André, 1997/1998). Trata-se de exemplar da forma Hayes 52B, pertencente ao estilo de transição de Hayes, onde predominam, a nível decorativo, as representações de motivos zoomórficos e vegetais isolados, nas paredes e abas dos recipientes. A variante decorada da forma Hayes 52B pode situar-se entre 280/300 e finais do século IV/princípios do século V d.C. (Coutinho, 1997, p. 33). É, pois, dentro destas balizas cronológicas que se situa o exemplar de Sol Avesso, mais concretamente talvez entre finais do século III a meados do século IV depois de Cristo, atendendo ao tamanho do exemplar, critério invocado por J. S. Nolen (Nolen, 1994), para a separação dos exemplares mais tardios, de maiores dimensões. As produções de *terra sigillata* clara C, nas quais esta taça se integra, seriam norte-africanas, mais precisamente da Tunísia (Carandini, 1975, p. 62). Por tal motivo, alguns autores designam tais produções por “*sigillata africana*”. Merece destaque a ampla difusão destas produções, distribuindo-se por todo o Mediterrâneo, desde a costa atlântica ao litoral do Mar Negro, com penetrações pela Europa, ao longo dos principais vales que a atravessam, de rios tributários do Mediterrâneo.

De registar, enfim, a ocorrência de uma ânfora do tipo Almagro 51 C, variante A (**Fig. 96**), quase completa, encontrada junto à estrada nacional de Leião a Cacém, na sequência da colocação de postes eléctricos, em terrenos adjacentes ao Taguspark (CARDOSO & CARDOSO, 1993, Fig. 8, nº. 12). A produção regional deste tipo encontra-se documentada nos fornos situados na margem Sul, tanto em Porto dos Cacos, Alcochete, como na Quinta do Rouxinol, Seixal (Duarte & Raposo, 1996), e destinava-se ao envase de preparados piscícolas, produzidos em fábricas existentes ao longo de ambas as margens do estuário do Tejo sendo fabricado do século III d.C. em diante. A ocorrência de exemplar da variante A, que é raríssima neste estado de conservação, pois apresenta-se quase completo, em plena área agrícola, sugere que os preparados que continha, para além de exportação, seriam consumidos localmente, por parte do estrato populacional mais rico, afinal aquele que, desde o século II ou I a.C. importava



Fig. 88 – Recipiente de forma indeterminada de “paredes finas”, com decoração de espinhas em barbotina (1ª metade do século I a.C. / período augustano). Estabelecimento romano de Leião. Comp. máx.: 2,7 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

Fig. 89 – Ponteira de bainha de punhal. Bronze. Estabelecimento romano de Leião. Comp. máx.: 4,7 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).



vinho do Mediterrâneo, como comprovam o fragmento de ânforas neopúnicas e greco-italicas recolhidos respectivamente em Oeiras e em Leião, anteriormente mencionadas.

Os comentários sobre a presença romana no concelho de Oeiras não poderiam concluir-se sem a menção ao mais notável dos testemunhos até agora aqui recuperados. Trata-se de inscrição funerária sobre um bloco de calcário lioz branco, cuja face epigrafada se reproduz em tamanho ampliado, sobre a porta de entrada da Exposição (**Fig. 98**).

A peça, recolhida em muro de quintal da calçada de Laveiras e transportada nos inícios da década de 1960 para o Museu Nacional de Arqueologia, é uma notável inscrição aberta na face de um grande bloco paralelepípedo de calcário branco sub-cristalino, de origem local, com o comprimento máximo de 118,0 cm.

A mais antiga referência conhecida desta peça arqueológica, deve-se a António José da Cunha, que a reproduz em manuscrito guardado na Real Academia de la Historia (Madrid), em que afirma ter sido descoberta em 1733 (PEREIRA, 1933, p. 108). O texto, quase insólito, desta inscrição de carácter funerário, que tem sido discutido até à actualidade, é o seguinte (Encarnação, 2001/2002):

[...] Flavius · M(arci) · F(ilius) · Gal(eria tribu) · Quadratus / aquifer · leg (ionis) · II (secundae) · se vivo / munimentum · fecit hic munimentus [sic] · cum · Munitioni(bus) / [et] tricila [sic] · her(redem) non se[quetur], que corresponde à seguinte tradução: “(...) Flávio Quadrado, filho de Marco, da tribo Galéria, aquilífero da II Legião, em vida fez o monumento. Este monumento com munições e caramanchão não passam ao herdeiro.”

A última proposta interpretativa publicada (Guerra, 2009), difere ligeiramente da anterior, correspondendo à seguinte lição:

Q(uintus) Flavius M(arci) f(ilius) Gal(eria tribu) Quadratus/ aquifer leg(ionis) II (secundae) se vivo/ munimentum (sic) fecit hic/ munimentus (sic) cum munitione tric(h) ilato (sic) her (edes) non seq (uetur), cuja tradução seria: “Quinto Flávio Quadrado, filho de Marco, da tribo Galéria, aquilífero da II Legião, mandou fazer em vida este monumento. Este monumento, com a sua estrutura em forma de caramanchão, não passará para os herdeiros”.

Qualquer que seja a leitura mais adequada, trata-se de inscrição de características muito raras, e a única que, em território peninsular menciona um *aquilifer*, ou porta-estandarte da águia legionária, neste caso incorporado na Segunda Legião, que, tendo escolhido o local onde descansaria para sempre, mandou construir não só o seu túmulo propriamente dito, mas ainda um arranjo envolvente, com um caramanchão,



Fig. 90 – Moedas de bronze recolhidas no estabelecimento romano de Leião. Em cima: Asse de Emerita Augusta, cunhagem do reinado de Augusto (23 a.C. – 14 d.C.); ao centro, Quadrante de Calígula, cunhado em 40 d.C.; em baixo, Dupôndio em nome de Antónia, cunhado no reinado de Cláudio (41 – 54 d.C.). (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).



Fig. 91 – Bocal de ânfora do tipo Dressel 14, variante A. 3º quartel do século I d.C. *Villa* romana de Oeiras. Comp. máx.: 22,5 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).



Fig. 92 – Fragmento de lucerna. Séculos II / III d.C. *Villa* romana de Oeiras. Comp. máx.: 5 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).



Fig. 93 – Fragmento de bocal de ânfora do tipo Almagro 51C, importação bética. Século IV d.C. *Villa* romana de Oeiras. Comp. máx.: 10 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).



Fig. 94 – Tigela de *terra sigillata* clara C tipo Hayes 52B. Séculos III / IV d.C. Cemitério de Sol Avesso (Porto Salvo). Diâmetro máx.: 13 cm (CEACO / oferta C. M. Amadora).

tendo, porém, a preocupação de reservar o espaço só para ele, excluindo os seus herdeiros de, também, o poderem usufruir. Confrontando a presença no Império desta Legião, F. Alves Pereira (Pereira, 1933), concluiu que o referido *aquilifer* poderia ter sido recrutado na região lisbonense aquando do estacionamento da legião na Lusitânia, cuja presença reputa seguro, no tempo de Augusto, isto é, antes de 15 d.C.: tornada aqui desnecessária, foi mobilizada para Mogúncia, na Germânia, integrando soldados hispânicos, cujos epitáfios têm sido ali descobertos. Desconhecemos o que terá sucedido a Quinto Flávio Quadrado; será que abandonou a vida militar por limite de idade ou por qualquer outra razão, decidindo então erigir e mandar gravar em vida o seu epitáfio, numa época em que a Legião a que pertencia ainda talvez não tivesse ganho o epíteto de *Augusta*, que aparece noutras inscrições? Ou será que acompanhou a marcha da sua Legião, jamais tendo as cinzas chegado ao local desejado? A alternativa a estas interrogações, recentemente exposta (Guerra, 2009), admite que o militar em causa, já no final da sua carreira, ocupando o alto posto de porta-estandarte, pudesse estar integrado na guarnição que controlaria a exploração aurífera a que respeita o próprio topónimo de Oeiras, na origem do qual se encontra a palavra latina *auraria*, correspondente a “mina de ouro”, sem dúvida relacionada com a exploração aurífera das areias do Tejo ou dos depósitos sedimentares por este outrora acumulados. Com efeito, é certo que tais explorações, feitas usualmente por conta do Estado, exigiam o estacionamento de tropas para assegurar a ordem. O autor, em abono desta conclusão invoca diversos argumentos de carácter cronológico, concluindo que o monumento teria sido edificado antes de 20 d.C., época em que a legião a que pertencia, em qualquer caso, permaneceu na Hispânia, podendo assim ter acompanhado pessoalmente a construção do seu complexo monumento sepulcral.

Do exposto, conclui-se que o espaço actualmente ocupado pelo concelho de Oeiras foi precocemente romanizado; os elementos disponíveis indicam a presença de uma população autóctone aculturada, que adoptou completamente os hábitos romanos – até na morte – logo nos inícios do século I d.C.; a facilidade e rapidez deste fenómeno não é de admirar, dada a já longa convivência anterior dos habitantes da região com povos e culturas mediterrâneas, ao longo de toda a Idade do Ferro, materiais que se encontram sempre presentes nas estações romanas até agora objecto de explorações arqueológicas, como é o caso da *villa* de Oeiras e do estabelecimento de Leião. Segundo as constatações até agora realizadas no vizinho concelho de Cascais, as *villae* ali identificadas pertenceriam a cidadãos com desafogo económico que viveriam perto da cidade, mas independentes dela (Cardoso & Encarnação, 1995), o que não significa que aquela não dependesse das produções agrícolas das *villae*, como os próprios autores reconhecem. Com efeito, para alimentar os cerca de 30 000 a 40 000 habitantes de *Olisipo*, no tempo de Augusto (Alarcão, 1990), seriam precisos múltiplos contributos das áreas circundantes, dependendo a grande cidade do abastecimento em géneros produzidos nas *villae* adjacentes. Assim, se as hortas e os pomares situados no aro imediato supriam diariamente as necessidades dos habitantes das *villae* e da própria



Fig. 95 – Lucerna com cena erótica (?) representada no *discus*, muito erodido. Séculos III / IV d.C. Cemitério de Sol Averso (Porto Salvo). Comp. máx.: 12 cm (CEACO / oferta C. M. Amadora).

urbe, já os cereais, o vinho e o azeite – afinal os três produtos mais característicos da agricultura mediterrânea – poderiam, em parte, provir de um aro situado entre os 5 e os 20 km de distância, abarcando todo o território oeirense (Carvalho & Almeida, 1996), de acordo com o modelo de Von Thünen. *Olisipo* comportar-se-ia, deste modo, como um verdadeiro pólo de atracção à escala regional, promovendo a exploração agro-pastoril do *ager* olisiponense do qual dependia, em parte a sua própria existência. Deste modo, as *villae* nele existentes, para além de auto-suficientes, constituiriam verdadeiras unidades de produção: o grande celeiro encontrado na *villa* de Freiria, destinar-se-ia, talvez, a concentrar as produções cerealíferas de uma região maior que a propriedade onde estava instalado; nalguns casos, para além de unidades produtoras, as *villae* desempenhariam também papel de centros redistribuidores, com a consequente recolha de mais-valias, que justificaria o desafogo vivido pelos seus proprietários, particularmente evidente no caso da *pars urbana* da *villa* de Oeiras.



Fig. 96 – Ânfora restaurada do tipo Almagro 51C, variante A. Transição séculos II / III d.C. Alto das Cabeças. Comp. máx.: 48 cm (CEACO / colheita António Cardoso).



Fig. 97 – Cabeça de figura mítica, eventualmente romana, talvez oriunda da *Villa* romana de Oeiras e reaproveitada em fontenário do Jardim Municipal de Oeiras. Mármore branco de grão muito fino. Comp. máx.: 24 cm (CEACO).

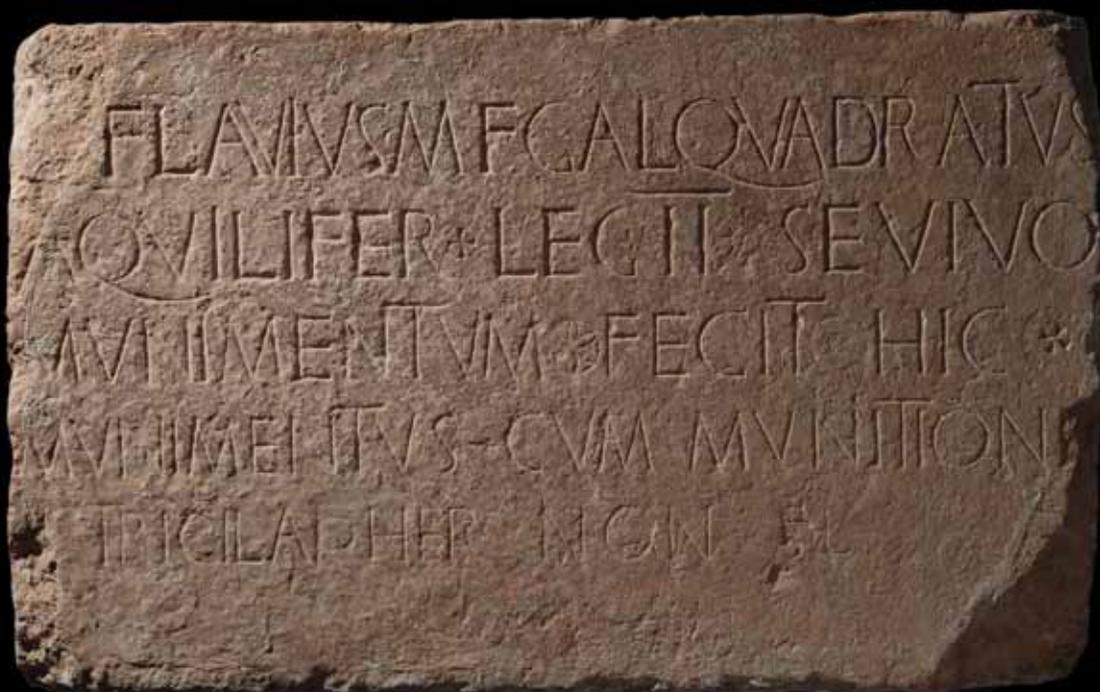


Fig. 98 – Lápide funerária do aquilífero Quinto Flávio Quadrado. Mármore branco –rosado lioz. Laveiras. Comp. máx.: 118 cm (depósito MNA).



Fig. 99 – Fragmentos de recipientes de época islâmica, do período califal e das primeiras taifas. Séculos X e X / XI, excepto o do canto inferior direito, correspondente a produção mais tardia (séculos XIII / XIV), de tradição islâmica. *Villa romana de Oeiras*. Comp. máx. do último ex.: 7,6 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

doze'

OEIRAS NA
IDADE MÉDIA
E NA IDADE
MODERNA



Fig. 100 – Fragmentos de recipientes tardo-medievais e modernos recolhidos na camada superficial do povoado pré-histórico de Leceia. Em cima, à esquerda: fundo de prato polícromo. Sevilha. Séculos XV / inícios século XVI; à direita: bordo de malga ou tijela de barro vermelho com vidrado plumbífero. Séculos XVI / XVIII; ao centro, à esquerda: escudela de orelhas. Vidrado plumbífero. Séculos XV / XVI; à direita: prato de majólica com pinturas de bandas, azuis e vinhático, esmaltado. Sevilha. Inícios do século XVI; em baixo, prato de faiança portuguesa, Lisboa, finais do século XVII / inícios do século XVIII. Decoração de contas. Comp. máximo deste último: 6,3 cm. (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

EXPOSITOR 16 | OEIRAS NA IDADE MÉDIA E NA IDADE MODERNA

Centro histórico de Oeiras-área da *Villa romana* (CEACO/escavações dirigidas por J. L. Cardoso)

1 a 7 – Fragmentos de recipientes de época islâmica e do período da Reconquista; **Fig. 99:**

1 – Base de caneca ou púcaro, com pintura a branco sobre superfície revestida de engobe alaranjado, atribuída a artífices islâmicos que tenham permanecido no território português após a Reconquista, em estreita continuidade com as produções anteriores. Séculos XIII/XIV

2 – Fragmento de bojo de púcaro pintado a almagre. Período califal. Século X/inícios século XI

3 – Forma indeterminada, fragmento de bojo com pintura a branco

4 – Tigela (ataifor). Fragmento de bordo e parede com decoração a pente. Período califal. Século X/inícios do século XI

5 – Tigela (ataifor). Fragmento de bordo e de parede. Período califal/primeiras taifas. Século X/XI

6 – Forma indeterminada, fragmento de fundo de recipiente de base plana. Pintura a branco

7 – Tigela (ataifor) revestida a vidro melado. Período califal/primeiras taifas. Século X/XI

Materiais da camada superficial do povoado pré-histórico de Leceia (CEACO/escavações dirigidas por J. L. Cardoso)

8 a 16 – Cerâmicas de época tardo-medieval e modernas (Fig. 100):

8 – Fundo de prato polícromo. Sevilha. Século XV

9 – Fragmento de escudela de orelhas. Vidrado plumbífero. Séculos XV/XVI

10 – Prato esmaltado de majólica com pinturas de bandas policromas. Sevilha. Inícios do século XVI

11 – Bordo de tigela. Vidrado plumbífero. Séculos XVI/XVII

12 – Fundo de malga/tijela. Vidrado plumbífero. Séculos XVI/XVIII

13 a 16 – Fragmentos de recipientes de faianças portuguesas de vidro estanífero com decorações a azul e azul/manganês. Século XVII/1.ª metade do século XVIII

17 – Fragmento de pote de especiarias de grés com vidro verde-azeitona. Extremo Oriente. Século XVI/XVII; **Fig. 101**

18 a 33 – numismas; **Fig. 102:**

18 – D. Diniz. Dinheiro. 1279-1325, possivelmente da 2.ª metade do reinado;

19 – D. Afonso V. Ceitil. 2.º semestre 1448-1.º semestre 1449

20 – D. Afonso V. Ceitil. 1457

- 21 – D. Afonso V. Ceitel. 1457
- 22 – D. Afonso V. Ceitel. 1458/1460
- 23 – D. Afonso V. Ceitel. 1458/1460
- 24 – D. Afonso V. Ceitel. 1458/1460
- 25 – D. Afonso V. Ceitel. 1460
- 26 – D. Afonso V. Ceitel. Ceuta. 1463/1464
- 27 – D. Afonso V. Ceitel. 1463/1464
- 28 – D. Afonso V. Ceitel. 1463/1464
- 29 – D. Manuel I. Ceitel. 1498/1499
- 30 – D. João III. Ceitel. 1535/1540
- 31 – D. João III. 3 Reais. Finais de 1550
- 32 – Espanha. Filipe IV. 8 maravedis. 1623/1626 com contramarca 1651-1654
- 33 – D. João V. 1706/1717. 6 vinténs. Reverso incuso
- 34 – Selo de chumbo de D. Manuel I. Anverso: escudo português coroadado ladeado por três pontos. Reverso: esfera armilar. Século XVI; **Fig.103**
- 35 – Fivela de sapato. Século XVII; **Fig. 104**, à direita.
- 36 – Cravo de bronze. Século XVII; **Fig. 104**, à esquerda.

Quinta da Moura (CEACO/recolha de J. L. Cardoso e G. Cardoso)

37-45 – Conjunto de fragmentos de pratos de faiança portuguesa, com decorações azuis sobre fundos brancos. 2.ª metade do século XVII/1.ª metade século XVIII; **Fig. 105**

Centro histórico de Oeiras/área da Villa romana (CEACO/escavações dirigidas por J. L. Cardoso)

- 46 – Fragmento de panela de barro. Séculos XV/XVI
- 47 – Fragmento de prato de faiança portuguesa, com pintura a azul sobre fundo branco. Século XVII/XVIII; **Fig. 106**, em baixo.
- 48 – Fragmento de prato. Porcelana. China, reinado Kangxi (1662/1722); **Fig. 107**
- 49 – Fragmento de gargalo de caneca decorada com impressões espatuladas. Início do século XVI; **Fig. 106**, em cima.
- 50, 51 – Duas valvas de ostra. Século XVI/XVII **“Ferrarias del Rey”/Fábrica da Pólvora de Barcarena** (CEACO/escavações dirigidas por J. L. Cardoso)
- 52 – Gonzo de ferro atribuível à porta do edifício das Ferrarias Séculos XVI/XVII; **Fig. 108**
- 53 a 56 – Fragmentos de diversos recipientes de faiança de vidrado estanífero, com pintura a azul sobre fundo branco. 2.ª metade do século XVII/1.ª quartel do século XVIII; **Fig. 109**
- 57 – Fragmento de haste de cachimbo de caulino de fabrico inglês ou holandês. 2.ª metade do século XVII/1.ª quartel do século XVIII; **Fig. 110**
- 58 – Fragmento de metatársico de boi doméstico, com a face posterior aplanada por polimentos e com marcas de ter servido para reavivar o denteado do fio das foices manuais. 2.ª metade do século XVII/1.ª quartel do século XVIII; **Fig. 111**



Fig. 101 – Fragmento de pote de especiarias de grés vidrado. Extremo Oriente. Séculos XVI / XVII. Camada superficial do povoado pré-histórico de Leceia. Comp. máx.: 8 cm. (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

Os materiais de época medieval mais antigos recolhidos no concelho de Oeiras correspondem a fragmentos de produções islâmicas do período califal (século X) e das primeiras taifas (século XI) recolhidos fora de contexto aquando da escavação da área adjacente ao mosaico romano pertencente à *villa* existente no centro histórico de Oeiras e já objecto de publicação (Fernandes, Cardoso & André, 2009). Embora em si mesmos sejam pouco relevantes (**Fig. 99**), a sua importância histórica é assinalável, por corresponderem aos primeiros testemunhos dessa época registados no território oeirense, colmatando assim uma lacuna existente entre a bem conhecida presença islâmica documentada em Lisboa, na região de Cascais e de Sintra. Tal lacuna seria, aliás, inexplicável, dada a importância da ocupação rural do território a ocidente de Lisboa naquela época. Assim, Ahmad-al-Râzi, na sua descrição da região de Lisboa, empenha-se em realçar a qualidade dos frutos, do peixe, da caça e do mel desta região, realidade certamente válida para a área do actual concelho de Oeiras, situado na rota de Lisboa a Sintra.

A época medieval cristã está documentada por escassos materiais, embora as fontes escritas – ainda por utilizar, na sua larga maioria – sejam claras quanto ao povoamento desta região, bem como à natureza e regime das propriedades nela existentes. Neste aspecto, regista-se o importante conjunto numismático recolhido no decurso das escavações do povoado pré-histórico de Leceia, já devidamente estudado (Cardoso & Magro, 1999/2000). É constituído por um dinheiro de D. Diniz e, na passagem para a Idade Moderna e no decurso desta, por ceitis de D. Afonso V (**Fig. 102**, em cima), a que se juntam outros ceitis, de D. Manuel e D. João III e, ainda diversos numismas mais recentes, de Filipe IV de Espanha e de D. João V (**Fig. 102**, ao centro e em baixo, respectivamente). Estes achados, associados a outros artefactos, como selo de chumbo de D. Manuel I com as armas reais e esfera armilar (**Fig. 103**), fivelas e adereços de latão (**Fig. 104**), explicam-se pelo facto da área interessada pelas escavações ser atravessada por um caminho que se dirigia à parte meridional da actual povoação de Leceia, correspondendo deste modo a materiais perdidos pelos que o utilizaram ao longo de centenas de anos. A estes materiais, juntam-se fragmentos cerâmicos de diversas épocas e origens, destacando-se as importações sevilhanas dos séculos XV e XVI (**Fig. 100**, canto superior esquerdo e ao centro, do lado direito), e faianças portuguesas dos séculos XVII/XVIII (**Fig. 100**, em baixo). Interessante é a recolha de um fragmento de um pote de especiarias, fabricado no extremo Oriente, dos séculos XVI/XVII, atestando o consumo de tais produtos importados, mesmo em espaço rural como é o caso (**Fig. 101**). Aliás, a existência de um importante povoamento rural na época moderna ao longo da ribeira de Barcarena é comprovado por alguns edifícios já muito descaracterizados, como é o caso da Quinta da Moura, perto de Murganhal, onde existem dois imponentes tanques de excelente alvenaria dos finais do século XV/inícios do século XVI, relacionados com edifício com um piso sobradado, conforme evidencia a existência de uma escadaria de pedra da mesma época. Rápidas investigações



Fig. 102 – Numismas recolhidas na camada superficial do povoado pré-histórico de Leceia. **1** – Dinheiro de D. Dinis (1279-1325), possivelmente da 2.^a metade do reinado; **2** – Ceitil de D. Afonso V (2.^o semestre de 1448 / 1.^o semestre de 1449); **3** – Ceitil de D. Afonso V (1463 e 1464); **4** – Ceitil de D. Afonso V (1457); **5** – 8 maravedis de Filipe IV de Espanha (1623 / 1626); **6** – 6 Vinténs de D. João V. Cunhagem incusa (1707 / 1717). Diâm. do último: 2,5 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

efectuadas na área da antiga montureira, propiciaram a recolha de faianças portuguesas dos séculos XVII e XVIII (**Fig. 105**).

Também no decurso da intervenção efectuada no centro histórico de Oeiras—área da *villa* romana, se recolheram abundantes cerâmicas portuguesas dos séculos XV a XVI, de que alguns se apresentam nesta exposição (**Fig. 106**). Uma vez mais, ocorrem peças de importação oriental, como fragmento de porcelana do reinado Kangxi (1662-1722) (**Fig. 107**), documentando a ligação com o Oriente e o consumo dos produtos de luxo dali provenientes. É interessante também registar a assinalável relação da população oeirense de então com o litoral adjacente, onde se poderiam colher, na enseada então formada na confluência da ribeira da Lage com o Tejo, algumas das ostras expostas e consumidas no pequeno burgo.

Tais espólios, apesar de descontextualizados, vêm mostrar a existência de um núcleo urbano, por pequeno que fosse, desde pelo menos o século XV aos inícios do século XVI, época a que pertence interessante portal de calcário, com arestas biseladas, existente na Rua das Alcássimas (Cabral & Cardoso, 2005), actualmente em local adjacente ao do mosaico romano.

O importante pólo tecnológico e industrial que, a partir do último quartel do século XV, se constituiu ao longo da margem esquerda da ribeira de Barcarena, a montante da povoação do mesmo nome, primeiro vocacionado para o fabrico de armas brancas, nas chamadas Ferrarias del Rey, por serem de fundação régia por iniciativa de D. João II, documentada para o ano de 1487, e mais tarde, também de armas de fogo, cuja produção perdurou até 1695 (Gomes & Cardoso, 2005), acompanhado a partir de época ainda não totalmente esclarecida, do fabrico da pólvora, só bem atestado a partir dos inícios do século XVII, pontuou indelevelmente o quotidiano e as características sócio-económicas das populações das redondezas, muito especialmente os habitantes de Barcarena. Não é este o espaço adequado para caracterizar o notável património arqueológico-industrial patente na Fábrica da Pólvora de Barcarena, que tem vindo a ser estudado e valorizado desde que aquele espaço foi adquirido pela Câmara Municipal de Oeiras nos inícios da década de 1990. Na sequência da caracterização dos sistemas hidráulicos que permitiram, ao longo de diversos séculos, o accionamento dos engenhos das oficinas de fabrico da pólvora instaladas (Quintela *et al.*, 1995), foi proposta, pelos autores, a criação de núcleo museológico dedicado à pólvora negra. Aceite a ideia, foi o trabalho confiado a uma equipa coordenada pelo Prof. Doutor António de Carvalho Quintela, integrando o signatário, o Arq. M. V. Gomes e o Prof. Doutor J. M. Mascarenhas, no sentido de: 1) organizar os respectivos conteúdos, providenciando a identificação e localização dos espólios tendo em vista a sua cedência à Câmara Municipal de Oeiras; 2) projectar os equipamentos museológicos; 3) acompanhar a sua execução e montagem, incluindo a recuperação do próprio edifício — na verdade a primeira peça da exposição — e, enfim; 4) realizar o respectivo catálogo, o qual veio a ser publicado dois anos depois



Fig. 103 – Selo de chumbo de D. Manuel I, com o escudo português no anverso e a esfera armilar no reverso. Recolhido na camada superficial do povoado pré-histórico de Leceia. Comp. máx.: 2,8 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).



Fig. 104 – Adereços recolhidos na camada superficial do povoado pré-histórico de Leceia. À esquerda: cabeça de grande tacha de aplicação, provavelmente de arreio; à direita: fivela de sapato. Latão e bronze. Diâmetro da tacha: 2,8 cm. (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).



Fig. 105 – Fragmento de prato de faiança portuguesa. Quinta da Moura. 2.^a metade do século XVII / 1.^a metade do século XVIII . Comp. máx.: 8,0 cm (CEACO / colheitas J. L. Cardoso e G. Cardoso).

Fig. 106 – Em cima: bordo de caneca de barro vermelho com decoração espatulada. Inícios do século XVI. Centro histórico de Oeiras / área da *Villa* romana; em baixo: fragmento de malga de faiança portuguesa. 2.^a metade do século XVII / 1.^a metade do século XVIII. Comp. máx. do fragmento superior: 3,7 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).



Fig. 107 – Fragmento de prato em porcelana da China, reinado Kangxi (1662-1722). Centro histórico de Oeiras / área da *Villa* romana. Comp. máx.: 5 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

Fig. 108 – Gonzo da porta das “Ferrarias del Rey” / Fábrica de Pólvora de Barcarena. Ferro. Séculos XVI / XVII. Comp. máx.: 26,7 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

(Quintela, Cardoso & Mascarenhas, 2000). Esta importante experiência museológica foi prosseguida nos anos seguintes pela publicação de diversos estudos, tanto em Portugal como em revistas internacionais, dedicados ao complexo fabril de produção de pólvora. No entanto, na zona mais a montante do complexo fabril, existia uma segunda oficina de fabrico da pólvora que permanecia por estudar. A oportunidade para o início das investigações foi proporcionada pela identificação de parte dos edifícios ali edificadas na planta elaborada por Leonardo Turriano, no primeiro quartel do século XVII (1621/1622) designadamente da oficina das Ferrarias, representada com todos os seus equipamentos e engenhos, na folha 87 do Códice 12892 da BNP, reproduzida pela primeira vez em 2005 (Gomes & Cardoso, 2005). Os trabalhos de campo efectuados em 2006 e 2007, que consistiram na picagem de paredes tendo em vista a identificação de pré-existências estruturais, vieram confirmar plenamente aquela identificação. Em 2009, realizou-se, pela primeira vez, prolongada campanha de escavações, realizadas sob a responsabilidade do signatário, que conduziu à identificação, cerca de três metros abaixo do piso da fábrica da pólvora construída por António Cremer na segunda década do século XVIII, em tudo idêntica à por ele edificada mais a jusante (edifício do actual Museu da Pólvora Negra), dos vestígios da antiga oficina das “Ferrarias del Rey” (Cardoso & Gomes, 2011). A presente Exposição integra um gonzo de ferro da porta da primitiva oficina (**Fig. 108**), recuperado na referida intervenção arqueológica, bem como materiais que integravam o aterro depositado sobre o piso das “Ferrarias” aquando da construção, no mesmo local, da fábrica da pólvora de António Cremer, entre cerca de 1725 e 1730. Trata-se de artefactos de uso quotidiano, como fragmentos de pratos de faianças portuguesas dos séculos XVII/inícios do século XVIII (**Fig. 109**) e fragmentos de hastes de cachimbos de caulino de produção inglesa ou holandesa (**Fig. 110**), entre outros testemunhos, como um metápodo de boi doméstico utilizado como apoio (safra) das foices manuais de ferro, aquando do reavivamento do fio serrilhado pelo ferreiro, cujas marcas, correspondentes ao respectivo denteado, ficaram impressas na superfície do osso (**Fig. 111**). Este era um tipo de artefactos enigmáticos, nalguns casos até atribuídos a ídolos pré-históricos, cuja função já tinha sido, no entanto, claramente identificada, com base em paralelos etnográficos. O achado deste exemplar nas “Ferrarias del Rey” vem mostrar que ali, para além do fabrico de armamento de ferro também se produziram artefactos de ferro para uso doméstico ou no âmbito das tarefas do quotidiano rural de então (Oliveira, Galhano & Pereira, 1976). Em Portugal, são frequentes em contextos islâmicos, como o correspondente ao arrabalde de Silves (Moreno-García *et al.*, 2006).



Fig. 109 – Fragmentos de recipientes de faiança portuguesa. “Ferrarias del Rey” / Fábrica da Pólvora de Barcarena. 2ª metade do século XVII / inícios do século XVIII. Comp. máx. do exemplar maior: 10 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).



Fig. 110 – Fragmento de haste de cachimbo de caulino, de fabrico inglês ou holandês. “Ferrarias del Rey” / Fábrica da Pólvora de Barcarena. 2.ª metade do século XVII / inícios do século XVIII. Comp. máx.: 3,7 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).



Fig. 111 – Metatársico incompleto de boi doméstico, com a face posterior polida, transformada em bigorna para o avivamento do serrilhado dos gumes de foices de ferro. “Ferrarias del Rey” / Fábrica da Pólvora de Barcarena. Comp. máx.: 8,9 cm (CEACO / escavações dirigidas por J. L. Cardoso).

referências
BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, J. de (1990) – A demografia. *In Portugal – das Origens à Romanização* (J. de Alarcão, coord.). Nova História de Portugal. Lisboa: Editorial Presença, 1, p. 395-408.

ALMAGRO-GORBEA, M. (1977) – *El Bronce Final y el período orientalizante en Extremadura*. Madrid: CSIC (Bibliotheca Praehistorica Hispana, 14).

ALVAREZ BURGOS, F. (1982) – *Catalogo general de la moneda hispánica desde sus orígenes hasta el siglo V*. Madrid: Jesus Vico.

ANDRADE, G. M. & GOMES, J. J. F. (1959) – Estudo preliminar da estação pré-histórica de Carnaxide. *I Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, 1958)*. Actas. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura, 1, p. 137-146.

ARRUDA, A.M. (1999/2000) – *Los Fenicios en Portugal. Fenícios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona: Publicaciones del Laboratório de Arqueologia de la Universidad Pompeu Fabra de Barcelona. (Cuadernos de Arqueología Mediterránea, 5-6).

BLÁZQUEZ CERRATO, M. C. (1992) – *La dispersion de las monedas de Augusta Emerita*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.

BORGES, M. F. (1996) – A decoração geométrica do mosaico de Oeiras. *Miscellanea em homenagem ao Professor Bairrão Oleiro*. Lisboa: Colibri, p. 55-65.

BREUIL, H. & ZBYSZEWSKI, G. (1942) – *Contribution à l' étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. 1 – Les principaux gisements des deux rives de l'ancien estuaire du Tage*. Lisboa : Serviços Geológicos de Portugal (Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, 23).

BREUIL, H. & ZBYSZEWSKI, G. (1945) – *Contribution à l' étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. 2 – Les principaux gisements des plages quaternaires du littoral d'Estremadura et des terrasses fluviales de la basse vallée du Tage*. Lisboa : Serviços Geológicos de Portugal (Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, 25).

BREUIL, H. (1918) – Impressions de voyage paléolithique à Lisbonne. *Terra Portuguesa*. Lisboa. 27-28, p. 34-39.

CABRAL, J. P. & CARDOSO, G. (2005) – A casa e o viver saloios no território de Oeiras. *VI Encontro de História Local do concelho de Oeiras (Oeiras, 2003)*. Actas: Câmara Municipal de Oeiras, p. 199-211.

CARANDINI, A. (1975) – A propôs des céramiques de Conimbriga. *Conimbriga*. Coimbra. 14, p. 69.

CARDOSO, G. (1995) – Estela funerária de Peça Vinagre (Oeiras). *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 49, p. 222.

CARDOSO, G. & CARDOSO, J. L. (2005) – A ocupação agrária do concelho de Oeiras na época romana. *VI Encontro de História Local do concelho de Oeiras (Oeiras, 2003)*. Actas: Câmara Municipal de Oeiras, p. 41-55.

CARDOSO, G. & ENCARNAÇÃO, J. d' (1995) – A villa romana de Freiria (Cascais) e o seu enquadramento rural. *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa. 2, p. 51-62.

CARDOSO, J. L. (1987) – No estuário do Tejo, do Paleolítico à Idade do Ferro. *In Arqueologia do vale do Tejo*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural: 69-81.

CARDOSO, J. L. (1989) – *Leceia-resultados das escavações efectuadas 1983/1988*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.

CARDOSO, J. L. (1990) – A presença oriental no povoamento da I Idade do Ferro na região ribeirinha do estuário do Tejo. *Estudos Orientais*. Lisboa. 1, p. 119-134.

CARDOSO, J. L. (1995) – O Bronze Final e a Idade do Ferro na região de Lisboa: um ensaio. *Conimbriga*. Coimbra. 34, p. 33-74.

CARDOSO, J. L. (1996) – A estação do Bronze Final do Cabeço do Mouro (Cascais): resultados das escavações realizadas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9 (1), p. 21-46.

CARDOSO, J. L. (1996) – As praias calabrianas da Estremadura portuguesa e as primeiras comunidades peninsulares: o estado da questão. *Actas dos 2º. Cursos Internacionais de Verão de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, 1, p. 213-254.

CARDOSO, J. L. (1996) – Estatuetas zoomórficas de terracota do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 91-106.

CARDOSO, J. L. (1996) – Materiais arqueológicos inéditos do povoado pré-histórico de Carnaxide (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 27-45.

CARDOSO, J. L. (1996) – O Bronze Final da Baixa Estremadura e as cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 5, p. 6-14.

CARDOSO, J. L. (1996) – O final da Idade do Ferro no concelho de Oeiras: um contributo. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 361-365.

CARDOSO, J. L. (1996) – Pesos de pesca do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras): estudo comparado. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 107-119.

CARDOSO, J. L. (1997) – Génese, apogeu e declínio das fortificações calcolíticas da Estremadura. *Zephyrus*. Salamanca. 50, p. 249-261.

CARDOSO, J. L. (1998) – O povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras), exemplo de desenvolvimento não sustentado na Estremadura no III milénio a.C. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 16, p. 97-110.

CARDOSO, J. L. (1999/2000) – Aspectos do povoamento da Baixa Estremadura no decurso da Idade do Bronze. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 8, p. 355-413.

CARDOSO, J. L. (2000) – O “Fenómeno” campaniforme na Estremadura portuguesa. *Actas do 3º. Congresso de Arqueologia Peninsular (Vila Real, 1998)*. Porto. 4: 353-380.

CARDOSO, J.L. (2000) – *Sítios, pedras e homens. Trinta anos de Arqueologia em Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. (Estudos Arqueológicos de Oeiras, 9).

CARDOSO, J. L. (2001) – Le phénomène campaniforme dans les basses vallées du Tage et du Sado (Portugal). Bell Beakers Today. *Colóquio Internacional (Riva del Garda, 1998)*. Actas. Trento: Uffizi Beni Archeologici. 1, p. 139-154.

CARDOSO, J. L. (2004) - Polished stone artefacts at the prehistoric settlement of Leceia (Oeiras). *Madrider Mitteilungen*. Wiesbaden. 45, p. 1-32.

CARDOSO, J. L. (2004) – *A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos Romanos: um ensaio de História Regional*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras (Estudos Arqueológicos de Oeiras, 12).

CARDOSO, J. L. (2006) – As cerâmicas decoradas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratiográfica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 14, p. 9-276.

CARDOSO, J. L. (2009) - Antes de ser Oeiras. In CASTRO, R. de (coord. ed.), *EXPO Celebrar Oeiras Passado Presente Futuro*. Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras, p. 17-29.

CARDOSO, J. L. (2010) – O Neolítico Antigo da Baixa Estremadura: as investigações dos últimos cinco anos. In GIBAJA, J. F. & CARVALHO, A. F., eds., *Os últimos caçadores-recolectores e as primeiras comunidades produtoras da sul da Península Ibérica e do norte de Marrocos*. Faro: Universidade do Algarve, p. 23-48.

CARDOSO, J. L. & ANDRÉ, M. C. (1997/1998) – Acerca de uma tigela de *Terra Sigillata* Clara da necrópole de Sol Avesso, Porto Salvo (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 219-226.

CARDOSO, J. L. & CARDOSO, G. (1993) – Carta arqueológica do concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 4, p. 1-126.

CARDOSO, J. L. & CARDOSO, G. (1996) – O povoado do Bronze Final do Alto das Cabeças (Leião, Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 351-359.

CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1993) – Le Bronze Final et le début de l'âge du Fer dans la région riveraine de l'estuaire du Tage. *Méditerranée*. Lisboa. 2, p. 193-206.

CARDOSO, J. L. & COSTA, J. B. (1992) – Estação pré-histórica de Barotas (Oeiras). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, p. 229-245.

CARDOSO, J. L. & MAGRO, F. (1999/2000) – Moedas medievais e modernas achadas nas escavações do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 8, p. 431-455.

CARDOSO, J. L. & NORTON, J. (1997/1998) – A oficina de talhe do sílex do Monte do Castelo (Leceia, Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 35-45.

CARDOSO, J. L. & PENALVA, C. (1979) – Vestígios de praia calabriana com indústrias da "Pebble Culture" no Alto de Leião – Paço de Arcos. *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*. Lisboa. 21 (2/3), p. 185-195.

CARDOSO, J. L. & SOARES, A. M. M. (1990/1992) – Cronologia absoluta para o campaniforme da Estremadura e do Sudoeste de Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 8/10, p. 203-228.

CARDOSO, J. L. & SOARES, A. M. M. (1996) – Contribution d'une série de datations 14 C, provenant du site de Leceia (Oeiras, Portugal), à la chronologie absolue du Néolithique et du Chalcolithique de l'Estremadura Portugaise. Actes du Colloque de Périgueux (Périgueux, 1995). *Supplément à la Revue d'Archéométrie (1996)*. Rennes, p. 45-50.

CARDOSO, J. L.; NORTON, J. & CARREIRA, J. R. (1996) – Ocupação calcolítica do Monte do Castelo (Leceia, Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 287-299.

- CARDOSO, J. L.; SILVA, C. Tavares da & SOARES, J. (2008) – A ocupação do Neolítico Antigo do povoado do Carrascal. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 16, p. 247-267 (Homenagem a O. da Veiga Ferreira).
- CARDOSO, J. L.; ZBYSZEWSKI, G. & ANDRÉ, M. C. (1992) – O Paleolítico do Complexo Basáltico de Lisboa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 3, p. 1-645.
- CARREIRA, J. R. (1994) – A Pré-História recente do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 2, p. 47-144.
- CARVALHO, A. M. F. & ALMEIDA, F. J. N. S. (1996) – Aspectos económicos da ocupação romana na foz do Tejo. *I Jornadas sobre Romanização dos estuários do Tejo e do Sado (Seixal, 1991)*. Actas. Câmara Municipal do Seixal/Publicações D. Quixote, p. 137-155.
- CHOFFAT, P. (1935) – *Carta Geológica dos Arredores de Lisboa (folha de Cascais) na escala de 1/50 000*. Lisboa. Serviços Geológicos de Portugal.
- COFFYN, A. (1985) – *Le Bronze Final Atlantique*. Paris: Diffusion de Boccard.
- COUTINHO, H. M. (1997) – *Terra Sigillata Clara do Montinho das Laranjeiras – 1990 e 1991*. Alcoutim: Câmara Municipal de Alcoutim.
- DUARTE, A. L. & RAPOSO, J. M. C. (1996) – Elementos para a caracterização das produções anfóricas da Quinta do Rouxinol (Corroios/ Seixal). *I Jornadas sobre Romanização dos estuários do Tejo e do Sado (Seixal, 1991)*. Actas. Câmara Municipal do Seixal/Publicações D. Quixote, p. 237-247.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (2001/2002) – Uma interessante inscrição romana de Laveiras (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras.10, p. 405-413.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (s/d) – Oeiras romana. A compreensível convivência. *Primeiros Encontros de História e Património (Oeiras, 2006-2007)*. Actas: Associação Cultural de Oeiras, p. 23-37.
- ESCHWEGE, G., Barão de (1831) – Memoria Geognostica ou golpe de vista do perfil das estratificações das diferentes rochas, de que he composto o terreno desde a Serra de Sintra na linha do Noroeste a Sudoeste até Lisboa, atravessando o Tejo até à Serra da Arrabida, e sobre a sua idade relativa. Appendice, por A. Vendelli. *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Lisboa. 11 (1), p. 253-280.
- FERREIRA, O. V. & FERREIRA, S. V. (1962) – Algumas notas histórico-arqueológicas sobre Oeiras. *Actas do 26º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Porto, 1962)*. Porto. Secção VII, p. 221-228.

- FONTES, J. (1912) – Subsídios para o estudo do Paleolítico português. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 17, p. 22-41.
- GOMES, J. L. & CARDOSO, J. L. (2005) – AS “Ferrarias del Rey em Barcarena: subsídios para a sua história. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 13, p. 9-194.
- GOMES, M. V. (1990) – O Oriente no Ocidente. Testemunhos iconográficos na Proto-História dosul de Portugal: smiting gods ou desuses ameaçadores. *Estudos Orientais*. Lisboa. 1, p. 53-106.
- GOMES, M. V.; CARDOSO, J. L. & ANDRÉ, M. C. (1996) – O mosaico romano de Oeiras. Estudo iconográfico, integração funcional e cronologia. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 367-406.
- GONÇALVES, V. S. & SERRÃO, E. C. (1998) – O povoado do Calcolítico Inicial do Alto do Dafundo – Linda-a-Velha. *Actas das III Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1977)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 75-96.
- GONÇALVES, M.J.; PEREIRA, V. & PIRES, A. (2008) – Ossos trabalhados de um Arrabalde islâmico de Silves: aspectos funcionais. *5.º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 2007)*. Actas. Silves: Câmara Municipal de Silves, 2, p. 187-214.
- GUERRA, A. (2009) – A propósito do topónimo “Oeiras”: algumas considerações linguísticas e históricas. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 17, p. 595-605.
- MATOS, J. L. (1970) – Cemitério romano de Sol Avesso, Oeiras. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 3, p. 191-194.
- MONTEAGUDO, L. (1977) – *Die Beile auf der Iberischen Halbinsel*. München: C. H. Beck'sche Verlagbuchhandlung.
- MORENO-GARCÍA, M.; PIMENTA, C.; GONÇALVES, M. J. & PIRES, A. (2006) – Evidência arqueozoológica de um ofício num Arrabalde da Silves islâmica: ossos, foices e fereiros. *3.º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 2005)*. Actas. Silves: Câmara Municipal de Silves, 1, p. 209-310.
- MÜLLER, R. & CARDOSO, J. L. (2008) – The origin and use of copper at the chalcolithic fortification of Leceia (Oeiras, Portugal). *Madrider Mitteilungen*. Wiesbaden. 49, p. 64-93.
- NOLEN, J. U. S. (1994) – *Cerâmicas e vidros de Torre de Ares – Balsa*. Lisboa: Instituto Português de Museus, 256 p.
- OLIVEIRA, C. F. (2003) – A Villa romana de Rio Maior. *Estudo de mosaicos*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. (Trabalhos de Arqueologia, 31).

OLIVEIRA, E. Veiga de; GALHANO, F. & PEREIRA, B. (1976) – *Alfaia agrícola portuguesa*. Lisboa: Centro de Estudos de Etnologia/Instituto Nacional de Investigação Científica.

OLLIVIER, J. (1945) – Une industrie d'aspect campignien parmi le paléolithique d'Amadora. *Bulletin des Études Portugaises*. Lisboa. 10 (1), p. 204-213.

PAÇO, A. do (1932. 1970) – Carta paleolítica e epipaleolítica de Portugal. Reedição em *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 1, p.121-143.

PAÇO, A. do (1940) – Revisão dos problemas do Paleolítico, Mesolítico e Asturiense. *Actas do Congresso do Mundo Português (Lisboa, 1940)*. Lisboa. 1, p. 129-158.

PEREIRA, F. A. (1933) – Duas lápides suburbanas de *Olisipo*. *Arquivo Histórico de Portugal*. Lisboa. 1 (3), p. 106-117.

QUINTELA, A. C.; CARDOSO, J. L.; MASCARENHAS, J. M. & ANDRÉ, M. C. (1995) – *A Fábrica da Pólvora de Barcarena e os seus sistemas hidráulicos*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.

RAPOSO, L. & CARDOSO, J. L. (2000) – A questão das primeiras ocupações humanas do território português, no quadro europeu e circum-mediterrânico: história das investigações, situação actual, perspectivas futuras. *Estudos do Quaternário*. Porto. 3, p. 57-72.

SCHIAVO, F. Lo (1991) – La Sardaigne et ses relations avec le Bronze Final Atlantique. *In*

CHEVILLOT, C. & COFFYN, A., eds. *Le Bronze Atlantique*. Beynac, p. 213-226.

SEAR, D. R. (1981) – *Roman coins and their values*. London: B. A. Seaby Ltd.

SEAR, D. R. (1981) – *Roman coins and their values*. London: Seaby Publications Ltd.

SEAR, D. R. (2000) – *Roman coins and their values, the Millenium edition*. London: Spink & Son.

SERRA, S. (2008) – *Castelo de São Jorge. Núcleo museológico*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa/EGEAC, EM.

SERRÃO, E. C. (1959) – Cerâmicas com ornatos brunidos a cores da Lapa do Fumo. *I Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, 1958)*. Actas. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1, p. 337-359.

SOARES, A. M. M. & CARDOSO, J. L. (1995) – Cronologia absoluta para as ocupações do Neolítico Final e do Calcolítico Inicial do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 263-276.

SOARES, A. M. Monge & CABRAL, J. M. Peixoto (1993) – Cronologia absoluta para o Calcolítico da Estremadura e do sul de Portugal. *1.º Congresso de Arqueologia Peninsular (Porto, 1993)*. Actas: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 2, p. 217-235.

SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1974/1977) – O Grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 7/9, p. 101-112.

SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1994/1997) – O Grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 7/9, p. 102-112.

VILAÇA, R. (1995) – Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa. 9, 2 vols.

ZBYSZEWSKI, G.; CARDOSO, J. L.; LEITÃO, M. & NORTH, C. T. (1995) – A jazida paleolítica do Reduto de Renato Gomes Freire (Alto da Barra) – Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 11-21.

ZBYSZEWSKI, G.; VIANA, A. & FERREIRA, O. da Veiga (1959) – Antigas prospecções arqueológicas realizadas na área de Carnaxide. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*. Porto. 41 (2), p. 114-120.

